

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

DÉBORA BATISTA ROCHA

SOBRE A APOSENTADORIA COMPULSÓRIA DE INDIANA JONES: UMA  
ANÁLISE SOBRE A ARQUEOLOGIA NO YOUTUBE ENTRE 2010 E 2019

LARANJEIRAS, SE — 2022

DÉBORA BATISTA ROCHA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Sobre a aposentadoria compulsória de Indiana Jones

Trabalho de Conclusão de Curso sob a forma de monografia, apresentado ao Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arqueologia, sob orientação do Prof. Dr. Bruno Sanches Ranzani da Silva.

LARANJEIRAS, SE — 2022

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a minha mãe por ter mostrado o quanto a educação pode ser transformadora e me apoiado em cada passo do caminho. A Ede, pelas incontáveis palavras e ações de incentivo. Eu poderia escrever outra monografia tentando expressar minha gratidão por vocês e ainda assim não seria suficiente.

Gostaria também de agradecer ao meu orientador Bruno Sanches por ter guiado este trabalho com infinita parceria e paciência. A Leandro Duran e Márcia Jamille por terem sido parte da inspiração para o tema e por aceitar participar da banca examinadora.

Por último, agradeço às “más companhias” de Laranjeiras por esses anos de convivência. Nossa morada conjunta foi muitas vezes caótica, mas ninguém pode reclamar de ter sido tediosa.

## RESUMO

Uma das preocupações da arqueologia pública é entender a relação entre a disciplina e a sociedade, e uma das maneiras de fazer isso é analisar como a mídia representa a profissão. Embora o modo como a arqueologia é representada nos meios de comunicação tradicionais seja alvo de estudo há décadas, existe uma lacuna de trabalhos que foquem nas redes sociais. Assim, o objetivo desta monografia é analisar como a disciplina e os profissionais são representados no *Youtube* entre os anos de 2010 e 2019. Através de uma seleção feita dos vídeos mais populares relacionados à arqueologia na plataforma, foi possível perceber que as teorias da conspiração arqueológicas possuem mais alcance entre o público do *Youtube* do que o conteúdo compartilhado por divulgadores científicos.

**Palavras-chave:** Arqueologia Pública; Divulgação científica; Youtube; Teorias da conspiração.

## ABSTRACT

One of the concerns of public archeology is to understand the relationship between the discipline and society, and one of the ways to do this is to analyze how the media represents the profession. Although the way archeology is represented in traditional means of communication has been studied for decades, there is a lack of studies that focus on social media. Thus, the aim of this research is to analyze how the discipline and professionals are represented on Youtube between the years 2010 and 2019. Through a selection made of the most popular videos related to archeology on the platform, it was possible to realize that archaeological conspiracy theories have more reach among the YouTube audience than content shared by archaeology professionals.

**Keywords:** Public Archaeology; Youtube; Conspiracy theories.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

<b>Figura 1</b> – Print dos resultados do Youtube.....	<b>35</b>
<b>Figura 2</b> – Arqueologia e Pré História #1.....	<b>40</b>
<b>Figura 3</b> – Arqueologia e Pré História #2.....	<b>41</b>
<b>Figura 4</b> – Arqueologia Alternativa #1.....	<b>42</b>
<b>Figura 5</b> – Arqueologia Alternativa #2.....	<b>43</b>
<b>Figura 6</b> – Arqueologia pelo mundo #1.....	<b>45</b>
<b>Figura 7</b> –Arqueologia pelo mundo #2.....	<b>46</b>
<b>Figura 8</b> – Arqueologia pelo mundo #3.....	<b>46</b>
<b>Figura 9</b> – Linhas de Nazca.....	<b>49</b>
<b>Figura 10</b> – Lâmpada de Dendera.....	<b>50</b>
<b>Figura 11</b> – Esferas de Klerksdorp.....	<b>55</b>
<b>Figura 12</b> – Mapa de Piri Reis de 1513.....	<b>56</b>
<b>Figura 13</b> – Pedras de Ica: humanos e dinossauros.....	<b>57</b>
<b>Figura 14</b> – Pedras de Ica: cirurgia cardíaca.....	<b>57</b>
<b>Figura 15 e 16</b> – Pegadas de Paluxy.....	<b>58</b>
<b>Figura 17</b> – Pirâmide do sol, Bósnia.....	<b>58</b>
<b>Figura 18</b> – Pedra de Ingá.....	<b>59</b>
<b>Figura 19</b> – Atlântida.....	<b>61</b>
<b>Figura 20</b> – Arthur evans.....	<b>62</b>
<b>Figura 21</b> – Estrutura de Richat.....	<b>64</b>
<b>Figura 22</b> – Arqueologia Bíblica #1.....	<b>68</b>
<b>Figura 23</b> – Arqueologia Bíblica #2.....	<b>68</b>
<b>Figura 24</b> – Gráfico de visualizações dos tópicos.....	<b>70</b>
<b>Figura 25</b> – Gráfico de visualizações das teorias da conspiração.....	<b>71</b>
<b>Figura 26</b> – Evidências NT.....	<b>72</b>
<b>Figura 27</b> – Comentários do vídeo: O Túmulo de Davi.....	<b>72</b>
<b>Figura 28</b> – Comentários do vídeo: O Tanque de Bethesda.....	<b>72</b>
<b>Figura 29</b> – Comentários do vídeo: Arqueólogos encontram selo que comprova veracidade de histórias da bíblia.....	<b>73</b>
<b>Figura 30</b> – Mundo Desconhecido.....	<b>74</b>
<b>Figura 31</b> – Comentário no vídeo: Arqueologia Proibida #1 a história que não te contam.....	<b>74</b>
<b>Figura 32</b> – Comentários no vídeo: Misterios inexplicaveis- Arqueologia proibida...74	
<b>Figura 33</b> – Comentário no vídeo: Arqueologia Proibida - Objetos fora do seu tempo -Ooparts.....	<b>75</b>

<b>Figura 34</b> – Comentário no vídeo: A história secreta da raça humana – Michael Cremo.....	<b>75</b>
<b>Figura 35</b> – Comentário no vídeo: Arqueologia Proibida.....	<b>75</b>
<b>Figura 36</b> – Comentários no vídeo: Tumba secreta em Machu Picchu   Alienígenas do Passado   History.....	<b>75</b>
<b>Figura 37</b> – Comentários no vídeo: Mistérios do Egito  Alienígenas do Passado History.....	<b>76</b>
<b>Figura 38</b> – Comentários no vídeo: Atlântida realmente existiu? Conheça a real história por trás dessa misteriosa cidade.....	<b>76</b>
<b>Figura 39</b> – Comentário do vídeo: Finalmente descoberta a localização da Cidade Atlântida - documentário 1ª parte.....	<b>77</b>
<b>Figura 40</b> – Comentário no vídeo: DOC: Atlântida - O Mistério dos Minóicos [Falado PT.....	<b>77</b>
<b>Figura 41</b> – Comentário no vídeo: Atlântida - A Cidade Perdida.....	<b>77</b>
<b>Figura 42</b> – Gráfico de visualizações da divulgação científica.....	<b>78</b>
<b>Figura 43</b> – Comentários no vídeo: Amuletos Egípcios   Ankh, Wedjat, deuses, Livros dos Mortos e etc.....	<b>79</b>
<b>Figura 44</b> – Comentários no vídeo: A Múmia de Akhenaton Foi Encontrada?.....	<b>80</b>
<b>Figura 45</b> – Comentário no vídeo: O que são sambaquis?.....	<b>80</b>
<b>Figura 46</b> – Comentário no vídeo: O que é arte rupestre brasileira?.....	<b>80</b>
<b>Figura 47</b> – Comentário no vídeo: 5 Sítios Arqueológicos Brasileiros que você deveria conhecer.....	<b>81</b>
<b>Figura 48</b> – Comentário no vídeo: 10 dicas para se tornar um arqueólogo (a).....	<b>81</b>
<b>Figura 49</b> – Comentário no vídeo: Especial André Prous.....	<b>81</b>
<b>Figura 50</b> – Comentários no vídeo: Dicas para se tornar arqueólogo(a) no Brasil...	<b>81</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>9</b>
2.1 CONTEXTO BRASILEIRO.....	11
2.2 ARQUEOLOGIA NA MÍDIA.....	12
2.3 ARQUEOLOGIA NA ERA DIGITAL.....	17
<b>3. YOUTUBE E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA.....</b>	<b>18</b>
3.1 YOUTUBE COMO FERRAMENTA DE DIVULGAÇÃO.....	21
3.2 O OUTRO LADO.....	24
<b>4. PSEUDOCIÊNCIA, <i>FAKE NEWS</i>, TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO E ARQUEOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>5. A VISÃO BINÁRIA ENTRE CIÊNCIA E PSEUDOCIÊNCIA.....</b>	<b>33</b>
<b>6. METODOLOGIA.....</b>	<b>35</b>
<b>7. ANÁLISE DOS VÍDEOS.....</b>	<b>38</b>
7.1 CANAIS ARQUEOLÓGICOS.....	39
7.1.1 ARQUEOLOGIA E PRÉ HISTÓRIA.....	39
7.1.2 ARQUEOLOGIA ALTERNATIVA.....	41
7.1.3 ARQUEOLOGIA PELO MUNDO.....	44
7.2 HIPÓTESES DA CONSPIRAÇÃO.....	47
7.2.1 ASTRONAUTAS DO PASSADO.....	47
7.2.2 ARQUEOLOGIA PROIBIDA.....	53
7.2.3 ATLÂNTIDA.....	60
7.2.4 ARQUEOLOGIA BÍBLICA.....	66
<b>8. DISCUSSÃO.....</b>	<b>69</b>
<b>9. CONCLUSÃO.....</b>	<b>81</b>
<b>10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>84</b>

## 1. Introdução

Após o processo de redemocratização brasileira na segunda metade da década de 1980, houve uma criação efetiva do que pode ser considerada uma Arqueologia Pública no país (FERNANDES, 2007). Sua principal preocupação é com a forma como a academia, as pesquisas arqueológicas e a sociedade se relacionam. Na perspectiva contemporânea, essa relação deve acontecer de forma crítica, plural e democrática, considerando os interesses da comunidade e tornando o conteúdo acessível. Além disso, profissionais da área devem estar atentos(as) aos conflitos de identidade e razões de preservação determinado patrimônio.

Outro aspecto importante da arqueologia pública vai além do modo como profissionais se comunicam com os leigos, inclui também entender de que forma o público enxerga a disciplina, quais aspectos lhe interessam e quais são suas interpretações a respeito dos arqueólogos/as e seus discursos (SILVA, 2011). Uma das maneiras de fazer isso é analisar os meios de comunicação em massa e como a arqueologia é representada na cultura popular.

Embora há décadas a arqueologia venha sendo veiculada em mídias como cinema, jornais, documentários e livros, a internet se tornou um meio poderoso de divulgação científica devido a seu alcance aos mais variados públicos e rapidez com a qual a informação é transmitida. Desde sua criação em 2005, o *Youtube* se tornou a plataforma mais popular de compartilhamento de vídeos. Além do entretenimento, na última década essa rede social vem sendo utilizada como uma forma alternativa de tentar democratizar a ciência em várias áreas do conhecimento. Arqueólogos e arqueólogas também estão inseridos nesse contexto. Nos últimos anos, esses profissionais têm utilizado o Youtube como meio de se conectar com o público, desmistificar o campo e divulgar pesquisas e informações sobre a área.

Enquanto isso, vídeos sobre ufoarqueologia, arqueologia proibida e circulação de notícias falsas também são extremamente populares na plataforma e contribuem para espalhar a desinformação e falta de credibilidade na disciplina. Obviamente, não é preciso ter um diploma em arqueologia para falar sobre ela. Entre o interesse em querer saber sobre o passado e a imagem aventureira propagada na cultura popular, muitas pessoas sentem curiosidade a respeito do que fazem os/as arqueólogos/as e procuram informações *online*. Muito do conteúdo disponível está

em forma de notícias, artigos e vídeos realizados por jornalistas ou entusiastas que compartilharam o que sabem com sua base de seguidores com o propósito de informar ou entreter. O problema surge quando o tema desses vídeos cai no campo da "pseudoarqueologia", termo amplo utilizado para classificar a arqueologia não científica que pode conter narrativas falsas.

O objetivo deste estudo é, portanto, entender de que maneira a disciplina foi representada nessa rede social entre os anos 2010 e 2019. Para isso, foi realizada uma análise dos vídeos produzidos por arqueólogos/as e aqueles feitos por não profissionais, além de uma comparação entre indicadores de popularidade (visualizações, comentários e "curtidas") para calcular o alcance e impacto dos diferentes tipos de conteúdo.

Essa pesquisa se justifica porque, embora a representação da arqueologia na mídia seja tema de análise entre pesquisadores há décadas, o uso das redes sociais para sua divulgação é relativamente recente. Ainda mais recentes são os estudos de como isso está sendo feito. É impossível tentar prever quais serão os impactos a longo prazo na disciplina e na percepção do público sobre ela, mas considerando a popularidade das redes sociais atualmente, acredito que seja importante saber como a arqueologia é representada e percebida por seus usuários.

Além da imensa popularidade do Youtube, o formato de vídeos permite a combinação atrativa entre imagens, sons e elementos textuais. Ademais, existe uma lacuna de trabalhos que discutam como a arqueologia vem sendo representada no Youtube e me proponho a analisar de que forma isso aconteceu na última década.

## **2. Fundamentação teórica**

Arqueologia Pública é um campo dedicado a compreender as relações entre a disciplina e a sociedade. Embora, em um primeiro momento, tenha sido pensada como forma de manejar patrimônios culturais, suas discussões contemporâneas vão muito além disso, abarcando as diferentes maneiras de como essa interação com o público acontece e reflexões sobre a responsabilidade social da arqueologia.

O termo foi popularizado na literatura em 1972 no livro *Public Archaeology*, escrito por Charles McGimsey. Nesse período, as ciências como um todo passavam por um processo de transformação no qual seu papel social foi colocado em questão, gerando debates sobre o assunto em várias áreas do conhecimento. Somando isso

ao contexto em que o patrimônio histórico e cultural dos Estados Unidos era rapidamente depredado e ilegalmente comercializado, os/as arqueólogos/as começaram a pensar em formas de evitar essa destruição (FERNANDES, 2007).

É nesse cenário que surge a Arqueologia Pública (AP). De acordo com Merriman (2004), o termo “público” pode ser definido de duas maneiras: a primeira é atrelada a um serviço prestado para e pelo Estado — que em uma democracia deve atender aos interesses da sociedade — e a segunda definição refere-se ao coletivo de pessoas que, ainda segundo o autor, representa um grupo ativo e tão diverso que, apesar de ocasionalmente seus interesses se alinharem, pouco apresentam em comum senão o fato de não serem arqueólogos/as profissionais.

Inicialmente, a arqueologia pública começou a atuar de acordo com a primeira definição. De modo a evitar pilhagem, destruição e comercialização ilegal de bens arqueológicos, o Estado passou a implementar medidas de proteção, conservação e gestão do patrimônio, o que acabou criando uma demanda maior para arqueólogos/as que pudessem dar conta da tarefa (FERNANDES, 2007). De acordo com a autora, isso gerou debates sobre como conduzir a educação formal da disciplina e quais condutas morais e éticas deveriam ser adotadas por esses profissionais, além de evidenciar um problema que já existia: o distanciamento com a população leiga.

Sendo assim, discussões a respeito de como alcançar o público ganharam espaço na academia. De modo a reafirmar a importância do trabalho arqueológico, foram realizados esforços multidisciplinares com a museologia, história, campos da educação e da comunicação para que houvesse uma maior aproximação entre a nossa área e aqueles que supostamente eram beneficiados por ela. Essas tentativas, no entanto, renderam resultados abaixo do esperado. Isso porque, voltando a Merriman (2004), enquanto os/as arqueólogos/as reclamam que a população não conhece a arqueologia, o contrário também é verdade e a arqueologia tem sido ineficiente em se comunicar com os não-arqueólogos.

Essa constatação acarretou debates internos que procuravam entender como o público enxerga a arqueologia. Ademais, lutas sociais como as reivindicações dos povos indígenas, movimento negro, feminista e LGBTQIA+ conquistaram espaço nas discussões e interpretações, eventualmente levando arqueólogos/as à conclusão de que não existe *um* público esperando para ser educado, mas vários

públicos, com suas próprias concepções e expectativas prévias em relação à disciplina e o que ela tem a oferecer (MERRIMAN, 2004).

A Arqueologia Pública, então, consolida-se como o campo encarregado de entender esses públicos, estabelecer diálogos, mediar conflitos e fazer negociações entre a sociedade e o conhecimento gerado pela Arqueologia.

## **2.1 Contexto brasileiro**

Embora o estudo arqueológico já estivesse sendo realizado no Brasil desde o século XIX, foi apenas a partir do século XX que a arqueologia acadêmica se desenvolveu através de políticas preservacionistas que se colocavam em oposição ao rápido deprecamento do patrimônio nacional causado pelo processo industrialização (FERNANDES, 2007).

Funari e Carvalho (2007) consideram que foi a partir da segunda metade da década de 1980 que a Arqueologia Pública como conhecemos hoje tomou forma. Além do progresso em termos de lei e profissionalização das décadas anteriores, havia uma nova geração de arqueólogos/as no Brasil, munidos/as não apenas com os conhecimentos técnicos mas também com bagagem teórica influenciada pelos debates pós-processuais e pós-modernistas acontecendo dentro e fora do país. A arqueologia pós-processual, de acordo com Diniz (1996), se caracteriza pela oposição de alguns dos pilares do processualismo, dentre eles: o passado único dá lugar a narrativas múltiplas, é assumido o papel social e a subjetividade do cientista em vez da neutralidade objetiva, e é reconhecida a agência humana em vez de suas ações serem determinadas pelo ambiente em que vivem.

Ademais, com o processo de redemocratização a partir de 1985 e os movimentos sociais que o acompanhou, para além da divulgação do trabalho arqueológico, esses profissionais passaram a refletir sobre os objetivos e métodos dessa divulgação, o que ela significava para a disciplina e para a sociedade. Considerando o caráter destrutivo da escavação, o compartilhamento das descobertas foi considerado como parte da responsabilidade ética e moral do/da arqueólogo/a, cumprindo seu dever perante à sociedade e aos futuros profissionais (FERNANDES, 2007).

Assim, entendo arqueologia pública (AP) como a relação entre arqueólogos/as e a sociedade. Compreendo, também, que esse público é heterogêneo e diverso, não

sendo meros receptores dessas informações, mas sim agentes ativos que interagem com o conhecimento e podem ajudar a construí-lo (MERRIMAN, 2004). A definição da AP utilizada aqui é ampla, mas no escopo deste trabalho irei trazer o foco para a imagem da arqueologia na mídia e nas redes sociais.

## **2.2 Arqueologia na mídia**

Desse processo de “abertura” da arqueologia para o grande público, surge o interesse em saber como os meios de comunicação representam a disciplina ao longo dos anos (HOLTORF, 2007). O que foi constatado, já na segunda metade do século XX, é que a arqueologia é um assunto extremamente popular. Sua aparição perpassa pela maioria, senão todas as mídias amplamente consumidas hoje em dia, tais como: jornais impressos, livros (*Morte no Nilo*, *Morte na Mesopotâmia* e obras não fictícias como *Deuses, Túmulos e Sábios* e *Uma Breve História da Arqueologia*) videogames (*Uncharted*, *Tomb Raider*), programas de televisão (*Time Team*; *Animal*, *Vegetable*, *Mineral?*) e documentários (da BBC e *Discovery Channel*), filmes (a franquia *Indiana Jones*, *A Escavação*, *Assim na Terra Como no Inferno*, *A Múmia*), quadrinhos (*As Aventuras de Tintim: O Ídolo Roubado*; *Os Charutos do Faraó*), peças de teatro (*A Estátua Amazônica*), desenhos (*As aventuras de Jackie-Chan*) e, mais recentemente, em blogs e *websites* na internet.

Apesar da variedade de representação tanto nos veículos de notícias quanto na cultura popular, os profissionais da área não sentem que essa imagem faz justiça à arqueologia ou aos arqueólogos/as. O problema, então, não estaria na quantidade, mas na qualidade dessa representação.

De acordo com Silva (2011), a desconfiança da arqueologia em relação à mídia data desde a década de 1930. Nos veículos tradicionais de transmissão de notícias como os jornais televisivos e impressos, apesar de existir a circulação de notícias sobre escavações locais, é comum o desentendimento entre arqueólogos/as e jornalistas. Estes são acusados de transmitir a mensagem de forma equívoca ou sensacionalista com o intuito de atrair mais leitores/telespectadores, ao ponto da disciplina ficar mais parecida com as obras fictícias do que com o trabalho arqueológico moderno (SILVA, 2011; HOLTORF, 2005, 2007).

Considerando o aumento significativo das pesquisas arqueológicas após a implantação da portaria 230 do IPHAN em dezembro de 2002, regulamentando a

arqueologia preventiva (ZANETTINI 2009 *apud* TEGA-CALIPPO, 2012), a jornalista e mestra em divulgação científica Glória Tega-Calippo resolveu verificar se o número de matérias sobre a disciplina tinha crescido junto com as pesquisas. Para isso, a autora escolheu o jornal *Folha de São Paulo*, periódico de circulação em todo o território nacional, com sede no estado em que o maior número de pesquisas arqueológicas era realizado. O levantamento foi feito entre os anos 2000 e 2010, totalizando 935 textos.

Após a análise, Tega-Calippo constatou que, salvo no ano 2000, o número de matérias sobre arqueologia internacional foi muito maior do que aquelas sobre o Brasil. Ela percebeu, também, que a quantidade de matérias arqueológicas fica aquém do crescimento das pesquisas no país. Ao discutir as possíveis causas, a autora pondera se haveria falta de interesse pela divulgação por parte dos arqueólogos, ou ausência de familiaridade dos jornalistas com o mundo arqueológico, que como consequência

acabam se interessando pelas mesmas pesquisas científicas, como aquelas realizadas em Lagoa Santa, Serra da Capivara ou Floresta Amazônica, ou se preocupam apenas em formular matérias que possam retratar o caráter “antigo” e grandes descobertas. Talvez por isso a palavra “antigo” e suas variações estejam quase sempre presentes nas linhas dos textos publicados na Folha sobre as pesquisas arqueológicas realizadas no Brasil (TEGA-CALIPPO, 2012 p.58).

A imagem da arqueologia na cultura popular, por sua vez, também já foi alvo de críticas dos arqueólogos e arqueólogas. Em sua obra *Archaeology is a brand!* (“Arqueologia é uma marca!”), Cornelius Holtorf faz um estudo sobre a imagem da disciplina na cultura popular ocidental. Segundo o autor, salvo exceções, é possível notar o trabalho arqueológico representado em quatro categorias:

1) arqueologia como uma aventura – profissional como explorador em algum lugar exótico em busca de conhecimento, superando as dificuldades e triunfando no final. A exemplo de Indiana Jones, esses profissionais/heróis são quase sempre homens brancos que representam ideais neocoloniais e imperialistas de poderosas nações ocidentais. Nessa representação, os nativos do lugar “exótico” são tratados como bárbaros pertencentes a um nível de civilização inferior, mal tendo um papel relevante na história. Ao final, o artefato é “resgatado” pelo pesquisador e levado a uma instituição de seu país de origem em nome do avanço da ciência.

2) Arqueólogo enquanto detetive: em um paralelo frequentemente traçado nos livros de Agatha Christie, a arqueologia é, em muitos aspectos, semelhante à criminologia. Somos considerados detetives do passado, tratando o sítio como uma cena de crime e os artefatos como testemunhas e, a partir de uma investigação minuciosa, seríamos capazes de descobrir o que se passou naquele lugar há centenas ou milhares de anos. O problema com essa visão está centrada no ideal positivista de que os fatos estão ali, esperando para serem descobertos caso a ciência correta seja aplicada, desconsiderando os aspectos subjetivos da interpretação arqueológica.

3) Guardiões do patrimônio e protetores de artefatos: esse é o aspecto que tem mais destaque nos veículos de comunicação, embora também tenha alguma participação nas obras de ficção. Arqueólogos e arqueólogas, nesse caso, são representados como trabalhadores dedicados, com frequência lutando contra alguma empresa ou instituição gananciosa, vândalos e outros agentes determinados a destruir a herança cultural. Curiosamente, essa imagem não traz tanta controvérsia entre profissionais da área quanto as duas apresentadas acima.

4) Revelações profundas: temas como significado da vida, religião e morte geram grande interesse no grande público, assim como as discussões sobre como essas coisas eram tratadas por diferentes populações no passado. É principalmente nesse campo que obras com o cunho “pseudoarqueológico” ganham espaço.

Holtorf também dedica uma seção para falar sobre a escolha do guarda-roupa dos arqueólogos. Calça caqui cheia de bolsos, chapéu, botas de couro e, se possível, uma pistola ou um facão ao lado do corpo. Essa imagem é associada ao trabalho de campo. Quanto aos acadêmicos, os tons beges são substituídos por roupas formais, como terno e gravata, óculos e barba. Embora esses sejam estereótipos extremos, que Alfred Kidder classificou como arqueólogos de “peito peludo ou de queixo peludo”, o autor argumenta que essas roupas não são tão diferentes do que profissionais reais costumam usar para se apresentar na mídia, e que

arqueólogos não são simples vítimas de um mundo onde a moda está sempre à espreita por novos desfiles temáticos, eles são atores, construtores e reprodutores de um estereótipo de sua profissão, e isso deve ser mantido em mente quando se trata de aparecer nas câmeras. (SILVA, 2011. p.75)

Por sua vez, se tratando de estereótipos, uma parte significativa de profissionais os consideram prejudiciais à disciplina. No frequentemente citado artigo “Indiana Jones deve morrer”, Paulo Zanettini aponta que a imagem veiculada na mídia e a geral falta de informação sobre o real trabalho arqueológico difundem uma “visão errônea do arqueólogo, da atividade que ele exerce e ainda do seu objeto e método de trabalho” (ZANETTINI, 1991 p.4).

Retomando brevemente os mencionados exemplos de arqueologia na cultura popular, não é difícil enxergar o que Zanettini quis dizer, mesmo após mais de vinte anos desde a publicação da matéria. Apesar das produções mais recentes terem feito certo esforço para fugir dos estereótipos, é possível perceber que as obras mais “clássicas” que possuem arqueologia como tema central ou importante para a trama, são aquelas que reforçam a imagem do aventureiro em um ambiente exótico com pouco ou nenhum respeito pelas pessoas ou cultura locais, com o foco direcionado apenas em recuperar artefatos e enfiá-los em um museu. Ainda assim, não se deve ignorar o fato de que a própria arqueologia contribuiu para disseminar essas imagens para o público.

Silva (2011) lembra que os primeiros arqueólogos do século XIX não eram assim tão diferentes do personagem interpretado por Harrison Ford. Heinrich Schliemann, responsável pela descoberta da cidade mítica de Tróia, por exemplo, vendeu para a mídia a biografia de um explorador solitário, que havia persistido em sua busca apesar das dificuldades e alcançado resultados extraordinários. As primeiras escavações no Egito e no Oriente Médio também revelaram tumbas, estátuas, ruínas e outros vestígios de fantásticas civilizações antigas. Os veículos de comunicação, notando o elevado interesse que esses assuntos geravam, contribuíam para espalhar a popularidade da arqueologia além do ambiente acadêmico. Portanto além das notícias em jornais impressos, livros para o público leigo foram publicados e programas de rádio e televisão faziam sucesso com a audiência (HOLTORF, 2007).

Nota-se, portanto, que a imagem da arqueologia na mídia é um pouco como o dilema do ovo e da galinha. A representação da disciplina em seus primórdios era uma de exotismo e aventura, com a promessa de gerar respostas sobre o passado. Os veículos de comunicação e cultura popular se aproveitaram de seus aspectos mais atrativos para chamar a atenção do público, gerando nele uma expectativa do

que a arqueologia deveria ser, culminando em um longo processo de retroalimentação (SILVA, 2011). Essa imagem, por sua vez, permaneceu relativamente inalterada mesmo enquanto os/as profissionais e a ciência em si foram se modificando ao longo dos anos, mas arqueólogos e arqueólogas não fizeram um esforço real para entender como o público não especializado enxergava a disciplina até o movimento que ficou conhecido como Arqueologia Pública.

Apesar de fazer certas ressalvas e reconhecer como os estereótipos podem afetar negativamente a reputação do trabalho arqueológico, Holtorf é um dos autores que considera sua popularidade como uma coisa positiva. Ele argumenta que a “arqueologia acadêmica deve sua própria existência e posição a um fascínio popular pela arqueologia que é amplamente compartilhado, e não o contrário” (HOLTORF, 2005 p.12)<sup>1</sup>. O autor considera que a disciplina é tão popular por ter uma imagem atrativa e pelas possibilidades que pode gerar. A arqueologia é, portanto, mais sobre o presente e as pessoas no presente com seus medos, sonhos e anseios, do que sobre o passado. As representações na cultura popular não devem ser analisadas de forma literal, mas metafórica, onde o processo arqueológico é mais importante do que a descoberta em si.

Em outras palavras, o “apelo” popular da metodologia, sítios e artefatos arqueológicos é menos por causa de sutis características do material original, e mais devido a experiências estéticas e metáforas mais amplas. (HOLTORF, 2005. p.150)<sup>2</sup>

Considerando o exposto, é mais proveitoso trabalharmos com o fato de que o público já possui suas próprias concepções e expectativas em relação à arqueologia do que forçar sobre ele o modelo acadêmico (MERRIMAN, 2004). Independentemente de gostarmos ou não da representação da disciplina nos veículos de comunicação, o fato é que o que dizemos e fazemos extrapola a esfera profissional e “o discurso que é gerado a partir do trabalho arqueológico ainda é nossa responsabilidade” (SILVA, 2011 p.82). E, como argumenta Holtorf (2007), ainda que não seja a mesma das obras de ficção, a arqueologia profissional tem uma imagem atrativa para oferecer: é capaz de cativar e proporcionar experiências significativas para sua audiência, nós só precisamos encontrar maneiras de

---

<sup>1</sup> Tradução minha. Original: “[...]academic archaeology owes its own existence and establishment to a widely shared popular fascination with archaeology, rather than vice versa.”

<sup>2</sup> Tradução minha. Original: “In other words, the popular appeal of archaeological methodology, sites, and artifacts is less due to some subtle characteristics of the source material or the subject matter and relies more on broader aesthetic experiences and metaphors.”

estabelecer diálogos efetivos com o público, em vez de esperar que ele simplesmente se torne melhor em atender os nossos interesses. Dessa forma, todos poderão desfrutar da arqueologia.

Silva (2011), propõe que devemos trabalhar em um meio-termo. Já que não podemos fugir da cultura de massas e que o público inevitavelmente irá se apropriar dos discursos arqueológicos de diferentes maneiras, os/as profissionais da área precisam trabalhar para conquistar espaço nas diversas mídias (sempre, é claro, levando em consideração o público com o qual está tentando se comunicar). Além disso, “abordar o público através das visões criadas pela mídia, sem fugir da crítica que a ética profissional nos encarga, pode ser uma maneira muito mais efetiva (justamente porque é afetiva) de conectar-se ao público.” (SILVA, 2011 p.81).

### **2.3 Arqueologia na era digital**

Apesar dos estudos que falam sobre a arqueologia nas mídias tradicionais serem vastos, as discussões a respeito da presença da disciplina *online* ainda são recentes. Considerando que cada vez mais aparelhos móveis são capazes de estabelecer uma conexão com a internet e que o número de usuários nas redes sociais vem crescendo a cada ano (*WE ARE SOCIAL, 2022*), é importante analisar de que forma elas impactam na arqueologia, seus profissionais e seu público.

O conteúdo transmitido através dos meios tradicionais de comunicação em massa necessita de terceiros (como editoras de livros, jornais e apresentadores de TV) para mediar o que é dito pelos profissionais, uma vez que seu conteúdo é programado para atender a um público amplo. Enquanto esse formato não deixa muito espaço para debates e respostas, a internet viabiliza um contato mais direto entre arqueólogos/as e sua audiência (TEGA-CALIPPO, 2022).

Portanto, considerando a quantidade de usuários e a variedade nas formas em que essa comunicação pode acontecer, seja ela através de vídeos, conversas em fóruns, postagens em blogs e nas redes sociais, não é surpreendente que a ciência tenha passado a utilizar essa ferramenta como forma de divulgação nos últimos anos e a arqueologia está inserida nesse contexto.

Até então, a disciplina tem aparecido em *sites* oficiais de instituições como museus e universidades, revistas como a *SAB*, *Nature* e *National Geographic*, em jornais digitais, plataformas de publicação de pesquisas e até mesmo blogs e sites

administrados por arqueólogos/as (MORENO DE SOUSA, 2018). Além disso, fora do meio profissional, temos matérias em blogs, canais no *Youtube* e postagens em redes sociais publicados por pessoas fora do meio acadêmico, compartilhando informação por uma variedade de motivos.

Pelo lado positivo, a possibilidade de ter contato direto com o público pode ser um caminho para solucionar o mencionado problema do desentendimento entre arqueólogos e jornalistas. Acessar o conteúdo através de um dispositivo pode ser mais viável para o cidadão comum do que ter tempo e recursos para comparecer a museus, eventos ou mesmo ler o material acadêmico. Além disso, a forma como a rede funciona não apenas permite, mas encoraja o engajamento e o diálogo com o público, o que pode gerar debates interessantes, tirar dúvidas a respeito da disciplina e ajudar a desmistificá-la (MORENO DE SOUSA, 2018). Pelo lado negativo, é muito fácil espalhar notícias falsas ou desatualizadas, podendo agravar ainda mais o problema da desinformação e até representar perigo, dependendo de como o discurso arqueológico é interpretado e passado adiante. Entrarei em maiores detalhes sobre este assunto posteriormente.

O ponto é que a internet tem sido cada vez mais utilizada pelos próprios profissionais para divulgar a arqueologia. Tega-Calippo (2022) publicou um artigo que mostra que a necessidade da quarentena em decorrência da pandemia de Covid-19 acarretou em uma intensificação do uso das redes sociais para criar, compartilhar e promover o conteúdo arqueológico.

Neste trabalho, no entanto, pretendo focar no uso do *Youtube* especificamente, e analisar o que e como a arqueologia foi representada nessa plataforma ao longo de dez anos.

### **3. Youtube e divulgação científica**

Ao longo dos anos, o significado da divulgação científica e a forma de realizar essa atividade sofreram modificações e ainda não existe um consenso na literatura. Já chamada de “popularização da ciência”, “alfabetização científica” e “engajamento público na ciência”, só para citar alguns exemplos, atualmente o termo mais utilizado no Brasil para se referir à atividade de democratizar o conhecimento acadêmico é a divulgação científica (DUARTE, 2019; SANTOS, 2021). Em sua forma atual, ela envolveria um esforço multidisciplinar através de diversos meios para levar conteúdo

a um público voluntário, comunicando-o de forma fiel mas contextualizada ao tipo de audiência e da mídia na qual está sendo veiculado (DUARTE, 2019; SANTOS, 2021).

Além disso, essa divulgação deve acontecer em forma de diálogo em vez de uma simples transmissão. A ciência, portanto, não deveria ser tratada como mercadoria e chegar aos “clientes” em sua versão final, mas também ser transparente quanto aos métodos, processos de construção do conhecimento e com as incertezas, para que as pessoas possam interagir criticamente com ela e se beneficiar com seus resultados (REALE, 2018). No entanto, essa versão da divulgação científica ainda é idealizada.

Brossard e Lewenstein (2010) sistematizaram quatro modelos para os esforços de comunicar a ciência com o público: 1) *o modelo de déficit*: entende que há lacunas do conhecimento científico na população e é dever dos cientistas preenchê-las. Desconsidera os contextos culturais e sociais do público e hierarquiza o conhecimento, tratando as pessoas como meros receptores passivos sem nada a contribuir. 2) *o modelo contextual*: considera a realidade da audiência e se preocupa em adaptar o conteúdo de acordo com os interesses e contexto social do público, mas mantém a relação transmissor → receptor do conhecimento do modelo de déficit. 3) *o modelo expertise leiga*: valoriza os conhecimentos do público e considera que é tão relevante para a resolução de problemas quanto o científico, mas é criticado por ser considerado “anti-ciência” ao colocar saberes locais acima do conhecimento científico obtido de maneira confiável. Além disso, não fica claro como esse modelo contribui para o entendimento do público na ciência. 4) *o modelo de engajamento público*: a contribuição popular é considerada fundamental para a construção e divulgação da ciência, estendendo o direito e a responsabilidade de tomar decisões científicas para os cidadãos e colocando-os no mesmo nível de importância que os especialistas. Apesar de buscar uma construção democrática do conhecimento, esse modelo é criticado por ser excessivamente político.

Cada um possui suas vantagens e desvantagens e, na prática, os autores concluíram que, apesar da sistematização, nem sempre há uma divisão clara na aplicação dos métodos de divulgação (BROSSARD e LEWENSTEIN, 2010). Até as últimas décadas do século XX, o modelo mais comum era o de déficit e, apesar das críticas, ainda é amplamente utilizado. Isso porque, até recentemente, predominava

a visão de uma separação abismal entre o conhecimento científico e a população leiga. O cientista, portanto, teria a missão nobre de traduzir esse conhecimento para o que se pensava ser uma massa passiva e homogênea (SANTOS, 2021).

Os motivos para essas tentativas de popularização são diversos e ocorreram de distintas formas ao longo do tempo, mas foi no século XX que ela tomou uma forma mais parecida com a que conhecemos hoje. As devastações causadas pelas guerras ocorridas nesse século mostraram à humanidade que o conhecimento científico e o avanço tecnológico podem trazer consequências negativas, forçando cientistas a avaliarem seu papel ético e social e a população como um todo a pensar na ciência de forma mais crítica. Ao mesmo tempo, esse foi um período cheio de descobertas e criações tecnológicas. Assim, por questões políticas, econômicas e sócio-democráticas, tornou-se necessário intensificar os esforços de divulgar a ciência para obter apoio do público e integrá-lo no processo (DUARTE, 2019; Santos 2021).

Os diferentes meios de comunicação de massa que surgiram e se popularizaram ao longo do século passado como a televisão e o rádio ajudaram nesses esforços, uma vez que são capazes de alcançar diversos setores da sociedade dentro de suas casas e possibilitam formas mais dinâmicas de engajar o público. Divulgar a ciência, então, se consolida como matéria de interesse acadêmico e uma atividade profissional, realizada por jornalistas, cientistas e apresentadores através das mais variadas mídias (DUARTE, 2019; SANTOS 2021). Ainda no fim do século XX, surgiu a internet, que veio para potencializar e modificar o modo como a divulgação científica funciona.

Os meios tradicionais de comunicação de massa tendem a abordar sua audiência de forma unilateral e, ainda que se admita que ela não é uma massa homogênea e passiva, a interação é mais complicada. Já a internet, principalmente depois do advento da Web 2.0 (ou web participativa), fornece uma plataforma a todas as pessoas que possuem um dispositivo móvel e conexão com a rede, oferecendo a oportunidade para o indivíduo procurar e gerar conteúdo e permitindo diálogo mais rápido e direto entre criadores e sua audiência (TEGA-CALIPPO, 2022).

O alcance da internet também é muito mais amplo do que as mídias tradicionais, podendo chegar até públicos mais variados em diferentes partes do mundo. Pode transmitir conteúdo em texto, áudio, vídeo ou uma combinação dos três, permitindo

atender as preferências pessoais dos usuários. Apesar da exclusão digital ainda ser uma realidade, o número de acessos à internet vem aumentando a cada ano globalmente, atingindo a marca de 4.95 bilhões de usuários em 2022, correspondendo a 62,5% da população mundial (WE ARE SOCIAL, 2022).

No Brasil, o Cetic (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), instituição responsável por desenvolver estatísticas sobre o uso da internet, revelou que seu uso é mais frequente em áreas urbanas e entre pessoas com maiores recursos financeiros. Essa diferença, no entanto, também vem diminuindo a cada ano. De acordo com um estudo publicado em agosto de 2021, o país alcançou a marca de 152 milhões de usuários, o que corresponde a 81% da população acima dos 10 anos e um aumento de 7% em relação aos resultados obtidos em 2019 (CETIC, 2021).

Com números tão expressivos, não é surpreendente que a ciência e sua divulgação também tenham migrado para o ambiente *online*. A web 2.0 e seu funcionamento interativo poderiam proporcionar o diálogo entre o conhecimento científico e o público, aproximando a atividade da divulgação científica do modelo ideal apresentado anteriormente. Como veremos mais adiante, esse ainda não é o caso, mas a internet de fato possibilitou maior velocidade e praticidade no armazenamento e compartilhamento de dados entre cientistas e seus pares, além de descentralizar a atividade de divulgar seus resultados. Agora, além da comunicação partir de cientistas e suas instituições e serem mediadas por jornalistas ou educadores, elas podem partir de pessoas não especializadas em blogs, fóruns e nas redes sociais (DUARTE, 2019).

### **3.1 Youtube como ferramenta de divulgação**

No início, devido a limitações de banda larga e processamento de computadores, a maior parte do conteúdo da internet era composto por texto e imagens. Conforme a tecnologia foi avançando, ocorreram algumas tentativas de ampliar a variedade de mídias e surgiram os primeiros esforços na criação de espaços onde se pudesse compartilhar e consumir vídeos (SANTOS, 2021). Nesse contexto, em 2005 o Youtube foi criado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim. Sua interface simples e proposta inovadora rapidamente atraíram milhões de usuários e em 2006 foi comprado pelo Google pelo valor de 1,65 bilhão de dólares.

A popularidade da plataforma continuou a crescer e atualmente é a segunda mídia social mais utilizada no mundo, perdendo apenas para o Facebook e a segunda maior ferramenta de busca, ficando atrás apenas do Google (*WE ARE SOCIAL*, 2022). No Brasil, de acordo com os dados disponibilizados pelo próprio *Youtube*, a quantidade de usuários mensais entre 18 e 64 anos chegou a 105 milhões em 2020. Embora impressionante, os números reais devem ser ainda maiores se considerarmos a quantidade de crianças e adolescentes que acessam a plataforma.

Percebendo o potencial, profissionais de diversas áreas do conhecimento decidiram usar o *Youtube* para realizar a divulgação científica. Além do amplo alcance, ele permite contato direto com a audiência através de “curtidas” e comentários, onde usuários podem fazer elogios, críticas, sugestões e até mesmo pedir algum conteúdo específico. Há, ainda, a possibilidade de criadores de conteúdo monetizarem seu trabalho permitindo que anúncios sejam transmitidos em seu canal, através de venda de produtos ou até mesmo doações e patrocínios. Apesar da concorrência, canais científicos gozam de certa popularidade, chegando a impressionantes marcas de milhões de inscritos.

O formato muda de canal para canal. Alguns como Débora Aladim e Paulo Jubilut fazem a maior parte de seus vídeos com assuntos de sua formação específica, com eventuais dicas de como estudar e passar em vestibular e ENEM. Outros como “Me Salva!” e “Descomplica” também tem uma abordagem mais voltada para estudantes do ensino fundamental e médio, porém contam com professores de várias áreas do conhecimento abordando um tema por vídeo. Existe uma variação desses tipos de canais com dicas e temáticas que miram no público adulto concurseiro e instituições como museus e universidades também usam a plataforma para postar *lives*, aulas, mesas redondas e debates mais aprofundados sobre variados assuntos.

Bem populares também são canais como “Manual do Mundo”, com vídeos que variam desde receitas a experimentos simples, e o “Nerdologia”, que apesar de não focar em uma área específica, traz discussões científicas aliadas à cultura pop.

A arqueologia não ficou de fora desse movimento. Em outro capítulo, será abordado em mais detalhes o conteúdo sobre a disciplina que tem disponível na plataforma, mas uma busca superficial no Youtube, usando apenas o termo “arqueologia”, rende milhares de resultados, que variam desde postagens em canais de profissionais da

área, grupos de pesquisa e instituições de ensino, até vídeos em canais de curiosidade.

A divulgação científica no Youtube, portanto, já vem acontecendo há algum tempo, mas as pesquisas sobre o modo como é feita, seu impacto e eficácia ainda são recentes. Contudo, com o aumento constante no número de usuários na rede social e o crescimento de canais com conteúdo científico (alguns possuem milhões de inscritos), o tema tem ganhado relevância na comunidade acadêmica (REALE, 2018; DUARTE, 2019; SANTOS, 2021). Nesses estudos, é constatado o tremendo potencial da plataforma, mencionado anteriormente, mas também atentam para o fato de que o Youtube está longe de ser uma ferramenta ideal de democratização do conhecimento.

Apesar da proposta de oferecer um lugar para que todos se expressem igualmente, um levantamento feito por Santos (2021) em sua dissertação mostra que boa parte dos divulgadores científicos ainda são da região sudeste (com foco especial em São Paulo), homens brancos com menos de cinquenta anos. Isso não quer dizer que pessoas de outras regiões, mulheres, pessoas negras ou indígenas não estejam na plataforma, mas aparecem em menor número. O autor acredita que um possível motivo para isso é que o estereótipo do cientista ainda está vivo na mente das pessoas, fazendo com que esses pré-conceitos acabem migrando para o ambiente digital e a audiência seja mais hostil com aqueles que não se encaixam no perfil esperado.

E mesmo com os canais que conseguem se manter no Youtube, o modo como o algoritmo<sup>3</sup> de busca funciona, recomendando e tornando mais relevante os vídeos com mais engajamento, pode ser prejudicial aos divulgadores científicos que precisam competir com os outros tipos de conteúdo. Há uma preferência por vídeos curtos, o que nem sempre é possível caso a discussão necessite de maior aprofundamento. Além disso, temas polêmicos acabam sendo mais visualizados e mais comentados, logo se espalham com maior facilidade e alcançando um público maior (SANTOS, 2021).

---

<sup>3</sup>São sequências de etapas para que uma tarefa seja realizada. Na tecnologia, pode ser usado para programar aparelhos eletrônicos e mediar a experiência do usuário na internet através da análise de preferências, padrões de comportamento ou algum outro critério definido a partir dos interesses daqueles que os programaram. Mais informações em: <https://www.techtarget.com/whatis/definition/algorithm>

Isso se torna um problema para a divulgação científica porque, apesar de poder ser utilizado dessa forma, o Youtube não foi pensado como ferramenta de educação, mas de entretenimento. No fim das contas, trata-se de uma empresa cujo objetivo final é gerar lucro, portanto é designado para manter os usuários o maior tempo possível na plataforma independentemente do conteúdo que está sendo consumido (REALE, 2018).

### **3.2 O outro lado**

A proposta do Youtube é oferecer um espaço onde qualquer pessoa munida de equipamento básico e conexão com a internet possa não apenas consumir, mas gerar conteúdo. Assim como professores, jornalistas, estudantes e entusiastas de algum assunto podem utilizar a plataforma com o propósito de divulgar a ciência, esse mesmo espaço pode ser utilizado para espalhar desinformação, *fake news*, e teorias da conspiração.

Ao contrário dos veículos tradicionais de mídia, os vídeos na internet não passam pela verificação de pares ou controle de qualidade. E embora não seja incomum que programas de TV ou jornais reproduzam conteúdo nocivo, é mais garantido que os envolvidos sejam obrigados a se retratar e assumir responsabilidade. Esse tipo de moderação nas redes sociais é muito mais difícil, de modo que no mesmo lugar coexistem pessoas explicando o funcionamento de anticorpos e vacinas enquanto outras tentam convencer sua audiência que a vacinação não passa de um plano para implantar um microchip de controle na população.

Outro fator observado são os chamados “filtros bolhas” ou “câmaras de eco”. Visando otimizar a experiência do usuário, muitas redes sociais como o *Youtube* traçam um perfil de navegação para cada pessoa, rastreando o tipo de conteúdo que mais lhe interessa. Como consequência, os algoritmos acabam gerando “bolhas” nas quais os usuários, embora não sejam forçados a consumir o conteúdo que lhes é sugerido, acabam sendo redirecionados para perfis e vídeos que se alinhem com seus ideais e interesses pré-concebidos (SANTOS, 2021; REALE, 2018).

Ainda é difícil falar em números exatos porque os estudos são recentes, mas uma pesquisa exploratória feita por Fontes (2021) comparando a popularidade entre vídeos científicos e pseudocientíficos mostrou que, proporcionalmente, estes últimos

criaram mais dentre os 6007 vídeos analisados. Os divulgadores científicos entrevistados por Santos (2021) também falaram sobre a dificuldade de sobreviver no Youtube.

Os complexos algoritmos da plataforma fazem com que vídeos com conteúdo sensacionalista ou polêmico sejam mais relevantes porque geram mais engajamento, de modo que a desinformação se espalha muito mais rápido e atinge muito mais pessoas do que vídeos científicos. É possível pagar para que a plataforma favoreça seu conteúdo em detrimento de outros. Há, ainda, problemas como a falta de transparência do Youtube sobre as regras de monetização dos vídeos e a demora da plataforma para tirar do ar aqueles com discurso de ódio e desinformação perigosa (SANTOS, 2021).

O meio audiovisual proporciona um excelente espaço para a divulgação científica por combinar diversos tipos de mídias. Com o conhecimento e ferramentas corretas e sem limitação de tempo, os vídeos do Youtube podem ter uma qualidade de produção que rivaliza com a da televisão. Além disso, por ser *online*, a plataforma conta com um potencial de alcance de pessoas de várias idades, culturas, etnias e interesses diferentes. A interação entre criador de conteúdo e o público não apenas é possibilitada, mas encorajada, proporcionando contato mais direto com sua audiência. É um espaço que já está sendo utilizado com sucesso por divulgadores científicos, com potencial para se tornar ainda melhor.

É preciso tomar cuidado, contudo, com a visão da ciência e dos/das cientistas que é reproduzida nesses canais uma vez que, atualmente, influenciadores digitais possuem um papel significativo na formação de opiniões de sua audiência (SANTOS, 2021). Em muitos canais científicos, por exemplo, ainda que o ambiente digital emule um diálogo horizontal, em geral “essa troca se dá de maneira hierarquizada, entre um especialista que tem autoridade para explicar, e um interlocutor que ‘gosta’ ou precisa daquele conhecimento, como em uma aula formal” (DUARTE, 2019).

Ademais, o Youtube e a internet como um todo ainda estão longe de ser um espaço onde impera a igualdade e democracia. A começar pelo fato de que nem todas as pessoas possuem acesso à rede. Dentre as que possuem, nem todo mundo sabe como usá-la de forma responsável e a exclusão e analfabetismo digital ainda é uma realidade principalmente entre as populações mais velhas e com menos poder

aquisitivo (CETIC, 2021; REALE, 2018). Fora isso, antes um ambiente descentralizado, hoje a internet sofre com crescente *plataformização*, transformando-se em um conglomerado dominado por grandes corporações como Google e Meta (dona do Facebook e Instagram), que usam algoritmos para “sugerir” conteúdos em detrimento de outros (SANTOS, 2021). Conteúdos, aliás, que podem conter desinformações com consequências negativas para a sociedade como um todo, como o movimento antivacina ou *fake news* sobre figuras políticas ou doenças.

#### **4. Pseudociência, *fake news*, teorias da conspiração e arqueologia**

*Fake news*, pseudociência e teorias da conspiração não são fenômenos recentes. Desde o século passado, pesquisadores se debruçam sobre esses temas tentando entendê-los e identificar os problemas que causam. No entanto, com a popularização das redes sociais, o cenário político mundial atual e a pandemia de Covid-19, esse assunto é mais relevante do que nunca. Os debates continuam acontecendo, de modo que não existe exatamente um consenso a respeito das definições dos termos. Tampouco é o objetivo deste trabalho discuti-los a fundo, mas delimitá-los brevemente para esta pesquisa.

*Fake news*: são, de modo geral, notícias falsas criadas deliberadamente com o intuito de manipular e enganar os consumidores e distribuídas *online* na forma de texto, vídeo, “memes<sup>4</sup>” e outros recursos digitais de rápido acesso. Em um manual para jornalistas publicado pela Unesco, existe uma discussão que *fake news* é tanto incorreto quanto insuficiente para conceituar esse fenômeno em toda sua complexidade porque “notícias significam informações verificáveis de interesse público, e as informações que não atendem a esses padrões não merecem o rótulo de notícias” UNESCO, 2019 p.7). Apesar disso, contudo, esse termo ainda é o mais popularmente utilizado.

Pseudociência: sua definição tem sido alvo de debates entre filósofos, historiadores e outros pesquisadores desde o século passado. Uma das dificuldades em definir o que é pseudociência vem da falta de um conceito claro do que é ciência, que também foi alvo de transformações e problemas com a demarcação.

---

<sup>4</sup>Embora não haja definição exata, “memes” de modo geral são mensagens curtas, construídas a partir da combinação de texto, imagens ou vídeos que circulam rapidamente na internet e quase sempre possuem um tom de humor.

Embora o debate ainda esteja ocorrendo, existem pontos mais amplos em que a maioria parece concordar. Por exemplo, ciência atualmente engloba humanidades e ciências sociais, reconhecendo que entender a realidade humana e o mundo em que vivemos é um esforço multidisciplinar (SILVA, 2019). Ocorreu também a gradual distância da ideia que predominou até meados do século XX de que a ciência é objetiva e neutra, separada da política e da sociedade. Não é mais considerada uma verdade absoluta que leva inevitavelmente ao progresso, novas teorias científicas podem ou não corroborar aquelas que as precederam. Por fim, cada campo da ciência e as pessoas que atuam nele o faz baseando-se em métodos, cujos passos são documentados, podem ser testados por outras pessoas e, ao fim, são submetidos à revisão de pares antes de serem aceitos na comunidade.

Isso, é claro, não impede que alguma das etapas do método científico sejam fraudadas, o que resultaria na punição das pessoas envolvidas. Também não impede que limitações dos mais variados tipos levem a uma interpretação incorreta do objeto de estudo e publicação de resultados errados. Também existem outras formas não científicas de aprendizado, como conhecimentos tradicionais. Nada disso, contudo, se classifica enquanto pseudociência.

Esta seria, de modo geral, um conhecimento que tenta se passar como científico sem, no entanto, atender aos níveis de rigor teórico e metodológico. Ela se parece com a ciência em um nível superficial, no sentido da utilização de jargões, ser propagada em veículos de mídia como livros e programas da televisão por ditos especialistas e promete a solução de problemas. A pseudociência, porém, é baseada em premissas falsas, com experimentos impossíveis de serem repetidos, mau uso das relações entre causa e consequência, exacerbando as instâncias que corroboram a teoria enquanto ignoram aquelas que as refutam (SILVA, 2019). Há o repúdio à ciência tradicional enquanto, paradoxalmente, se apoia na posição de autoridade que o discurso científico possui na sociedade contemporânea.

Teorias da conspiração: são histórias fantasiosas criadas para explicar um fato sobre uma pessoa, acontecimento ou governo que contrariam a versão oficial (SILVA, 2010). O termo foi utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos na década de 1960 após as muitas especulações sobre o assassinato do presidente John F. Kennedy, mas data desde a Revolução Francesa (OLIVEIRA, 2020). Elas podem

variar entre conspirações envolvendo um único indivíduo e grandes sociedades secretas que controlam o mundo por baixo dos panos.

*Fake news*, pseudociências e teorias da conspiração são formas de desinformação. Apesar de serem diferentes, muitas vezes elas se sobrepõem e compartilham de algumas características, por exemplo a afirmação que as autoridades como universidades e o governo estão escondendo a verdade da população e possuem motivos ocultos. Outro ponto em comum é a recente atenção que esses tópicos receberam. Antigamente, os teóricos da conspiração e pseudocientistas eram considerados poucos e loucos, indignos de atenção. Com a percepção de que a crença nesses fenômenos é mais difundida do que se pensa, no entanto, esforços multidisciplinares estão sendo feitos na tentativa de entendê-los e buscar uma maneira de combatê-los (OLIVEIRA, 2020).

É difícil determinar as razões pelas quais teorias da conspiração e as pseudociências são tão populares, mas estudiosos do campo da filosofia, comunicação, psicologia e sociologia propuseram algumas respostas. Muitos concordam que há uma tendência humana em buscar uma explicação para acontecimentos e fenômenos que não entendemos, atribuindo culpados e relações de causa e efeito (SUNSTEIN e VERMEULE, 2009). A ciência nem sempre tem as respostas, de modo que outras explicações podem aparecer para suprir o vazio ou substituir soluções atuais quando estas não são satisfatórias o suficiente. Recentemente, por exemplo, houve muita especulação a respeito do que era e de onde vinha o coronavírus, e muitas conspirações despontaram nas mídias acusando-o de ter sido criado em laboratório e intencionalmente espalhado pelos chineses, gerando uma onda de racismo e xenofobia. Ou todos os tratamentos e remédios milagrosos que prometem a cura do câncer, uma doença para a qual a ciência ainda não encontrou uma solução definitiva.

Da mesma forma, temas que evocam uma forte emoção como medo ou raiva possuem uma tendência a serem espalhados mais rapidamente (SILVA, 2010). A autora prossegue dizendo que isso também explica o motivo de tanta gente acreditar nas conspirações e milagres da pseudociência mesmo que não existam muitas evidências para sustentá-la. Outros autores (OLIVEIRA, 2020; ALBUQUERQUE e QUINAN, 2019) acreditam que estamos vivendo uma “crise epistemológica” em que as pessoas perderam a confiança em instituições que

previamente serviam como fonte de informação. De acordo com os autores, um dos motivos pelo qual isso acontece é devido à onda de conservadorismo que se espalhou pela sociedade ocidental nos últimos anos e a enxurrada de informações com a qual somos bombardeados todos os dias, dificultando a tarefa de avaliar quais são confiáveis ou não.

Novaes (2007) também acredita que o crescimento das narrativas pseudocientíficas tem a ver com o pós-modernismo, que enfraqueceu a crença positivista e modernista de que a ciência era a única forma possível de conhecimento, tratando-a como uma narrativa assim como as outras. Ainda de acordo com o autor, enquanto esse movimento acarretou em revisão de paradigmas, na inserção de minorias e na maior participação das ciências humanas e naturais na construção do conhecimento, também abriu espaço para o sobrenatural, o místico e o religioso.

E embora nem *tudo* a respeito desses fenômenos seja imediatamente nocivo, eles podem apresentar ameaças bem sérias para a sociedade, como o movimento anti-vacina ou a crença de que o aquecimento global não é real. Pode, também, trazer complicações em níveis individuais, como alguém que busca tratamentos supostamente alternativos para o câncer e outras doenças e acabam levando golpes ou tendo a saúde comprometida. Há, ainda, conspirações que estão enraizadas em ideias racistas, que podem prejudicar e pôr em risco a segurança de comunidades já marginalizadas, como os grupos anti-semitas que negam que o holocausto aconteceu.

No que diz respeito à arqueologia, as teorias da conspiração relacionadas à disciplina são chamadas de pseudoarqueologia. A nomenclatura propõe a separação entre profissionais, amadores (aquelas pessoas que não possuem credenciais para praticá-la, mas interagem com a disciplina por interesse próprio) e pseudoarqueólogos/as, que buscam desconstruir os paradigmas aceitos academicamente e substituí-los por outras interpretações baseadas em mitos ou conspirações (GONZÁLEZ, 2016).

Como discutido, a arqueologia é um campo que chama a atenção fora do ambiente profissional, o que leva as pessoas a procurarem mais sobre temas relacionados a ela. Essa curiosidade possibilita o interesse de um público amplo em histórias com plano de fundo arqueológico, sejam elas descobertas científicas, fictícias ou pseudoarqueológicas. Embora o modo como a disciplina é apresentada na mídia

tenha um impacto em como a audiência a enxerga (HOLTORF, 2007), as pessoas vão ao cinema assistir Indiana Jones ou jogam *Tomb Raider* cientes de que se trata de uma história fantasiosa. Os criadores desse tipo de conteúdo buscam entreter o público, sem necessariamente afirmar que as coisas representadas ali são verdadeiras.

A pseudoarqueologia é diferente. Os envolvidos na produção dessas narrativas são explicitamente contra a arqueologia profissional e tentam convencer sua audiência de que arqueólogos e arqueólogas estão escondendo a verdade, ignorando evidências que mudariam toda a história humana como a conhecemos e pretendem manter as pessoas no escuro por motivos egoístas. O grande apelo dessas histórias reside na falta de limites impostos pela rigorosidade do método científico, o que permite interpretações amplas e variadas sem a necessidade de apresentar evidências que a sustentem. Outros aspectos que se repetem em teorias pseudoarqueológicas são: uso de referências ultrapassadas, evidências apresentadas fora de contexto ou distorcidas, conteúdo sensacionalista e descarte das provas contrárias aos seus pontos de vista (FAGAN, 2006 *apud* DERRICOURT, 2012).

Dentre os exemplos mais famosos de pseudoarqueologia estão: a crença de que alienígenas visitaram nosso planeta em algum momento do passado e foram os verdadeiros responsáveis pela construção de monumentos como as pirâmides do Egito e da Mesoamérica ou pelas linhas de Nazca e outros geoglifos; que a população da cidade perdida de Atlântida foi a primeira a povoar as américas; que os fenícios estiveram no Brasil; busca por cidades perdidas e tesouros amaldiçoados e a crença de que raças de gigantes ou híbridas com alienígenas ocuparam a Terra. Essa não é uma lista exaustiva, apenas os exemplos que apareceram com mais frequência durante a pesquisa. Kenneth Feder, Garret Fagan, Jason Colavito e muitos outros autores escreveram sobre exemplos que variam desde fraudes até criaturas míticas.

Embora possam parecer interessantes e inofensivas, essas narrativas representam um perigo que vai além da necessidade de profissionais da arqueologia demarcarem seu território enquanto cientistas. Muitas das interpretações citadas estão baseadas na ideia racista de que povos antigos não possuíam competência ou inteligência o suficiente para erguer monumentos sem ajuda, seja de extraterrestres ou um hiper

difusionismo de povos brancos, como os vikings, fenícios ou da mítica cidade de Atlântida (FEDER, 2013). Civilizações antigas da Europa como Roma e Grécia não têm sua capacidade colocada em cheque, apenas aquelas que se desenvolveram na África ou nas Américas. Os frutos de narrativas pseudoarqueológicas também podem ter implicações no nível político, uma vez que podem ser utilizadas para dar suporte a grupos supremacistas brancos ou deslegitimar a posse de territórios de grupos indígenas sob alegações de que não são habitantes originários.

Muito tem se debatido a respeito do que fazer em relação à pseudoarqueologia, inclusive o modo apropriado de chamá-la. Alguns autores preferem o termo arqueologia fantasiosa, *quasi*-arqueologia ou falsa arqueologia. Em um esforço para evitar colocar como válidas apenas as narrativas acadêmicas e dispensar todo o resto (o que incluiria perspectivas indígenas e tradicionais sobre o passado) e evitar a confusão com o termo “teorias”, daqui por diante irei me referir a esse fenômeno como hipóteses da conspiração, me apoiando nos pontos em comum e similaridades entre conspirações e pseudociências, tanto em sua gênese quanto na forma como são consumidas e espalhadas.

Até recentemente, a resposta de profissionais da arqueologia foi simplesmente ignorar essas narrativas sem considerar seus impactos sociais, se apoiando na autoridade científica que a disciplina construiu ao longo dos anos (GONZÁLEZ, 2016). Porém, ridicularizar as hipóteses da conspiração e rejeitá-las na academia não faz com que elas desapareçam. Pelo contrário, pode alimentar o argumento de que as pessoas que criam essas narrativas estão sendo silenciadas pelas autoridades.

Mas apesar de serem bem populares, Feder (2016) acredita que, embora existam pessoas que realmente creem nessas narrativas, a maior parte da audiência que engaja conteúdos como *Alienígenas do Passado* ou documentários sobre cidades perdidas o fazem por motivos de entretenimento, não por pensarem que seja verdade. Isso, de acordo com o autor, abre espaço para que profissionais possam comunicar a arqueologia científica para esse mesmo público. Outros autores como Derricourt (2012) e González (2016) também afirmam que transparência e honestidade a respeito do processo arqueológico são fundamentais na construção de uma relação de confiança entre arqueólogos/as e os públicos.

Essa solução, aliás, é compartilhada por profissionais de outras áreas do conhecimento que buscam formas para conter o avanço da desinformação no geral.

Como já mencionado, apesar desses fenômenos existirem desde antes da internet, a rapidez na comunicação proporcionada pela *web 2.0* facilitou a forma como esse conteúdo se propaga (OLIVEIRA, 2020; ALBUQUERQUE e QUINAN, 2019). Então, dentre as propostas pensadas para tentar conter o avanço e a popularidade de hipóteses da conspiração na sociedade, estão maior transparência no processo de produção e divulgação da ciência e a AMI – Alfabetização Midiática e Informacional.

Somos bombardeados com informações constantemente, por isso é importante saber distinguir as que são confiáveis ou falsas, ainda que estas sejam contadas de forma atrativa ou bem detalhada. O objetivo da AMI, então, é “desnaturalizar a mídia”, encorajando as pessoas a entendê-la como uma construção e fazer exercícios para compreender não apenas a mensagem, mas refletir sobre seu conteúdo, quem o produziu e quais os possíveis objetivos (SILVA, 2010).

No sentido mais amplo, a AMI também propõe que as pessoas tenham um olhar crítico mesmo sobre veículos de informação considerados confiáveis, uma vez que as narrativas não estão isentas de apresentar mensagens e ideologias daqueles que a construíram (ABU-FADIL, 2019). Inclui

compreender como as comunicações interagem com a identidade individual e com os desenvolvimentos sociais. A AMI é cada vez mais uma habilidade essencial para a vida – é necessário saber o que está moldando a identidade de alguém e como se pode navegar no nevoeiro de informações e evitar minas ocultas dentro da neblina. A AMI informa nosso consumo, produção, descoberta, avaliação e compartilhamento de informações e nossa compreensão de nós mesmos e dos outros na sociedade da informação. A alfabetização midiática é a capacidade mais específica de entender a linguagem e as convenções das notícias como um gênero e reconhecer como esses recursos podem ser explorados por alguém mal-intencionado (ABU-FADIL, 2019 p.76).

Embora a alfabetização midiática possa ajudar a diminuir o problema ao propor exercícios para que as pessoas sejam críticas em relação ao conteúdo que consomem, ela sozinha não tem condição de resolver o problema, uma vez que este aparentemente é fruto de algo mais profundo, como a crise epistemológica e as desconfianças nas instituições científicas. Embora a onda de conservadorismo e generalizada desvalorização das universidades sejam motivos que agravam essa desconfiança, existem algumas críticas válidas a serem feitas a respeito do funcionamento da ciência.

## 5. A visão binária entre ciência e pseudociência

Devido às suas contribuições na tecnologia, medicina e em vários outros campos do conhecimento ao longo dos séculos, a ciência se consolidou na civilização ocidental enquanto autoridade epistêmica, alcançando um lugar de poder e prestígio. De modo a atingir esse *status*, cientistas reforçaram que ela era indispensável para o progresso da humanidade e criaram uma série de regras e métodos que deveriam ser seguidos para um conhecimento ser considerado científico, dentre eles a objetividade e neutralidade (DUARTE, 2019).

O problema reside no fato de que esse modelo de cientista moderno teve suas raízes no homem branco europeu, único que, de acordo com ele mesmo, seria capaz de deixar de lado seus interesses pessoais e subjetividade para dar conta da tarefa de descrever o modo como o mundo funciona (RIBEIRO, 2017). Ainda segundo a autora, ao posicionar a si mesmos como meras testemunhas, esses cientistas conseguiram naturalizar suas ideias (que, ao contrário do que afirmavam, não eram nada neutras) como a única maneira válida de conhecimento.

As narrativas criadas nesse contexto foram (e, em muitos casos, continuam sendo) excludentes, ignorando ou invisibilizando o papel de mulheres, pessoas negras, indígenas, *queer*, pobres e outros grupos ao longo da história. O discurso científico, além disso, também pode ser nocivo. O próprio conhecimento arqueológico já foi utilizado como base para justificar genocídios, teorias eugenistas e racistas e legitimar Estados totalitários (TRIGGER, 2011).

Embora a visão e prática positivista da ciência ainda não tenha desaparecido completamente, hoje em dia sabemos que questões sociais, políticas, culturais e identitárias não podem ser separadas do fazer científico. Essa virada começou de forma sistemática a partir de meados do século XX, num contexto em que diversos movimentos sociais ganharam força, obrigando cientistas a reconhecerem que, em vez de isolados, eles também fazem parte da sociedade. Mais pessoas de variados contextos estão entrando na universidade, revisitando paradigmas antigos e propondo novas e diferentes formas de interpretar o passado e fazer ciência. A arqueologia, graças às lutas dos povos indígenas, já considera que suas percepções sobre seu passado, origem e tradições merecem ser respeitadas e reconhecidas (SILVA, 2011; RIBEIRO, 2017).

Classificar todo conhecimento nas categorias binárias de ciência ou pseudociência se torna limitador também se considerarmos que o aprendizado pode ocorrer fora das universidades. Além do conhecimento transmitido de formas mais tradicionais como através de uma comunidade, nem todas as pessoas que demonstram interesse em determinado assunto necessariamente querem ou precisam se tornar profissionais para engajar com ele. Muito do conteúdo disponível *online* está em forma de notícias, artigos e vídeos realizados por jornalistas ou entusiastas que compartilharam o que sabem com sua base de seguidores com o propósito de informar ou entreter.

No caso específico da arqueologia, amadores foram de grande importância na construção do conhecimento arqueológico, principalmente antes da disciplina se estabelecer academicamente. González (2016) busca entender como instituições acadêmicas, amadores e teóricos da conspiração atingem o *status* de autoridade do conhecimento arqueológico em um contexto que lida simultaneamente com a popularização da ciência e o crescimento das desinformações.

Para isso, o autor faz um estudo de caso na Espanha, onde um arqueólogo amador construiu uma base de seguidores *online* e mantém uma relação de diálogo com sua audiência, comunidades locais e veículos de mídia, além de manter contato com profissionais. Campos, o arqueólogo amador em questão, desempenhou um papel importante na divulgação de sítios arqueológicos e cultura material. A relação de confiança que ele construiu com seu público deixou as pessoas mais confortáveis em entrar em contato com ele sobre assuntos relacionados à arqueologia por sentirem que existem mais chances delas serem levadas a sério do que se contatassem acadêmicos e universidades.

O autor conclui que, embora a capacidade de convencer as pessoas através do conhecimento produzido seja um método eficaz de afirmar autoridade, ela se torna ainda mais efetiva quando se estabelece relações baseadas na cooperação e confiança (GONZÁLEZ, 2016 p.16). Apenas a certeza do conhecimento científico não é mais suficiente. Para se comunicar verdadeiramente com a sociedade, é necessário que a concepção do público sobre cientistas e a academia (vistas como elitistas, inacessíveis e burocráticas) mudem. Isso pode ser feito não ignorando ou rechaçando teorias da conspiração, mas buscando a raiz da má reputação da arqueologia acadêmica em meio ao público e procurando resolver os problemas

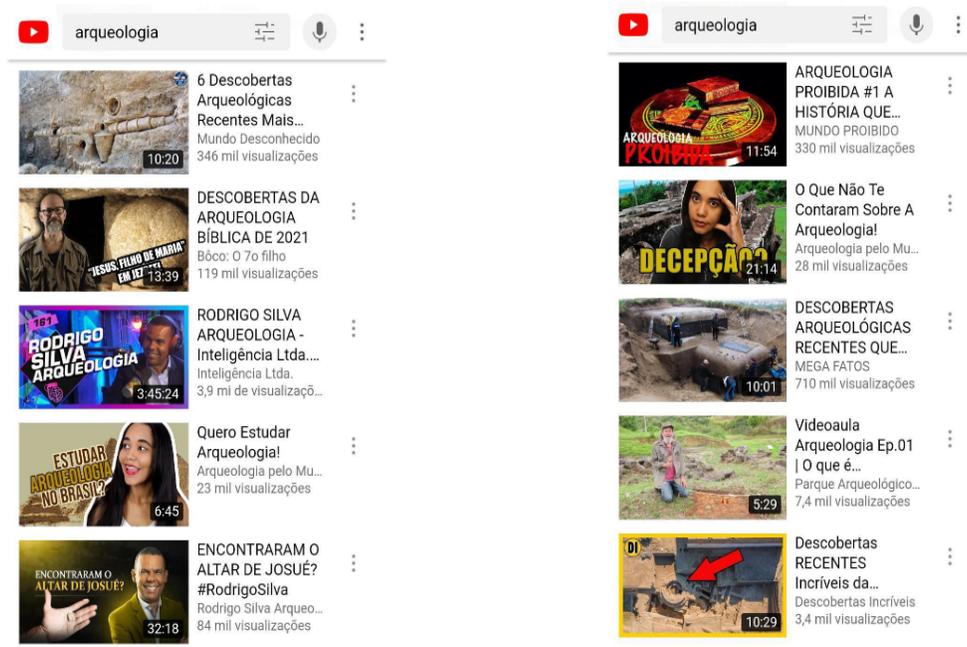
para que se possa estabelecer uma relação de confiança e fazer uma ciência mais democrática.

Para além da relação com o público, Ribeiro (2017) propõe uma mudança interna, a produção de uma arqueologia decolonial. Muitos dos conhecimentos e paradigmas da disciplina foram construídos sob uma ótica imperialista, colonialista, branca e masculina. A autora sugere que precisamos “desaprender para aprender”, engajar com o conhecimento ocidental de forma crítica e desconstruir práticas eurocêntricas que ainda persistem nos dias de hoje, abrindo espaço para outras formas não-ocidentais de construir e engajar com o conhecimento.

## 6. Metodologia

A primeira etapa para a produção deste trabalho foi feita através de um levantamento bibliográfico. Os temas escolhidos para a base teórica giram em torno de três eixos principais: Arqueologia Pública, *Youtube* e divulgação científica e a propagação de hipóteses da conspiração. Em seguida, foi necessário selecionar os objetos de estudo.

Quando se digita o termo “arqueologia” na caixa de busca do Youtube, esses são os primeiros 10 resultados que aparecem:



(Print dos resultados do Youtube, elaboração própria)

A busca foi realizada utilizando o filtro padrão de relevância que está sujeito às oscilações no algoritmo, por isso os vídeos sugeridos podem mudar. São muitos os fatores que influenciam as sugestões na página inicial, incluindo preferências pessoais dos usuários, estratégias de divulgação dos produtores de conteúdo e mecanismos internos da plataforma, mas pelo que se pode observar, apesar de ocasionalmente conteúdos mais antigos aparecerem entre os resultados dessa busca generalizada, a preferência é dada a conteúdos mais recentes. Inclusive, o Youtube não deixa filtrar vídeos anteriores a um ano. A pesquisa por data de publicação começa com postagens mais recentes e só mostra até 1000 resultados, o que a depender do tema recua apenas até alguns meses.

Buscando contornar esse problema, foi utilizado o *Youtube Data Tools*, uma ferramenta *online* que permite ao usuário extrair dados da plataforma de maneira personalizada, filtrando o conteúdo por um termo específico, escolher o intervalo de tempo e a linguagem preferencial. O termo utilizado foi “arqueologia”, o idioma escolhido foi o português e a busca foi realizada ano a ano, desde 2010 até 2019. A ferramenta não é perfeita, uma vez que ocasionalmente vídeos em outra língua aparecem na busca e alguns resultados podem ser repetidos, mas após a formulação de uma planilha para excluí-los e uma triagem manual para retirar os todos aqueles que não estavam em português, consegui um panorama aproximado.

Esse processo me deixou com o total de 2499 vídeos. Contudo, esse número não corresponde à realidade, uma vez que o *Youtube Data Tools* exibe apenas aqueles que possuem o termo arqueologia no título ou nas *tags*. Nem sempre o conteúdo apresentado tem a ver diretamente com a disciplina, do mesmo modo que deixa de fora os resultados que não usam o termo no título mas mesmo assim discutem sobre o tema, como vídeos sobre a Pré-História e Egiptologia. Assim, o número pode ser bem maior.

A análise de uma quantidade tão grande de material exige mais tempo de pesquisa e discussão mais densa. Neste trabalho, porém, a proposta é apenas um levantamento inicial para ter um panorama de como a arqueologia vem sendo apresentada no Youtube, quais temas são mais populares e de que forma eles foram apresentados ao longo de uma década. Por isso, foi necessário afinar o recorte.

O primeiro filtro é temporal. Apenas os vídeos lançados entre 1 de janeiro de 2010 e 31 de dezembro de 2019 serão considerados para a análise. Levando em conta as diversas formas em que a arqueologia é representada na plataforma (direta ou indiretamente, através de notícias, entretenimento ou educação, de forma científica ou usada como argumento para hipóteses da conspiração), foi realizada uma triagem entre o conteúdo publicado por profissionais da área e aquele compartilhado por não profissionais. Ao todo, setenta vídeos foram analisados.

Usando como base a quantidade de inscritos, foram selecionados os três canais mais populares da plataforma que são produzidos por arqueólogos e arqueólogas que também atuam como divulgadores científicos: Arqueologia Pelo Mundo, Arqueologia e Pré-História e Arqueologia Alternativa. Dentre esses canais, os 10 vídeos mais populares de cada um serão utilizados para uma análise mais aprofundada sobre o quê e como esses profissionais falam da disciplina no Youtube.

Quanto à arqueologia não-profissional, dada a dificuldade em encontrar um canal com foco nesse tema durante o período temporal estipulado, a análise será feita de outra forma. Os resultados obtidos no *Youtube Data Tools* mostram quais são as teorias da conspiração mais associadas com a arqueologia: arqueologia bíblica, a cidade perdida de Atlântida, astronautas do passado e arqueologia proibida. Esses termos foram utilizados como palavras-chave na caixa de busca do Youtube e o filtro “contagem de visualizações” foi aplicado. Os dez vídeos mais vistos de cada um desses temas foram escolhidos para análise, de modo que seja possível traçar um panorama geral sobre o que está sendo dito a respeito de cada uma dessas coisas na plataforma.

Para análise dos vídeos, foi elaborada uma ficha com elementos que avaliam o conteúdo de forma quali-quantitativa. Na parte quantitativa, os números de visualizações, “curtidas” e comentários foram utilizados para calcular o impacto e alcance desses vídeos. A etapa qualitativa está dividida em questões de técnica e de conteúdo.

Na parte técnica, são verificados o tempo médio de duração dos vídeos, quais os recursos visuais, sonoros e narrativos utilizados para prender a atenção do público e o tipo de linguagem. Na parte de conteúdo, é feita uma busca para saber quem está falando (informações sobre o canal/pessoa); qual o intuito do vídeo (se é informativo, entretenimento, divulgação); quais são as fontes das informações

transmitidas e se são disponibilizadas para a audiência (com atenção a quais partes foram selecionadas, quais foram ignoradas e porquê); e qual é a mensagem do vídeo (a essência do conteúdo apresentado e como foi transmitido).

A fim de evitar repetições, em vez de discutir os vídeos individualmente, a análise foi feita por tópicos e trechos e citações foram mencionadas quando pertinentes. Ao fim, foi feita uma comparação entre o material produzido por arqueólogos e não arqueólogos para calcular o alcance e impacto das mensagens transmitidas para a audiência.

## **7. Análise dos vídeos**

Antes de entrar nas análises, é importante informar que destrinchar as hipóteses da conspiração arqueológicas e prová-las erradas não está no escopo deste trabalho. Embora seja mais raro encontrar essas referências em português, autores como Kenneth Feder, Garret Fagan, Jason Colavito e muitos outros há décadas se esforçam para rastrear as origens dessas narrativas, analisá-las e oferecer como alternativa a explicação científica para os fenômenos apresentados como “conhecimento proibido” (*Frauds, Myths, and Mysteries; Lost city, found pyramid; Archaeological Fantasies; Encyclopedia of Dubious Archaeology*). Além dos livros, existem artigos acadêmicos e divulgadores científicos que se inserem no ambiente virtual fazendo vídeos para o *Youtube*, postagens em redes sociais, aparecendo em *podcasts* e possuem blogs dedicados a discutir sobre esses assuntos.

O mesmo vale para os canais arqueológicos, não é meu objetivo depreciar ou desvalorizar o esforço quase pioneiro desses profissionais em falar sobre arqueologia para um público mais amplo. Os canais citados enfrentam o desafio de levar o conteúdo para a audiência de maneira científica, acessível e honesta enquanto mantêm o assunto interessante sem apelar para sensacionalismo ou hipóteses da conspiração. Como discutido anteriormente, não é fácil se manter enquanto divulgador científico no Brasil, ainda mais se tratando de uma disciplina cuja percepção geral é tão cheia de equívocos e em uma plataforma que prospera em promover conteúdo polêmico.

Gostaria, também, de fazer uma ressalva quanto à conotação de passividade presente nos termos “público” e “audiência”. Ciente de que essa passividade não corresponde à realidade, ambas palavras são utilizadas nesse trabalho para se

referir às pessoas que assistem e consomem o conteúdo analisado. O foco é no discurso veiculado pelos criadores, e não na sua recepção.

O intuito aqui é, novamente, buscar entender de que forma a arqueologia é representada no *Youtube*, o que está sendo dito, as discussões a respeito dela e que são geradas por ela.

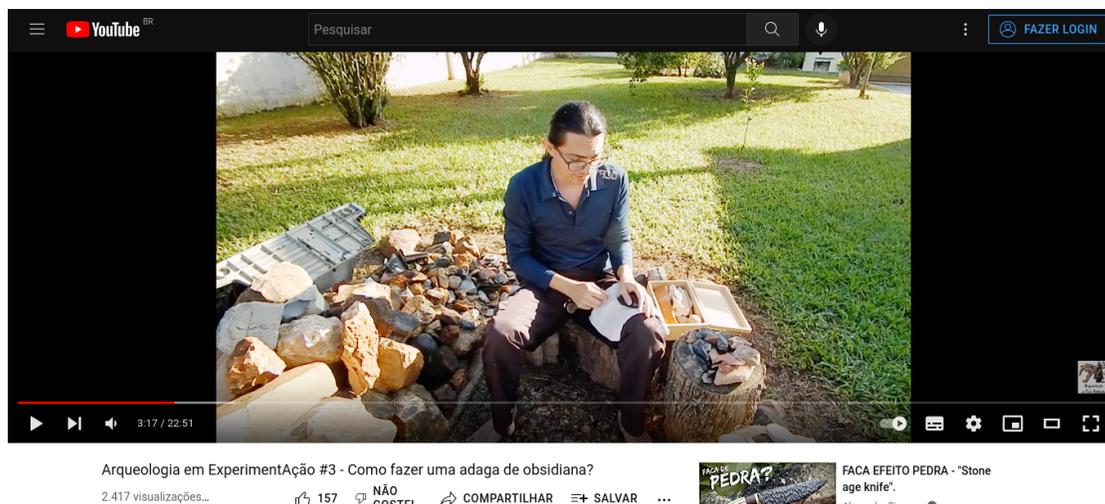
## **7.1 CANAIS ARQUEOLÓGICOS:**

### **7.1.1 ARQUEOLOGIA E PRÉ HISTÓRIA**

É o canal mais antigo de divulgação científica em arqueologia no *Youtube*. Surgiu em 2013 como Arqueologia em Ação, mas em 2020 mudou de nome e abordagem, aumentando o escopo de profissionais e assuntos para incluir também a paleontologia. Estão associados ao site Arqueologia e Pré-história que conta com uma extensa equipe de arqueólogos, paleontólogos e um time de mídia trabalhando para escrever artigos, divulgar eventos e notícias em formato de texto, *podcast* e vídeos no *Youtube*. Tudo isso, de acordo com as informações no canal, com o intuito de “levar o conhecimento sobre as diversas áreas da arqueologia ao público em geral e de forma acessível”.

O canal atualmente possui pouco mais de 6 mil inscritos. A equipe de apresentadores é ampla, e como cada um possui suas próprias especializações como profissionais, os vídeos produzidos são os mais diversificados dentre os canais analisados, principalmente depois da adição dos paleontólogos. Fielis à proposta de falar sobre as diversas áreas da disciplina, os primeiros vídeos consistem em entrevistas com especialistas da arqueologia de contrato, pública subaquática, botânica, geoarqueologia, uso de novas tecnologias na profissão, arqueologia experimental e uma variedade de outros temas.

Os 10 vídeos analisados refletem bem essa diversidade. Um deles, assim como nos outros canais dessa lista, fornece dicas sobre como se tornar arqueólogo(a) no Brasil. Em outro, o apresentador Juca fala sobre arqueologia experimental e, utilizando ferramentas como pedra e osso, faz uma adaga de obsidiana usando métodos de lascamento.

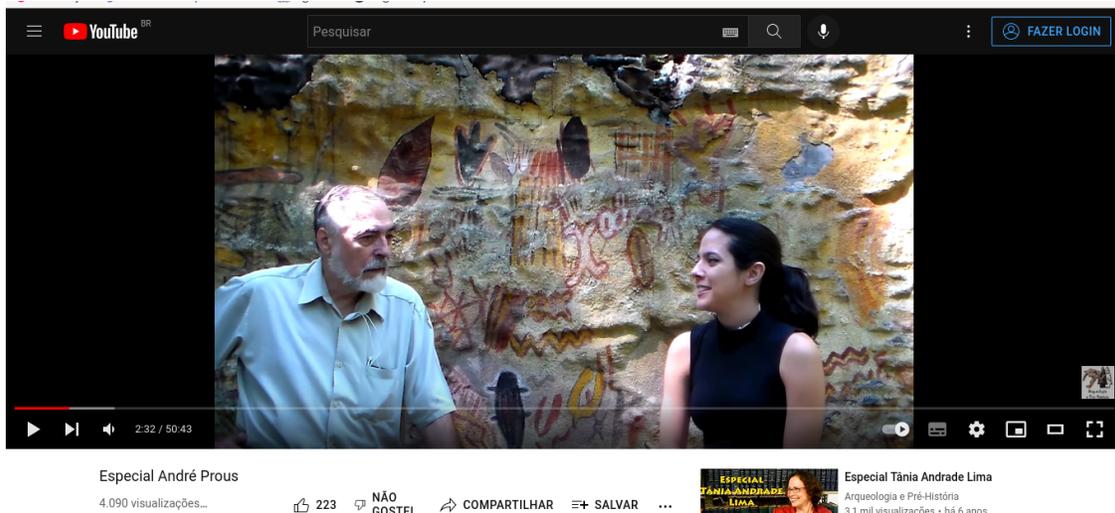


(Arqueologia e Pré História #1. Fonte: print do Youtube)

O vídeo mais popular do canal é de uma arqueóloga falando sobre seu trabalho de escavação em um sítio no Rio de Janeiro. Apesar disso, a escavação em si não é o tema central. É possível ver no plano de fundo a equipe trabalhando enquanto a profissional dá o contexto histórico da área e fala brevemente sobre a relação entre o trabalho arqueológico e identidade.

Os outros 7 vídeos são entrevistas com diferentes profissionais de subáreas distintas, como a arqueologia histórica e a bioantropologia e um especialista que fala sobre o povoamento do continente americano. Elas são sempre conduzidas pelos apresentadores, as perguntas são direcionadas para que o profissional fale livremente sobre sua área de atuação enquanto mantém o formato acessível para a audiência. Em uma dessas entrevistas, dois profissionais da paleontologia são convidados para falar sobre seu trabalho e de que forma ele se difere da arqueologia, uma vez que ainda há confusão entre ambos.

Dois desses vídeos, no entanto, seguem um formato ligeiramente diferente, tanto por terem em torno de 50 minutos (praticamente o dobro da duração dos demais nessa lista) quanto por não tratarem de um tema específico, mas sim da trajetória dos profissionais entrevistados: Tânia Andrade Lima e André Prous, que praticamente acompanharam o desenvolvimento da arqueologia no país. Exploram suas carreiras, suas motivações e comparações da profissão atualmente e na época em que começaram.



(Arqueologia e Pré História #2 Fonte: print do Youtube)

Os comentários não são muitos, mas os que estão lá elogiam a iniciativa. A produção dos vídeos é bem simples, e a própria equipe foi responsável pelo roteiro, operação com a câmera e edição ao final, mantendo cortes oportunos para que o conteúdo fique mais dinâmico. Embora os vídeos mais recentes deixem disponíveis as fontes bibliográficas, os 10 analisados para este trabalho não deixaram referências ou sugestões de leitura disponíveis para o público.

Ainda assim, a iniciativa de ter uma equipe grande e diversa certamente ajuda o canal a alcançar o objetivo que estabeleceu para si mesmo. Desde os vídeos mais antigos, os temas e conteúdos eram diversos, trazendo a perspectiva de profissionais com diferentes interesses e vivências, mostrando que a arqueologia possui muitas facetas e que o conhecimento construído por ela é fruto de um esforço coletivo e multidisciplinar, incluindo a parte da divulgação. O número total de visualizações dos 10 vídeos selecionados é de aproximadamente 41.800.

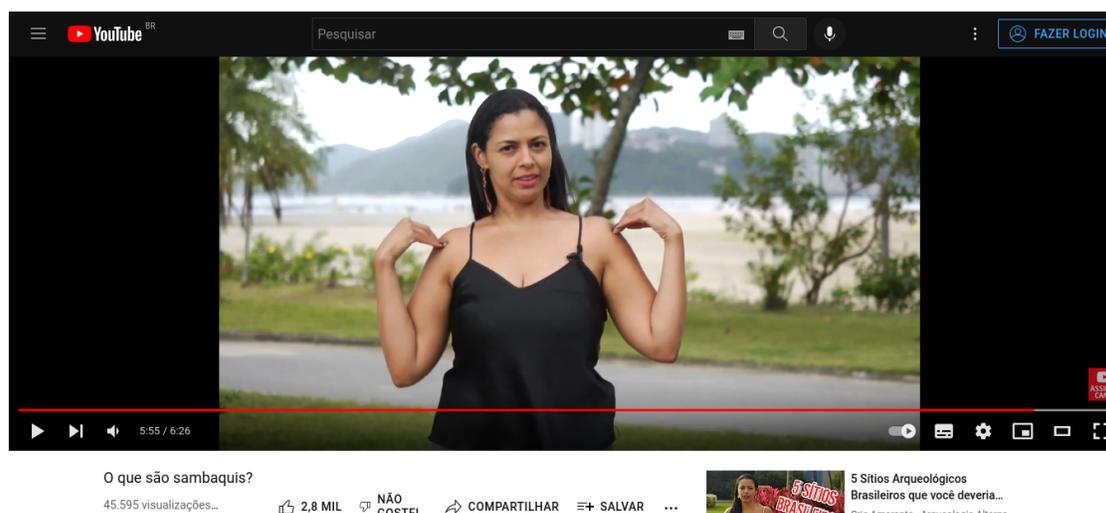
### 7.1.2 ARQUEOLOGIA ALTERNATIVA

O canal é apresentado por Cristiane Amarante, formada em pedagogia, história e possui mestrado e doutorado em arqueologia. Criou o canal em meados de 2017 com a proposta de, segundo as informações em sua página: ensinar conceitos, compartilhar curiosidades e fornecer fontes de fácil acesso sobre arqueologia para seu público. Até o momento, possui 6,7 mil inscritos e conta com uma equipe para edição, legenda e design para a produção do conteúdo.

A primeira fase do canal consiste em vídeos curtos e diretos que falam de forma geral sobre um tema específico, alguns considerados pertinentes pela apresentadora, outros a pedido dos inscritos. Abordam assuntos mais amplos, porém bem comuns para uma audiência que está buscando se familiarizar com a disciplina, tais como: o que é arqueologia, como se tornar arqueólogo(a), o que é um sítio e assim por diante.

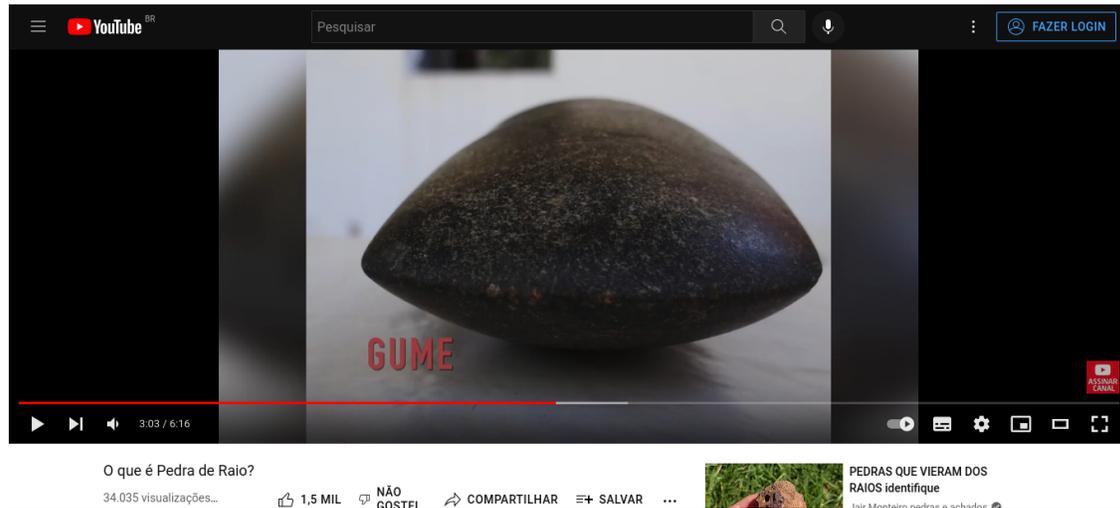
Os vídeos mais recentes (a partir de 2020), porém, seguiram um formato diferente. O conteúdo aparece em forma de *lives*, entrevistas com profissionais e discussões mais densas e específicas da arqueologia, aumentando o tempo de poucos minutos para alguns que chegam a durar horas. O debate proporcionado com certeza é interessante para quem busca se aprofundar no assunto abordado, mas o menor engajamento nesses vídeos em relação aos outros mostra que sua duração prolongada pode ter afugentado uma audiência mais casual.

O material selecionado para análise faz parte da primeira fase do canal, que conta com os vídeos mais populares. Todos eles duram menos de 10 minutos e são apresentados somente por Cris Amarante, que fala diretamente para a câmera em um cenário geralmente ao ar livre em alguma praça, na frente de uma construção e até mesmo na praia. Ocasionalmente, caso esteja em algum lugar muito movimentado, o barulho da rua polui um pouco a sonoridade, mas nada que atrapalhe a narração. As roupas da apresentadora são sempre casuais, sem aderir ao estereótipo da vestimenta de arqueólogo.



(Arqueologia Alternativa #1. Fonte: print do Youtube)

A edição é simples, com recortes pontuais, vinheta e adição de imagens na tela quando pertinente. Os vídeos abordam um único tema por vez. Ele é introduzido de forma breve em uma linguagem direta e de fácil compreensão, em seguida a apresentadora se vale de exemplos acompanhados de imagens para ilustrar o que está sendo dito.



(Arqueologia Alternativa #2. Fonte: print do Youtube)

Embora a discussão não seja aprofundada, oferecer o conteúdo de forma breve e didática parece ser o intuito, mas as referências ou dicas de leitura não são compartilhadas para aqueles que porventura desejem saber mais sobre o assunto. Os comentários são em sua esmagadora maioria positivos, embora não sejam muitos. A apresentadora engaja curtindo, comentando ou participando de alguma discussão gerada pelo vídeo e se mostra bem receptiva às críticas construtivas, sugestões e incentiva o interesse das pessoas pela área. Usando esses comentários como base, é possível inferir que boa parte do público é constituída por estudantes, professores ou pessoas interessadas no tema.

O propósito do canal, de acordo com o observado nos dez vídeos, é divulgar arqueologia para o público do Youtube através de assuntos da disciplina apresentados de forma breve e lúdica, sem muita introdução ou debate. As fontes não são disponibilizadas, embora a maioria mencionada por Cris pareça ser recente. Mantendo a linguagem inclusiva, a apresentadora se mostra respeitosa com a cultura popular, deixando claro que também é um conhecimento válido, ainda que diferente da interpretação científica. Há, ainda, a preocupação em evidenciar que a

arqueologia não tem todas as respostas e, principalmente quando se trata do passado distante, tudo o que temos é a interpretação dos arqueólogos baseada nos vestígios materiais e conhecimento multidisciplinar. O número total de visualizações dos 10 vídeos selecionados é de aproximadamente 196.200.

### 7.1.3 ARQUEOLOGIA PELO MUNDO

É apresentado por Márcia Jamille, bacharel e mestre em arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe. Sua área de atuação foca principalmente na egiptologia, e seu trabalho de divulgação científica na internet data desde 2008, época em que criou o blog Arqueologia Egípcia. O canal no *Youtube*, inicialmente, tinha o mesmo nome do blog, mas recentemente foi repaginado como Arqueologia Pelo Mundo. Seu objetivo é “mostrar que a arqueologia não está só nas antigas civilizações, mas também no cotidiano.”

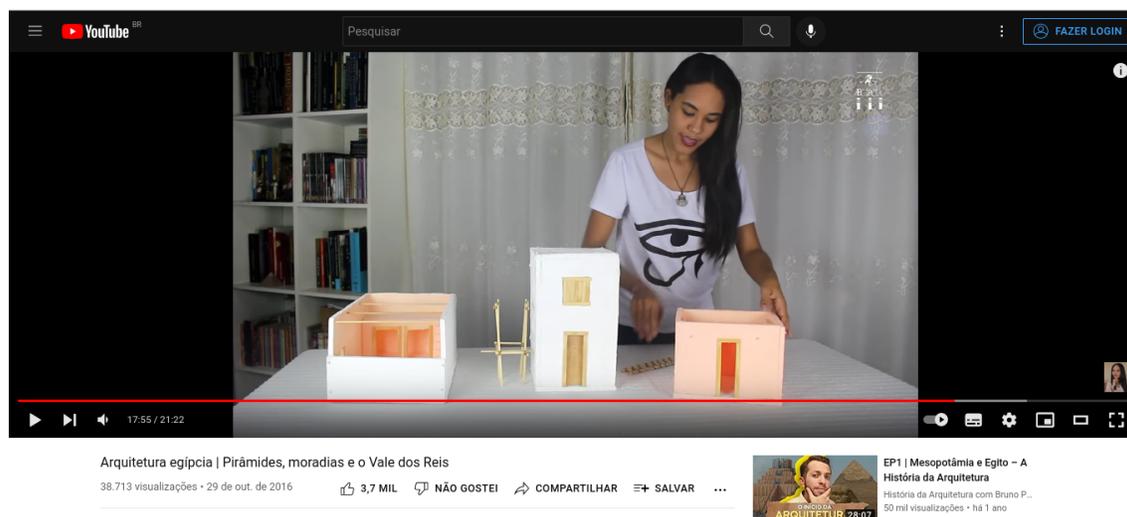
Atualmente, possui pouco mais de 80 mil inscritos, o que faz dele o canal mais popular sobre divulgação científica arqueológica. De acordo com o que Márcia Jamille divulga em suas outras redes sociais, ela mesma faz o trabalho de pesquisa, roteirização, gravação e edição. O crescimento é visível na qualidade e frequência de postagem dos vídeos, com aqueles mais antigos sendo mais curtos, possuindo um intervalo de tempo maior entre um e outro e tendo um trabalho de edição mais simples comparados àqueles publicados posteriormente.

A duração de seus vídeos varia entre: curta (menos de 10 minutos) média (20 a 30 minutos) e alguns poucos mais longos do que isso. As fontes e sugestões de leitura são sempre disponibilizadas, seja diretamente (na descrição do vídeo e na parte dos comentários), ou indiretamente, com *links* que levam a uma matéria sobre o tema no blog Arqueologia Egípcia, onde é possível encontrar as referências originais. Faz parte do *Science Vlogs Brasil* (selo criado por uma associação de divulgadores científicos do *Youtube* para atestar a qualidade dos conteúdos na plataforma) e faz participações em canais famosos como o Nerdologia desde 2021.

O carro-chefe do canal é a egiptologia, tratando da cultura dessa civilização, os deuses, costumes, curiosidades e descobertas científicas. No entanto, não é incomum encontrar vídeos sobre outros assuntos como a arqueologia em geral, dicas da apresentadora sobre o que esperar da profissão, notícias relacionadas a

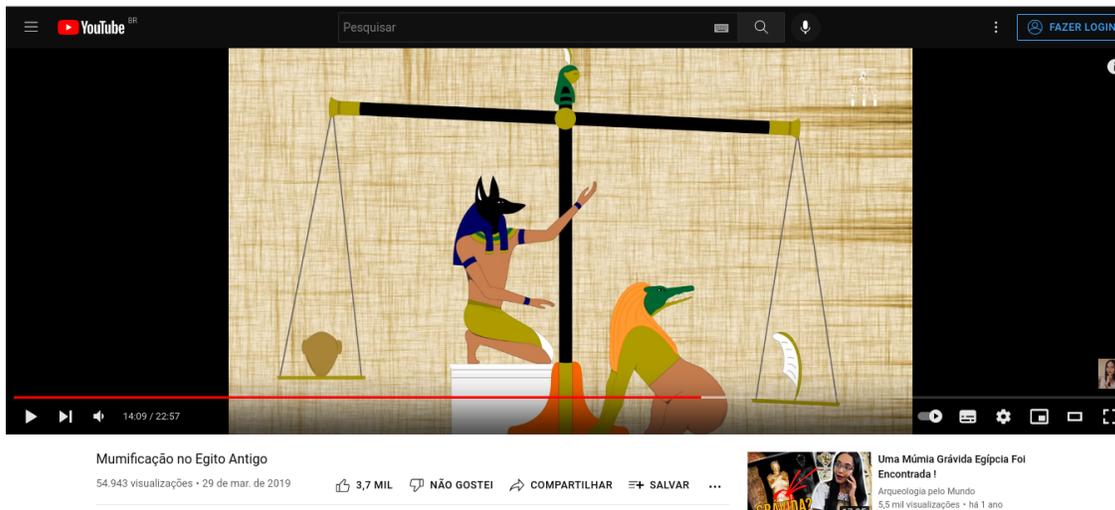
achados arqueológicos e resenha de séries, livros, filmes e jogos que sejam relacionados à disciplina.

Dos 10 vídeos que fizeram parte dessa análise, 9 tiveram relação com o Egito, mostrando que o tema é o mais popular no canal. Todos eles possuem as referências acessíveis e o cenário em geral é o que parece ser o quarto/estúdio da apresentadora que fala em frente a uma estante de livros decorada com enfeites egípcios como miniatura de sarcófagos, réplica de pirâmides e deuses. Se veste casualmente, e por vezes sua blusa e colar representam algum hieróglifo ou símbolo relacionado a algum deus específico.



(Arqueologia pelo mundo #1. Fonte: print do Youtube)

Ao longo da narração, imagens, animações ou vídeos tomam conta da tela para ilustrar melhor uma pessoa, divindade, local ou acontecimento que está sendo discutido.



(Arqueologia pelo mundo #2. Fonte: print do Youtube)

A linguagem é acessível, direcionada ao público leigo e sempre há o cuidado de explicar quando utiliza algum termo do meio acadêmico. Não é raro que, durante sua fala, faça uso de livros, mapas, brinquedos, miniaturas ou maquetes como suporte para a explicação, deixando o conteúdo mais dinâmico.



(Arqueologia pelo mundo #3. Fonte: print do Youtube)

Pelo que é possível notar, utiliza referências atualizadas para embasar seus vídeos e várias vezes, chama a atenção da audiência para que procurem fontes de qualidade caso queira saber mais. Também é honesta com o público ao não bater o martelo em assuntos que ainda não possuem uma resposta definitiva ou mesmo um consenso entre especialistas, admitindo quando algo não passa de especulação.

A recepção do público, tirando alguns poucos comentários negativos, parece ser majoritariamente positiva. Márcia Jamille aparentemente interage de forma constante com os inscritos, seja respondendo aos comentários tirando dúvidas e dando sugestões de leitura, ou falando com eles em suas demais redes sociais.

O Egito antigo é claramente um assunto que gera muito interesse no público, o que muitas vezes é usado para alavancar teorias da conspiração. O canal Arqueologia Pelo Mundo traz esse conteúdo de forma não sensacionalista, compartilhando notícias, estudos e pesquisas recentes da egiptologia enquanto mantém a audiência engajada. O número total de visualizações dos 10 vídeos selecionados é de aproximadamente 453.600.

## **7.2 HIPÓTESES DA CONSPIRAÇÃO**

### **7.2.1 ASTRONAUTAS DO PASSADO**

Esse termo foi escolhido em vez de “Alienígenas do Passado” na tentativa de escapar da associação com a série de mesmo nome disponibilizada pelo History Channel. Ainda assim, sete dos dez vídeos selecionados para análise foram feitos pelo canal televisivo. Ele faz parte do conglomerado da Disney e o acesso é pago, mas o conteúdo no canal oficial do *Youtube* é gratuito. Juntou-se à plataforma em 2012, atualmente possui 3,26 milhões de inscritos. Os vídeos postados são trechos dos documentários, aparentemente servem como uma prévia para incentivar a audiência a assinar o canal. Muitos outros usuários, no entanto, possuem alguns documentários na íntegra e os disponibilizam em suas próprias páginas.

O fato de tantos resultados derivarem do History Channel não é surpreendente. A série *Alienígenas do Passado* teve seu episódio piloto lançado em 2009, atualmente está em sua décima oitava temporada e não existe previsão de encerramento. Embora não seja a única nem a primeira mídia a creditar construções humanas aos extraterrestres, é a mais popular hoje em dia. Giorgio Tsoukalos, apresentador do programa, é assumidamente fã de Erich von Däniken, autor de “*Eram os deuses astronautas?*” lançado em 1968. O livro, apesar de não ter sido pioneiro nessa teoria, foi lançado no contexto da corrida espacial, época em que obras de ficção científica estavam em alta e foi um sucesso de vendas, popularizando a teoria dos alienígenas do passado e garantindo a Däniken uma legião de admiradores e fãs (FEDER, 2010; 2013).

De acordo com os vídeos analisados, os chamados “teóricos dos antigos astronautas” acreditam na ideia de que, em algum momento do passado, extraterrestres vieram à Terra e entraram em contato com os seres que aqui viviam. O alcance de sua interferência varia: algumas vezes, eles meramente apareceram para as civilizações antigas e estas, sem entenderem que se tratava de seres de outros planetas, os chamaram de deuses. Os alienígenas, então, teriam fornecido conhecimento e ferramentas para construção de artefatos e monumentos incríveis e serviram de inspiração para a arte e religião.

Em outros argumentos, esses teóricos creditam a evolução, ou até mesmo a criação do ser humano aos extraterrestres, que teriam feito experimentos genéticos na espécie de homínidos que lhes pareceu mais promissora e lhes concedeu capacidade de fala, domínio do fogo e outras habilidades relacionadas à cognição avançada. Há, ainda, a vertente teórica que afirma que alienígenas copularam com as fêmeas primatas e a humanidade foi a espécie resultante desse cruzamento.

Muito, muito tempo atrás, os extraterrestres chegaram a este planeta. Eles perceberam que o planeta era cheio de vida, e uma delas era forma mais avançada, a de um dos nossos ancestrais. Eles extraíram o DNA e mudaram as informações básicas, isso é o que a genética está fazendo todos os dias. [...] O produto foi colocado no útero de uma fêmea da mesma espécie. Essa fêmea deu à luz a uma criança aproximadamente depois de nove meses, mas por causa dessa mutação artificial, tudo era diferente! Porque havia sido feita pelos extraterrestres (DÄNIKEN, ALIENÍGENAS DO PASSADO, T03E16, 2011).

Então, os teóricos dos antigos astronautas te perguntam: mas se seres de outros planetas realmente estiveram por aqui, será que não existiria alguma evidência de sua passagem?

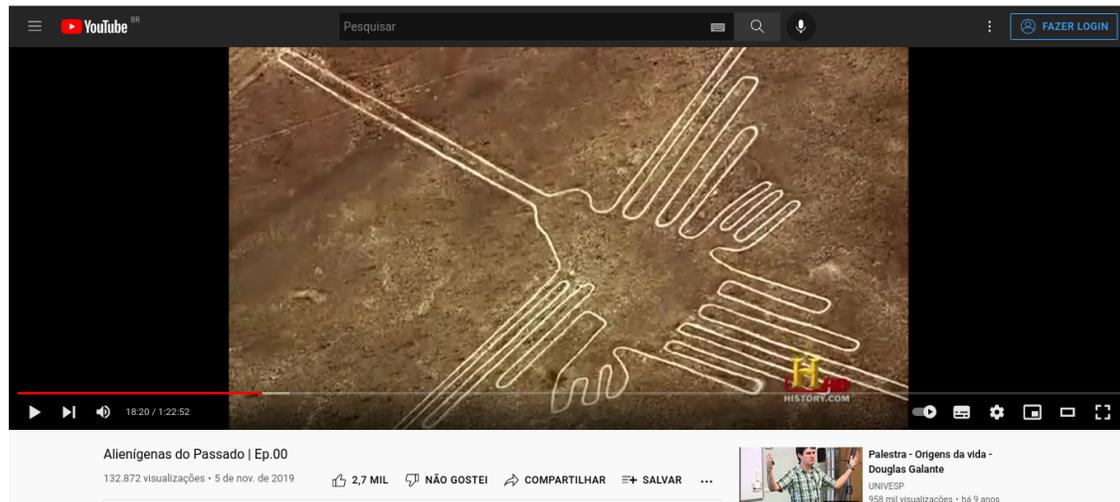
Eu comecei a ler milhares de páginas do advento das religiões, de todas as mitologias e é sempre a mesma história, mas é claro, com nomes diferentes e heróis diferentes: alguém desce dos céus em favor dos humanos. Os nossos antepassados não entendiam isso, eles acreditavam que era algum tipo de deus. Eu fiquei em choque e fiz a pergunta: os humanos primitivos foram influenciados por extraterrestres e não por deuses? E se tudo era como eu tinha sugerido, onde estava a prova? Então você começa a procurar por pelo menos um indício, é isso que eu tenho feito há 45 anos. Temos ilustrações, temos artefatos arqueológicos e temos tudo que saiu da literatura antiga, centenas de indícios que não podemos mais negar.” (DÄNIKEN, ALIENÍGENAS DO PASSADO – episódio 00, 2009).

As “centenas de indícios” são divididas em três categorias:

1) vestígios escritos e arte: Däniken chama a atenção para o fato de que, em diversas mitologias em diferentes culturas ao redor do mundo (como sumérios, hindus, egípcios, povos da mesoamérica e até mesmo o velho testamento), existem

relatos de seres que vieram dos céus. Tsoukalos afirma que, sendo a escrita algo novo e para poucos, as pessoas não iriam desperdiçar tempo registrando mentiras, mas sim os eventos que fossem importantes para eles. A arte entalhada em templos, pedras ou tabuletas também corroboram a vinda de seres de outro mundo, uma vez que mostram seres gigantes ou claramente não humanos.

Um exemplo disso são geóglifos como as linhas de Nazca, no Peru. Segundo os teóricos dos antigos astronautas, o fato de sua leitura depender de uma vista aérea é um indício de que devem ter sido feitas para mandar mensagens a seres que estavam no céu. Ou podem se tratar de um sistema de aeroportos utilizados pelos alienígenas para pousar suas aeronaves, que permaneceriam ali por tempo suficiente para que seus tripulantes recolhessem amostras da Terra antes de irem embora.



**Linhas de Nazca.** Fonte: print do Youtube

2) monumentos e estruturas arquitetônicas: essas construções, normalmente, são feitas de pedra e incluem cidades como Machu Picchu, as pirâmides do Egito e das civilizações maia e asteca, ou mesmo esculturas gigantes como as estátuas Moais na Ilha de Páscoa. A questão principal apresentada pelos teóricos dos antigos astronautas é que seria impossível para os seres humanos “primitivos” cortar, moldar, transportar e empilhar pedras tão pesadas e gigantescas com a tecnologia do passado. Esse feito se torna ainda mais difícil de acreditar se foi realizado por povos que não possuíam escrita, afinal de contas as construções levavam tempo e planejamento.

Sem um pouco de ajuda interplanetária, de que outro modo os primeiros egípcios poderiam ter aprendido a empilhar os quase dois milhões e meio de blocos de calcário e granito que formam a Grande Pirâmide? Como poderiam homens pré-históricos mover os imensos blocos em Stonehenge? E como poderiam os antigos construtores em Cusco encaixar pedras com tanta precisão que nem sequer uma lâmina de barbear pode ser encaixada entre elas? (CLOTWORTHY, ALIENÍGENAS DO PASSADO – episódio 00, 2009).

3) artefatos com tecnologia avançada demais para a época em que foram datados: os detalhes sobre esse ponto serão discutidos mais a fundo no próximo tópico, mas um exemplo que os teóricos dos antigos astronautas gostam é que seria impossível para os egípcios entalharem as tumbas sem algum tipo de luz artificial, já que o sol não alcançaria aquele lugar. Logo, eles deviam ter acesso a eletricidade, fato que, segundo os mesmos, seria corroborado pela “lâmpada de Dendera”, um desenho esculpido em pedra num templo da cidade que apesar de acadêmicos acreditarem se tratar de uma flor de lótus, ela chama a atenção dos teóricos da conspiração por se assemelhar a uma lâmpada.



(Lâmpada de Dendera. Fonte:

<https://desmanipulador.blogspot.com/2019/05/o-que-e-lampada-de-dendera.html>)

Outro argumento frequentemente citado é que os povos antigos possuíam um fascínio pelas estrelas, sabiam muito de astronomia e não raramente alinhavam suas construções a constelações, equinócios/solstícios e outros eventos celestes. De acordo com a teoria dos antigos astronautas, não tinha como essas pessoas obterem conhecimento tão preciso sem receberem informações dos extraterrestres.

Observando pelo ângulo técnico, os vídeos são bem produzidos. Como são transmitidos no canal History Channel, contam com toda uma equipe de edição,

roteirização, narração e produção. Imagens, filmes curtos e animações são produzidas para fornecer ao telespectador referência visual que acompanha a narração, e não é raro que apresentadores e convidados se locomovam até o sítio arqueológico que é o tema do vídeo. Além de Tsoukalos e von Däniken, o programa conta com alguns convidados que aparecem com frequência nos episódios, a maioria deles escritores sobre ufologia e o paranormal como David Childress e Michael Cremo. Eventualmente, especialistas em teologia, astronomia, biologia, história, arqueologia e algumas outras áreas do conhecimento aparecem para garantir selo científico ao documentário, mas suas participações são muito breves ou apresentadas sem contexto. Há, ainda, profissionais com credibilidade duvidosa que já se envolveram em problemas legais com ética no trabalho.

A narração é dramática, mas boa parte das falas dos teóricos dos antigos astronautas é repetitiva e parece estar sempre em um tom defensivo, repleto de interrogações para que possam se esconder atrás do campo da possibilidade caso sejam refutados. von Däniken, ao ser questionado sobre as alegações feitas em seu livro, argumenta que não afirmou nada, apenas apresentou interpretações alternativas e seus livros eram cheios de pontos de interrogação (DÄNIKEN, Alienígenas do Passado – episódio 00, 2009).

Os vídeos analisados seguem uma fórmula parecida. Alguns assuntos como a evolução humana, construção de cidades, monumentos ou artefatos são apresentados. Uma breve contextualização a respeito do tema é oferecida e algum especialista é convidado a falar sobre ele antes do narrador informar que seria improvável que os humanos “primitivos” tenham sido responsáveis por construir algo do tipo. Em seguida, os teóricos dos antigos astronautas (especialistas no sobrenatural e paranormal, criptozoólogos e ufólogos) passam a maior parte do episódio tentando convencer a audiência de que encontraram vestígios do envolvimento alienígena na história humana fazendo correlações exageradas, mostrando evidências circunstanciais, informações desatualizadas ou descontextualizadas e até mesmo apelando para desinformação e fraude.

O processo é adequadamente resumido por um vídeo postado no canal Nerdologia, também incluído nessa análise. Com uma lista de referências e sugestões de leitura disponibilizada para a audiência, o historiador Filipe Figueiredo, um dos apresentadores do canal, destrincha de forma breve o *modus operandi* dos teóricos

dos antigos astronautas usando as pirâmides do Egito como exemplo, já que são frequentemente associadas a teorias da conspiração. Por que tantas sociedades ao redor do mundo fizeram construções em formato piramidal? Fisicamente falando, é mais fácil erguer algo alto se a base for mais larga. Para que serviam? O chamado “viés temporal” e anacronismos podem fazer com que seja mais fácil criar ideias mirabolantes do que acreditar que uma construção tão grandiosa possa ter servido propósitos simples como túmulos, ou atribuir valores do presente a povos do passado.

Afirma, também, que coisas tidas como “misteriosas” na verdade já foram estudadas por diversos campos da ciência, incluindo a arqueologia, e os acadêmicos propõe respostas, ainda que nem sempre definitivas, para perguntas a respeito de como as pirâmides foram construídas e que o DNA dos antigos egípcios definitivamente era humano. Outra estratégia comum dos teóricos dos antigos astronautas, segundo Figueiredo (2018), é ignorar a progressão tecnológica da humanidade e omitir os exemplos em que as construções estavam em fases iniciais ou simplesmente não deram certo. Os alvos desse tipo de conteúdo também são bem escolhidos, uma vez que geralmente selecionam sociedades não ocidentais, muitas das quais não deixaram vestígios escritos que possam dar pistas de como conseguiram realizar feitos impressionantes.

Considerando que toda a premissa da teoria dos antigos astronautas é provar através de vestígios que a Terra foi visitada por alienígenas no passado, a arqueologia está constantemente no plano de fundo desses vídeos, apesar de nem sempre ser citada nominalmente. É representada simultaneamente enquanto a incrível ciência responsável por descobertas fascinantes e insuficiente para responder perguntas cruciais a respeito desses achados. Após um breve contexto sobre o objeto/construção/arte discutido no vídeo e um comentário maravilhado sobre a genialidade de tais obras, é comum ouvir a frase “os cientistas/arqueólogos conservadores não possuem todas as respostas” antes do narrador imediatamente pular para a conclusão de que teve envolvimento alienígena.

Embora seja verdade que a arqueologia e outros campos do conhecimento nem sempre tenham uma resposta satisfatória para as questões apresentadas, os teóricos dos antigos astronautas apoiam pesadamente seus argumentos no que a

ciência não consegue provar com certeza e ignoram respostas já bem aceitas pela comunidade científica.

Mais do que propagar mentiras sobre os povos e civilizações mencionados em suas hipóteses, os teóricos dos antigos astronautas espalham uma narrativa que é tanto baseada em ideias racistas, eurocentristas e etnocentristas, quanto contribuem para o processo de retroalimentação dessas mesmas ideias. Erich von Däniken, Giorgio Tsoukalos e seus seguidores quase sempre escolhem antigas civilizações localizadas na América, África e Ásia (FEDER, 2013) como alvo de suas conspirações, reconhecendo as conquistas desses povos como algo impressionante ao mesmo tempo que lhes nega autoria pelas mesmas. Essencialmente, o que os teóricos dos antigos astronautas estão dizendo é que civilizações não brancas e não europeias não possuíam inteligência, imaginação ou capacidade suficientes para fazer monumentos, construções ou obras de arte sem que houvesse auxílio ou interferência extraterrestre.

Dos dez vídeos analisados sobre o tema, apenas dois são breves críticas à teoria dos astronautas do passado. Os oito restantes, a esmagadora maioria, possuem o objetivo de apresentar evidências de que seres alienígenas estiveram na Terra em algum momento do passado e estiveram diretamente envolvidos com a criação, evolução e/ou conquistas da raça humana. O número total de visualizações dos 10 vídeos selecionados é de aproximadamente 3 milhões e 207 mil.

### 7.2.2 ARQUEOLOGIA PROIBIDA

Arqueologia proibida foi popularizada por Michael Cremo que, em 1993 juntamente com Richard Thompson, escreveu *Forbidden Archaeology*, com a proposta de reunir evidências arqueológicas de que o ser humano está na Terra desde muito antes do que a “ciência tradicional” afirma. Assim como o autor, os apresentadores dos vídeos analisados se colocam contra a teoria da evolução e acreditam que existem evidências suficientes para provar que estão certos, mas são silenciados pelas autoridades e academia, que intencionalmente ocultam artefatos, descobertas e informações do público com o objetivo de enganar a população e manter o *status quo*.

De acordo com eles, o motivo para isso é que se essas descobertas vierem à luz, a ciência tradicional vai ter que repensar tudo o que sabe sobre a história humana ou

do nosso planeta. As pessoas que praticam arqueologia proibida, então, trabalham para descobrir e divulgar essas evidências. Baseiam-se principalmente em *ooparts*, acrônimo para *out of place artifacts* (artefatos fora do lugar, em tradução literal), que, como o nome sugere, são objetos encontrados em contextos onde não deveriam estar. Se comprovados enquanto verdadeiros, eles poderiam sugerir que os seres humanos vivem na Terra há mais tempo do que se imagina, que viagem no tempo é real, ou que seres alienígenas apresentaram tecnologia futurística para povos antigos.

De modo geral, esses artefatos são: vestígios ósseos como esqueletos de gigantes; ruínas subaquáticas ou cidades perdidas; objetos que possuem tecnologia muito mais avançada do que a época em que foi datados (moedas, pregos e ferramentas como parafuso e martelos que datam de milhões de anos) e registros na mitologia, religião ou arte, como hieróglifos que representam aviões, ou Vimanas, as máquinas voadoras.

Embora exista uma quantidade bem diversa de objetos considerados fora do seu tempo, aqueles mostrados nos vídeos analisados variam apenas ligeiramente de um vídeo para outro, mas alguns se repetem com maior frequência:

1) As "Esferas de Klerksdorp" encontradas na África do Sul. É dito que o metal das esferas é bem difícil de achar na Terra e é extremamente duro, além de contar com uma espécie de tecido esponjoso em seu interior que se desvanece com o vento. Datam do período pré-cambriano, quando a vida na Terra era escassa, porém o formato perfeitamente esférico do objeto e sulcos encravados na superfície supostamente indicam que elas não podem ter sido formadas naturalmente. O geólogo Paul Heinrich (2008), no entanto, fez um estudo sobre essas esferas e publicou um artigo explicando que elas não são "perfeitamente arredondadas", são formadas por eventos geológicos naturais e por um material comum.



**Esferas de Klerksdorp.** Fonte:

<https://www.megacurioso.com.br/fenomenos-da-natureza/36616-conheca-a-historia-das-misteriosas-esferas-decoradas-de-2-8-bilhoes-de-anos.htm>)

2) O mapa de Piri Reis chama a atenção por ser supostamente extremamente detalhado e correto para a época em que foi escrito. O que intriga os teóricos da conspiração é uma faixa de terra na parte inferior do mapa, que segundo eles representa a Antártida sem gelo. Isso gera a questão de como os habitantes do Velho Mundo no século XVI poderiam saber da existência desse continente centenas anos antes da sua descoberta oficial. Porém essa interpretação não era do próprio Piri Reis, que se baseou em outros mapas mundiais de sua época para elaborar o seu próprio e era impreciso, ou mesmo incorreto, a respeito das áreas pouco visitadas ou ainda desconhecidas pelos antigos navegadores (FEDER, 2010). A explicação mais provável é que o que os teóricos da conspiração imaginam ser a Antártida seja apenas a porção sul do continente americano.



(Mapa de Piri Reis de 1513. Fonte:

[http://obviousmag.org/archives/2011/09/o\\_incrivel\\_mapa\\_de\\_piri\\_reis.html](http://obviousmag.org/archives/2011/09/o_incrivel_mapa_de_piri_reis.html))

3) Pedras de Ica: apresentam um aspecto antigo, supostamente no mesmo estilo dos habitantes “primitivos” do Peru. Apesar disso, representam seres humanos convivendo com dinossauros e em alguns dos desenhos entalhados, mostram processos complexos como cirurgias de coração. O fato desse povo antigo ter conhecimento de algo que só seria cientificamente descoberto muito tempo depois

deveria provar que essas pessoas receberam informações de alienígenas, do futuro ou que dinossauros foram extintos muito depois do que se pensa. O caso ganhou notoriedade internacional e chamou a atenção da mídia, da comunidade científica e dos teóricos da conspiração. Assim, uma investigação feita a respeito da origem das pedras os levou até um homem chamado Basílio Uschuya, que fabricava as pedras para vender (FEDER, 2010).



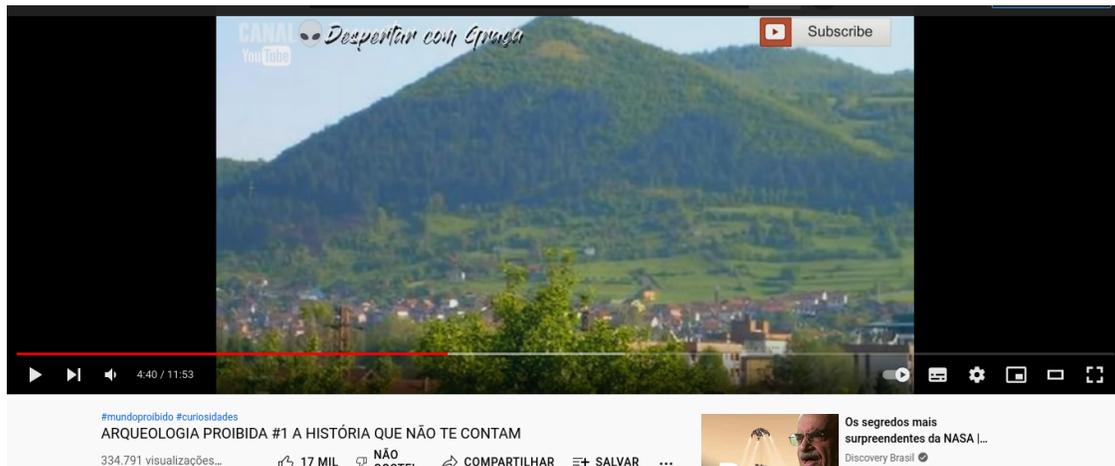
(**Pedras de Ica: humanos e dinossauros; cirurgia cardíaca.** Fonte: <https://www.ancient-origins.net/opinion-guest-authors/library-stone-ica-stones-professor-cabrera-part-ii-006639>)

4) Fósseis de pegadas humanas muito antes da existência da nossa espécie. Um exemplo famoso é o de marcas da pisada de dinossauros lado a lado com a de seres humanos. As pegadas atribuídas às pessoas foram, muito provavelmente, deixadas por dinossauros bípedes ao lado daqueles que andavam com as quatro patas no chão. Depois do caso ter ganhado atenção da mídia, houveram falsificações para atrair visitantes (FEDER, 2010).



(“Pegadas de Paluxy”, Texas. Fonte: <https://www.talkorigins.org/faqs/paluxy/tsite.html>)

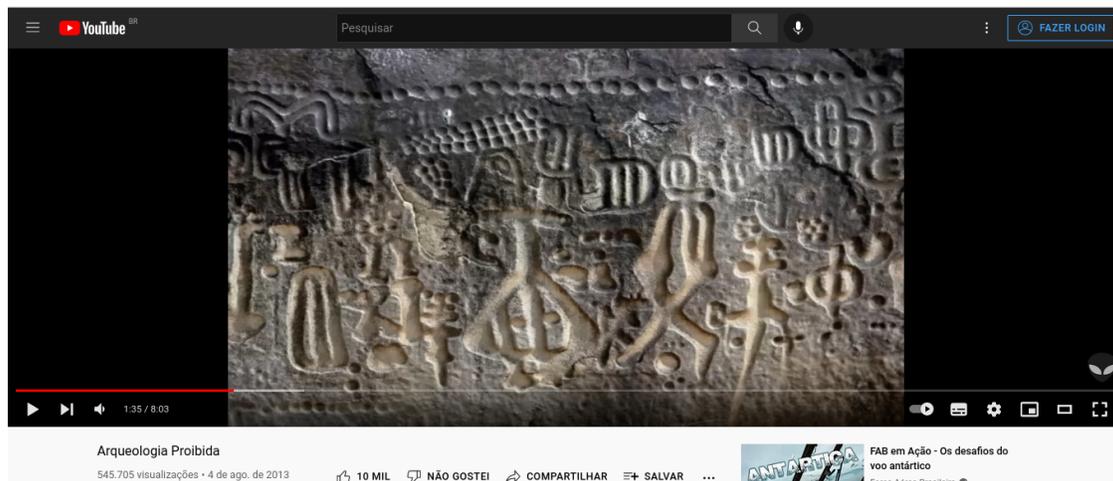
5) Pirâmides da Bósnia: teriam 12 mil anos de idade, sendo a mais antiga e a maior pirâmide já encontrada. Descoberta por um arqueólogo amador, o local recebe milhares de visitas anualmente, mas especialistas insistem que se tratam de colinas formadas a partir de processos geológicos bem conhecidos, além da falta de evidência de qualquer estrutura próxima associada com uma construção de tamanho porte, como estradas para transportar material, dormitórios e refeitórios para os trabalhadores (FEDER, 2010).



(Pirâmide do sol, Bósnia. Fonte: print do Youtube)

Apesar da maior parte dos exemplos serem internacionais, o Brasil também é citado em alguns dos vídeos. Enquanto mostra uma foto da Pedra do Ingá na Paraíba, o narrador conta que aqui

[...] foram encontradas diversas pedras com símbolos sumérios, o que indicaria que o Brasil já teve, provavelmente, uma civilização avançada no passado, a exemplo dos egípcios, maias incas, entre outras. [...] Os sumérios viveram há mais de 3 mil anos atrás. Seria possível que eles tivessem colonizado a América? (ARQUEOLOGIA PROIBIDA, ÁREA51CANAL, 2013).



(Pedra de Ingá. Fonte: print do Youtube)

Os objetos presentes nos vídeos são sempre apresentados sem contexto, muitos deles sem a informação de quem os encontrou e onde. Embora existam blogs e livros de especialistas dedicados a analisar a procedência desses objetos, uma simples busca na internet já revela que esses achados, ao contrário do que os apresentadores afirmam, foram estudados por cientistas, que propõem explicações aceitáveis para sua existência. Artefatos fora de contexto podem ser devido a palimpsestos, perturbação no registro arqueológico, fraude ou pareidolia<sup>5</sup>. E apesar do alcance dos vídeos e do conteúdo proibido ser bem amplo, a suposta censura por parte das autoridades é mencionada inúmeras vezes em todos os vídeos:

A arqueologia é responsável por grande parte do conhecimento que temos sobre nosso passado, mas existem muitas coisas que [ela] descobre e a ciência fecha os olhos, nega e tenta esconder da população em geral [...]. A ciência atual tem o péssimo hábito de defender suas teorias com unhas e dentes, sem aceitar que talvez estejam erradas. Afinal, se esses achados fossem levados em consideração, toda a história da humanidade teria que ser reescrita e tudo que vemos como passado teria que ser revisto (ARQUEOLOGIA PROIBIDA, ÁREA51CANAL, 2013).

<sup>5</sup>“Modo de interpretar um estímulo vago e incerto, atribuindo-lhe um sentido ou significado já existente, geralmente se refere à atribuição de formas às nuvens ou à tentativa de dar sentido a sons desconexos.” <https://www.dicio.com.br/pareidolias/>

Os arqueólogos são criaturas fascinantes, chegam até onde nossa imaginação não alcança. Às vezes, suas descobertas causam problemas, ganhando até o rótulo de “proibida”. Não devia. O termo correto é escondida. A visão popular sobre a presença humana no passado distante é falsa. Esconde evidências incontestáveis de povos e tecnologias avançadíssimas, milhões de anos antes do que é declarado sobre a evolução da humanidade no planeta. [...] Se uma pequena parte dessas evidências [...] fossem levadas em consideração, daria muito trabalho. Pensa bem, teríamos que reescrever a história da humanidade, no mínimo. (ARQUEOLOGIA PROIBIDA #1 A HISTÓRIA QUE NÃO TE CONTAM, 2017).

E do próprio autor de *Forbidden Archaeology*:

De fato existe um processo de filtração de conhecimento que acontece a todo instante. Aquelas descobertas que se encaixam perfeitamente de acordo com a visão corrente da ciência passam pelo filtro sem nenhuma dificuldade [...] mas toda evidência que contradiz aquilo que é aceito pela comunidade científica acaba sendo filtrado e colocado de lado. Quer dizer que os estudantes não vão ler sobre isso em seus livros escolares, não vão ver na TV os cientistas falarem sobre esse assunto e se você vai num museu, não encontra esses objetos (A HISTÓRIA SECRETA DA RAÇA-HUMANA - MICHAEL CREMO, 2012).

Apesar da facilidade em encontrá-las, as explicações da “ciência tradicional” nunca são mencionadas nos vídeos, o foco é na repetição veemente a respeito da suposta misteriosa procedência dos objetos. Curiosamente, os teóricos da conspiração também não oferecem explicações para os *ooparts*, apenas bombardeiam a audiência com hipóteses sobre viagem no tempo, contato alienígena e, é claro, o quanto as autoridades científicas não querem que você saiba sobre eles. O número total de visualizações dos 10 vídeos selecionados é de aproximadamente 2 milhões e 263 mil.

### 7.2.3 ATLÂNTIDA

Basta uma breve busca na plataforma para perceber que o tema é extremamente popular. Diversos canais falam sobre o assunto, a maior parte na área do entretenimento que postam sobre curiosidades diversas. Os criadores do conteúdo em geral apresentam a história em vídeos curtos e instigam os inscritos a discutirem nos comentários, mas poucos são particularmente defensores da existência ou não da cidade.

Há, em alguns vídeos, certa confusão a respeito do que exatamente é Atlântida, com os criadores usando os termos “império”, “cidade” ou “continente” de forma intercambiável. Outros esclarecem que Atlântida era a capital de um império que se estendia desde o atlântico até o mediterrâneo, dividida em dez reinos, cada um governado por um filho de Poseidon com uma mortal. O que se concorda é que a

cidade possuía uma arquitetura impressionante, com construções de pedra, estruturas como pontes, canais e aquedutos e templos. Era organizada em forma de círculos concêntricos com três anéis de terra intercalados com água e protegida por muralhas. No anel central, ficava a elite e o templo dedicado a Poseidon, deus patrono da cidade. No segundo anel estavam as instalações militares, e o terceiro círculo era onde o resto da população vivia. Era bastante povoada e tinha intensa movimentação e mercado. Eram excelentes navegadores, uma potência militar e naval que permitiu colonizar diversos locais. Porém, a cidade desapareceu subitamente devido a uma série de eventos catastróficos cerca de 11 mil anos atrás.



(Atlântida. Fonte: print do youtube)

O consenso, tanto entre os céticos quanto entre aqueles que acreditam que Atlântida é real, é que o primeiro a contar a história da cidade foi Platão cerca de 360 anos antes da era cristã. Os detalhes dessa informação nem sempre batem, mas aparentemente, o filósofo contou a história para seus estudantes após ouvir de Crítias – que ouviu de seu avô, que ouviu do pai dele Drópides, que ouviu do poeta Sólon, que ouviu de sacerdotes egípcios (FEDER, 2010). As concordâncias, porém, acabam por aí, pois o assunto divide opiniões entre céticos e crentes, além dos debates a respeito de qual teria sido a localização da cidade.

É consenso geral entre historiadores e arqueólogos acadêmicos que Atlântida não passa de um mito, um recurso pedagógico utilizado por Platão para contar a seus estudantes uma história sobre como um reino poderoso, mas corrompido pelo poder e pela ganância foi derrotado por uma sociedade simples, porém com a moral intacta (Atenas antiga). Considerando que a história militar da cidade foi bem

documentada, o fato de não haver menção alguma de conflito entre atenienses e atlantes em outro lugar que não seja nas histórias de Platão, nem mesmo no Egito ou algum dos outros lugares que supostamente foram colônias do império atlante, torna improvável que ele tenha realmente acontecido (FEDER, 2010). Essa teoria é apenas mencionada tangencialmente em alguns dos vídeos, e não parece ser muito popular.

Há, ainda, aqueles que acreditam que Platão baseou a história em uma civilização bem antiga que foi levada à ruína por desastres naturais como explosões vulcânicas, terremotos e tsunamis. O documentário “Atlântida – o Mistério dos Minóicos” do Discovery Channel cobre essa teoria em detalhes ao mostrar a saga de *sir* Arthur Evans e Duncan Mckenzie na descoberta arqueológica da civilização minóica na ilha de Creta. Apesar de fazer parte do canal pago, o documentário foi disponibilizado na íntegra no *Youtube*, conta com pouco mais de cinquenta minutos de duração e possui toda a produção de alto orçamento associada ao Discovery Channel, como edição, roteirização, música de fundo e simulações das escavações.

Evans é representado usando roupas formais, como paletó, chapéu e ostentando um bigode. Ele é pintado como uma figura rica, dedicada e completamente apaixonada por sua pesquisa, gastando boa parte da sua vida e da sua fortuna na árdua e solitária tarefa de desvendar o mistério da “primeira grande civilização europeia” e mostrá-lo para o mundo.



(Arthur Evans. Fonte: print do *Youtube*)

A narrativa do documentário, apesar de dramática, não chega a ser sensacionalista e menciona brevemente os problemas do polêmico projeto de Evans para

reconstruir a arte, artefatos e arquitetura local do modo como ele imaginava ser em seus tempos de glória. Todo o argumento é construído a favor do fato dos minoicos serem inspiração para o mito de Atlântida, sem mencionar evidências do contrário ou outras possíveis hipóteses. Quanto à explicação para o declínio dessa civilização, a descoberta de um sítio arqueológico em Santorini, uma ilha próxima à Creta, revelou evidências de desastres naturais no registro geológico. Isso, para os que acreditam nessa hipótese, bate com os escritos de Platão.

Por último, existem aqueles que creem que uma cidade chamada Atlântida existiu em todo o seu esplendor até que foi varrida por catástrofes. Para essas pessoas, esse povo teria sido uma potência imperialista que colonizou outras civilizações, e eram tão avançados que mesmo milhares de anos após sua queda, os sobreviventes se espalharam pelo mundo e influenciaram outras culturas, como os egípcios antigos ou colonizando as américas (o que explicaria o motivo de existirem pirâmides em ambos lugares).

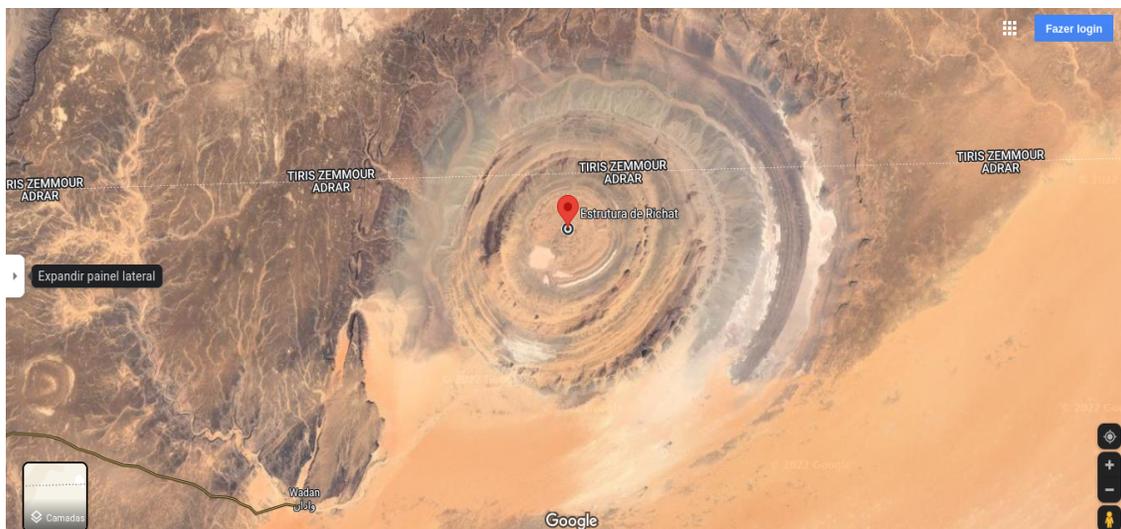
A localização também é controversa. Em “Atlântida: a cidade perdida” a dupla de cineastas James Cameron e Simcha Jacobovici reúnem uma equipe para investigar os locais mencionados na literatura. Platão disse que ficava próxima aos Pilares de Hércules, que é atualmente conhecido como Estreito de Gibraltar, então Jacobovici se junta a um arqueólogo e uma equipe de mergulhadores para investigar se existem vestígios arqueológicos embaixo d’água. A busca não deu em nada, e é interessante destacar o fato de que o arqueólogo não fez parte do mergulho, forneceu todas as instruções e acompanhou a expedição de dentro do barco.

O cineasta então passa para a próxima possível localização de Atlântida. Discorda que ficava em Creta pelo fato de aparentemente os minóicos não se encaixarem no perfil combativo dos atlantes. O documentário se estende por longos noventa minutos enquanto Jacobovici visita cidades que tenham ruínas que se pareçam remotamente com um círculo até finalizar com um resultado inconclusivo em uma área do Parque Nacional de Doñana, Espanha.

Enquanto as hipóteses em geral se limitam à região próxima do mediterrâneo, algumas mais ousadas sugerem que Atlântida ficava no Triângulo das Bermudas, ou na Antártida e hoje se encontra abaixo de quilômetros de gelo. Há também a suspeita de que os atlantes eram alienígenas que, em vez de serem destruídos, voltaram para sua terra natal (FATOS DESCONHECIDOS, 2019). Existe uma versão

em que os sobreviventes da catástrofe que destruiu a cidade migraram para o continente americano e “ajudaram” a fundar civilizações complexas, ideia que ganharia força se alguém conseguisse encontrar as míticas civilizações perdidas da América como *El Dorado* ou aquela mencionada no Manuscrito 512 sobre a cidade perdida na Bahia.

A última hipótese, uma das mais recentes que vem ganhando popularidade, é que Atlântida esteve localizada na Estrutura de Richat (popularmente conhecida como “Olho da África”) na Mauritânia, país que se encontra no noroeste do continente africano. A estrutura possui cerca de 50 quilômetros de diâmetro e só pode ser vista em sua totalidade do espaço. Geólogos acreditam que o local foi formado naturalmente por constantes movimentos de elevação e erosão do solo ao longo do tempo, mas há quem diga que o formato circular do Olho lembra a configuração da cidade de Atlântida.



(Estrutura de Richat. Fonte: Google Maps)

Essa hipótese é apresentada por Wagner Souza, do canal Mundo Proibido. Em um mini documentário dividido em dois vídeos, ele explica em detalhes sobre o funcionamento de Atlântida e evidências que o fazem acreditar que a Estrutura de Richat é a localização real da cidade.

Se trata da localização mais plausível porque os detalhes e correspondências que Platão nos dá são assombrosas! E se acham que estou exagerando, ao longo do vídeo você verá isso claramente (Finalmente descoberta localização da Cidade Atlântida - documentário 1ª parte, 2018).

Além do formato parecido, ele afirma que o tamanho do olho bate com a descrição dada por Platão. Baseando-se no texto do filósofo, o apresentador do canal segue fazendo comparações das descrições da cidade com o que ele imagina que seria a Estrutura de Richat caso houvesse água e se tivessem mais informações sobre o lugar. Dentre as semelhanças mencionadas, milhares de anos atrás, antes da destruição da cidade, deveria ser possível ver as belas montanhas esverdeadas ao norte de Atlântida (e da estrutura); e na parte sul do Olho supostamente existe uma saída para o mar, assim como na cidade perdida. Souza (2018) também afirma que os tipos de rochas encontradas na área batem com aquelas descritas por Platão, e existem evidências que provam que aquela região do deserto já teve água doce em abundância.

O apresentador do Mundo Proibido finaliza os vídeos com o recado de que existe um fundo de verdade em todo mito, mas os acadêmicos não estão interessados em investigar as evidências na estrutura de Richat porque isso quebraria o *status quo* e parece incomodado com o fato de até a página oficial da *Wikipédia* categorizou a busca pela cidade perdida como pseudociência.

Os dez vídeos analisados sobre essa temática falam da grandiosidade de Atlântida e, independentemente de sua duração, fornecem o contexto geral da história e seus próprios palpites acerca da localização da cidade. A arqueologia é citada em nome principalmente entre aqueles que acreditam que Platão se baseou em alguma civilização antes do seu tempo, mas em outros, imagens de escavações arqueológicas preenchem a tela enquanto o narrador fala, apesar de não ocuparem papel de destaque no vídeo. Nenhum deles, no entanto, reconheceu o problema de que uma civilização tão grandiosa, tão avançada e tão cheia de tecnologia teria deixado algum vestígio para trás. E, até o momento, nenhuma evidência da existência de Atlântida foi encontrada nos lugares onde presumivelmente a cidade estava localizada.

Assim como nos astronautas do passado, um aspecto que sempre é esquecido nos vídeos é a discussão sobre as raízes eurocêntricas e racistas dessas hipóteses conspiracionistas. De acordo com Feder (2010, 2013), Atlântida foi considerada mito desde a época de Platão até surgir a necessidade de explicar como povos considerados inferiores possuíam evidências de civilizações avançadas (de acordo com os padrões eurocentristas). Ainda segundo o autor, o responsável pela versão

moderna do mito da cidade perdida foi Ignatius Donnelly, que no fim do século XIX publicou o livro *Atlântida: O Mundo Antediluviano*, popularizando a hipótese difusionista de que os sobreviventes da catástrofe foram antepassados de todos povos avançados ao se espalharem pelo mundo. O fato de que em ambos lados do Atlântico existem pirâmides, sociedades agricultoras e que trabalhavam com bronze está entre as evidências apresentadas. Dessa vez, no lugar de alienígenas, a fonte e inspiração para arte e arquitetura teria sido derivada de um hiper difusionismo de um povo branco e europeu, não os nativos desses territórios.

Das hipóteses da conspiração discutidas até o momento, essa é a que, de acordo com os comentários, mais pessoas estão convencidas de sua existência, seja da cidade em si seja enquanto inspiração para um mito. O número total de visualizações dos 10 vídeos selecionados é de aproximadamente 6 milhões e 5 mil.

#### 7.2.4 ARQUEOLOGIA BÍBLICA

É a arqueologia praticada onde hoje se encontram Israel, Jordão, Líbano e Síria. Em si, não busca comprovar ou desmentir a bíblia (apesar de ter começado com essa intenção nas primeiras escavações no século XIX), e sim pesquisar sobre os acontecimentos e pessoas que viveram nessa área durante o período descrito, visando reconstruir a história da região (CLINE, 2009). Ainda de acordo com o autor, a bíblia pode ser usada como documento histórico no mesmo sentido que pesquisadores da arqueologia clássica e egiptólogos utilizam escritos antigos dessas civilizações para comparar com seus achados em campo.

Os vídeos sobre arqueologia bíblica no *Youtube* são os mais vistos dentre os tópicos estudados. Dentre os dez selecionados para análise, apenas dois não chegam a 1 milhão de visualizações e sete são apresentados por Rodrigo Silva, arqueólogo e teólogo, seja em seu canal, seja em entrevistas ou como apresentador do programa Evidências. O objetivo, de acordo com eles mesmos, é olhar a bíblia a partir da história e arqueologia e achar indícios que comprovem sua veracidade. Por este motivo, neste trabalho a arqueologia bíblica foi agrupada com as outras hipóteses da conspiração.

Com 1,11 milhões de inscritos no canal em que é apresentador, o Evidências NT, e 1,9 milhões em seu canal pessoal, Rodrigo Silva é de longe o arqueólogo mais famoso do Youtube Brasil (seguido por Márcia Jamille, com pouco mais de 80 mil

inscritos). A recepção para seu conteúdo é, até onde foi possível observar através dos comentários, extremamente positiva. Muitos se interessam pela arqueologia, mas enquanto uma ferramenta que, através da descoberta de artefatos, construções e outras evidências físicas, podem comprovar que os eventos narrados pela bíblia estão corretos.

Apenas três vídeos dessa lista não são apresentados por Rodrigo. O primeiro vídeo foi postado em um canal de curiosidades que não raramente possui a arqueologia como temática. Embora o título informe que uma “descoberta arqueológica pode provar a veracidade da bíblia”, o vídeo fala sobre sete achados da arqueologia bíblica em variados graus de credibilidade científica, finalizando com a suposição mais recente sobre onde fica a tumba de Jesus. O narrador propõe que, na falta de uma máquina do tempo, a arqueologia é nossa melhor chance de descobrir o que aconteceu naquela época.

Apesar de ciência e religião caminharem por caminhos bem diferentes, em algumas ocasiões o meio termo pode ser encontrado. Recentemente várias descobertas da arqueologia vem servindo como base para relatos que foram descritos na bíblia há milhares de anos, comprovando sua autenticidade. Dessa forma, diferente do que muitos pensam, as descobertas bíblicas podem agir de forma conjunta com estudos de civilizações antigas, provando sua veracidade como fonte de documentação histórica. (Esta descoberta arqueológica pode provar a veracidade da Bíblia! Mundo desconhecido, 2018.)

O segundo vídeo é uma notícia do Domingo Espetacular sobre o achado do selo de Ezequias, comprovando a existência da figura até então apenas mencionada na bíblia. O terceiro pertence originalmente à série “Revelando os segredos de Deus” produzido pelo ArkDiscovery.com, site com informações sobre as descobertas do arqueólogo amador Ron Wyatt, que alegava ter encontrado a Arca de Noé. O narrador fala sobre a travessia dos israelitas pelo Mar Vermelho liderada por Moisés. Após a introdução, comenta brevemente que a maioria dos arqueólogos vê dificuldade em estudar o Êxodo, pois mesmo que ele tenha durado décadas, não existem vestígios suficientes para afirmar nada com certeza. Então, constrói a narrativa em cima do que é dito na bíblia, interpretando o texto e tentando rastrear onde os lugares mencionados ficam atualmente, mas o local em que Wyatt acredita que esse evento aconteceu não recebeu credibilidade científica de seus pares para que uma real escavação fosse feita.

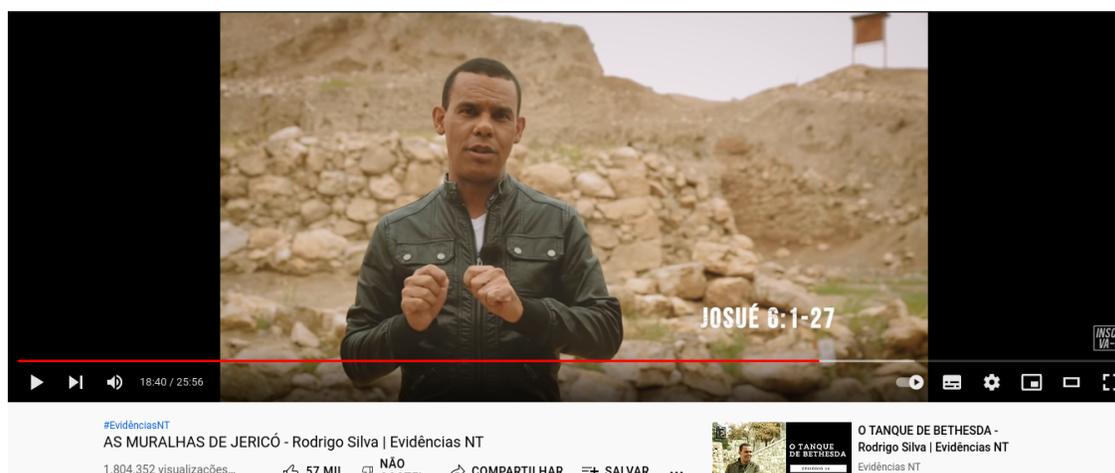
Rodrigo Silva, no entanto, baseia suas interpretações no que se pode inferir a partir dos achados arqueológicos e não concorda com a prática de alguns guias turísticos

que costumam mentir para os visitantes. Pela qualidade dos vídeos, é provável que receba algum tipo de financiamento para suas pesquisas, pois as gravações são feitas em estúdios profissionais com decorações que remetem tanto à bíblia quanto à arqueologia.



(Arqueologia Bíblica #1. Fonte: print do Youtube)

Por vezes o apresentador grava o vídeo diretamente da cidade ou local bíblico mencionado, como os sítios arqueológicos de Israel. Isso é um recurso narrativo interessante, uma vez que Rodrigo pode simplesmente apontar para as ruínas e estruturas ou andar entre elas enquanto fala.



(Arqueologia Bíblica #2. Fonte: print do Youtube)

Além da localidade, os vídeos são produzidos em formato de mini documentário, e ocasionalmente fotos, mapas e animações ocupam a tela para que a audiência possa visualizar mais facilmente o que está sendo narrado. Em geral, é oferecido o contexto histórico e arqueológico do local em questão antes do apresentador ler

passagens da bíblia para fazer sua interpretação sobre os eventos que aconteceram ali. O uso de analogias para explicar melhor seu ponto de vista é bem comum e às vezes até se antecipa às possíveis críticas quando menciona questões morais, debates éticos ou algo que contrarie o ponto em que está querendo chegar.

Rodrigo Silva, porém, mostra aparente desdém com as figuras pagãs que porventura foram contemporâneas ao tempo em que se refere, dizendo que só há um verdadeiro Deus enquanto classifica todo o resto como mitologia.

Jerusalém estava repleta de monumentos pagãos especialmente trazidos pelo mundo greco-romano. [...] Nesse caso, o tanque de Bethesda ou a Casa de Misericórdia não era absolutamente um local judeu, mas antes uma instalação greco-romana filiada a Asclépio, deus da cura e da medicina. [...] Era um verdadeiro santuário para curas sob a proteção de Esculápio e Serápis, um paganismo terrível. Jesus deve ter ficado muito triste quando veio aqui em Bethesda e viu toda aquela gente mergulhando no paganismo (O tanque de Bethesda - Rodrigo Silva | Evidências NT, 2017).

Apesar de em vários momentos se valer de suas credenciais enquanto cientista arqueólogo para legitimar seu discurso, algumas falas ao longo do vídeo são claramente dogmas de sua religião.

Isso [sobre enviar para o templo azeite de maior qualidade saído da prensa] fazia parte de uma crença da religiosidade judaica de que tudo que é primeiro, tudo que é mais importante, tudo que é primícia pertence a Deus. Um exemplo, aliás, que deveríamos imitar. Tudo que é mais importante em nossa vida deveria primeiro ser atribuído a Deus (Série EVIDÊNCIAS - Dr. Rodrigo Silva  Temporada 3 | Ep. 10: Nos dias de Jesus [parte 1], 2013).

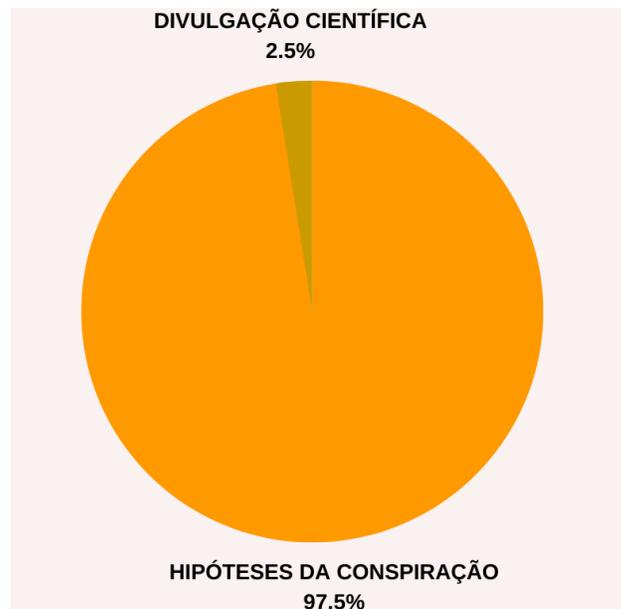
Essas não estão ali por acidente. Em meio às explicações, Rodrigo ocasionalmente usa o viés histórico e arqueológico para embasar sua fé, instigando seus seguidores a fazer o mesmo. O número total de visualizações dos 10 vídeos selecionados é de aproximadamente 15 milhões e 316 mil.

## **8. Discussão**

Fazer a contagem exata das visualizações em cada vídeo é complicado porque os números mudam diariamente. Porém, trabalhando com os dados recolhidos até o momento desta pesquisa, estes foram os números obtidos:

Canal/Tema	Visualizações
Arqueologia e Pré-história	41.804
Arqueologia Alternativa	196.280
Arqueologia Pelo Mundo	453.661
Arqueologia proibida	2.236.645
Astronautas do passado	3.207.190
Atlântida	6.005.669
Arqueologia Bíblica	15.316.238
Total	27.457.487

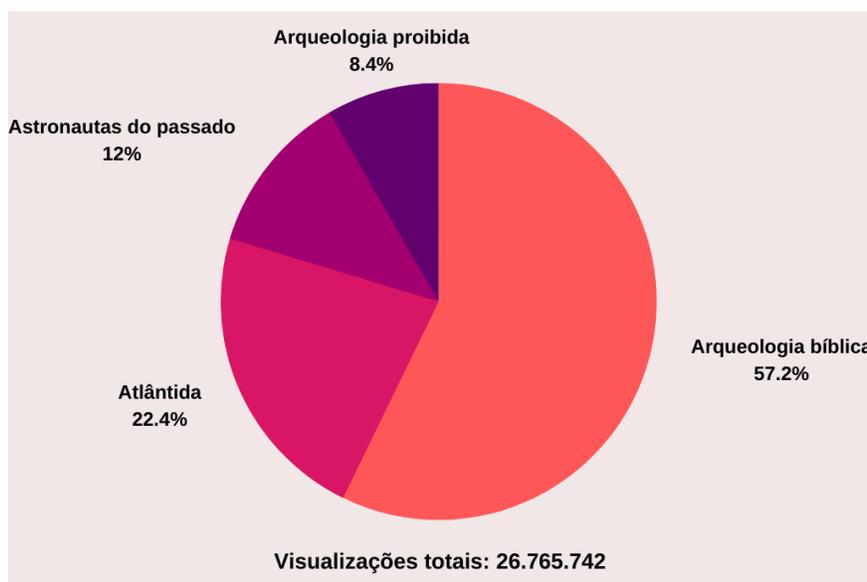
A partir deste resultado, é possível notar que os tópicos classificados como hipóteses da conspiração são muito mais populares do que o conteúdo da divulgação científica. Colocando esses números em um gráfico, é visível a discrepância entre as categorias:



(Gráfico de visualizações dos tópicos. Elaboração própria)

Dentre as hipóteses da conspiração, elas seguem a seguinte ordem de popularidade: arqueologia bíblica > atlântida > astronautas do passado > arqueologia proibida. Apesar de apenas 10 dos 70 vídeos analisados se configurarem como “arqueologia bíblica”, esse tópico sozinho possui mais

visualizações do que todos os outros combinados (incluindo os de divulgação científica), somando mais da metade do número total de visualizações:



(Gráfico de visualizações das hipóteses da conspiração. Elaboração própria)

Embora não seja o único na plataforma falando sobre o assunto, Rodrigo Silva é o nome mais relevante sobre arqueologia bíblica no *Youtube*, tanto em seu canal pessoal quanto como apresentador do programa Evidências da rede Novo Tempo. A popularidade desse conteúdo pode ser, em parte, devido à sua qualidade. Como mencionado, os vídeos são bem produzidos, o apresentador possui uma narração envolvente e diversos recursos são utilizados nas produções, incluindo viagens aos locais bíblicos. Outro fator é o tempo. Embora nenhum vídeo tão antigo tenha aparecido na análise deste trabalho, os dados do *Youtube Data Tools* mostram que os vídeos de Rodrigo Silva circulam na plataforma pelo menos desde 2010.

Apesar disso, uma questão que precisa ser considerada quanto à popularidade da arqueologia bíblica é a quantidade de pessoas que seguem religiões cristãs no Brasil. O último censo do IBGE a respeito foi realizado em 2010, e somente a junção dos fiéis da religião católica e evangélica somam mais de 80% da população<sup>6</sup>. Embora essa subárea da arqueologia não tenha necessariamente o objetivo de provar a veracidade da bíblia (CLINE, 2009), é justamente essa a promessa feita pelo canal:

<sup>6</sup><https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>

(**EvidênciasNT**. Fonte: <https://www.youtube.com/c/NTEvidencias/about>)

Com um número tão expressivo de pessoas que seguem religiões cristãs, não é difícil imaginar que uma parte delas utilize o *Youtube* regularmente, o que pode ser corroborado ao ler alguns dos comentários deixados pelos usuários nos vídeos. Independentemente do valor da bíblia enquanto documento histórico, a parte espiritual é uma questão de fé e o público do canal parece estar ciente disso. Ainda assim, mostram apreço pelo que parece ser uma confirmação científica ou evidências concretas que dão suporte às suas crenças.

Que explicação maravilhosa!!  
 Conheci seu canal agora, e seu entendimento bate com o meu, que coisa maravilhosa vc nos proporcionar um pouco mais das evidências da Bíblia... Obrigado por partilhar seu conhecimento 🙏 que Deus te capacite cada dia mais 🙏

👍 1 🗨 RESPONDER

Tem o conhecimento arqueológico e principalmente o conhecimento bíblico pelo Espírito Senhor, aí não tem como errar.

👍 🗨 RESPONDER

(Comentários do vídeo: O Túmulo de Davi)

Viajo nas páginas da Bíblia ao assistir Rodrigo Silva, você nos leva através das pedras e evidencias a estudar prazerosamente as Escrituras Sagradas. Shalom

👍 25 🗨 RESPONDER

(Comentários do vídeo: O Tanque de Bethesda)

Acredito em Deus sem precisar de provas.  
 Mas essas descobertas são realmente magníficas, emocionante....

👍 954 🗨 RESPONDER

▼ [Ver 307 respostas](#)

sou cristã vive por fé, mas é maravilhoso conhecer essas histórias, amei parabéns pela reportagem

 166  RESPONDER

[Ver resposta](#)

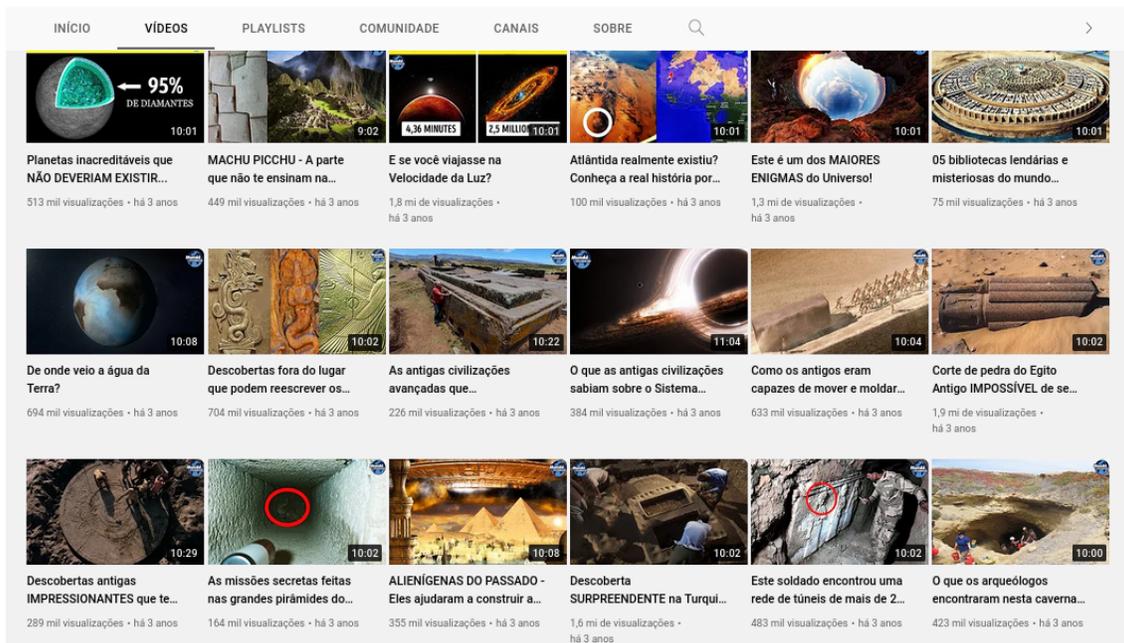
A Bíblia não é um livro de ciências, mas se tratando de fatos científicos, ela é exata.

 189  RESPONDER

(Comentários do vídeo: Arqueólogos encontram selo que comprova veracidade de histórias da bíblia)

Independentemente dos objetivos da arqueologia bíblica enquanto subárea da profissão arqueológica, tanto os apresentadores dos vídeos analisados quanto o público que os consome parecem estar interessados nesse tipo de conteúdo especificamente para corroborar sua fé. A arqueologia, nesse caso, serve como instrumento para comprovar a veracidade da bíblia e seus acontecimentos, em um tom que parece perguntar “se o texto sagrado estava certo quanto a isso, no que mais pode estar?”

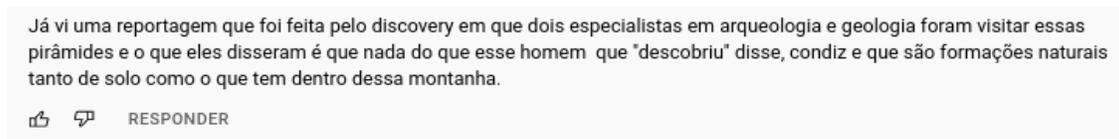
As demais hipóteses da conspiração se encontram mais espalhadas em diferentes canais. A duração dos vídeos varia desde menos de 10 minutos a documentários com mais de uma hora. A grande vantagem desse tipo de conteúdo parece ser a variabilidade. Nos canais em que os vídeos analisados foram postados, dificilmente os criadores de conteúdo falavam sobre um único tema. Pertencentes à categoria do entretenimento, eles estavam recheados de conteúdos que variavam entre curiosidades, desafios, listas e assuntos que passavam por temas religiosos, sobrenaturais e científicos. Esses canais possuem a vantagem de poder falar sobre qualquer tema que esteja em alta no momento e usar isso a seu favor para atrair audiência maior e com diferentes preferências, que chegaram naquele vídeo por um interesse específico ou simplesmente por já serem assinantes.



(Mundo Desconhecido. Fonte: <https://www.youtube.com/c/MundoDesconhecidoTMO oficial/videos>)

A qualidade dos vídeos também varia. Alguns são documentários, outros seguem um roteiro parecido porém com duração menor e ainda existem aqueles que funcionam como uma apresentação de *slides*, nos quais imagens ocupam a tela enquanto o narrador fala do conteúdo. Embora ocasionalmente os canais mais antigos tenham ficado inativos, a maioria segue postando com bastante frequência. Alguns dos apresentadores não se identificam e as fontes muito raramente são disponibilizadas para o público, de modo que torna complicada a verificação do que está sendo dito e do nível de esforço empregado no vídeo.

Os comentários se dividem entre uma maioria que simplesmente aprecia o conteúdo postado, os céticos e aqueles que acreditam no que foi apresentado e continuam a discussão iniciada no vídeo:



(Comentário no vídeo: Arqueologia Proibida #1 a história que não te contam)



(Comentários no vídeo: Mistérios inexplicáveis- Arqueologia proibida)



Que programa incrível mesmo.

 3  RESPONDER

Se nessa tumba tinha alguma coisa com certeza a partir do momento que começaram a cogitar essa possibilidade de ter algo lá muito provavelmente algum governo mais influente foi investigar por conta própria, se encontraram alguma coisa inexplicável pode ter certeza absoluta que isso não chega as mãos do público tão cedo. 🤔

  RESPONDER

Muitas gente não sabe mas no princípio o egito era formado por deferentes raças de seres humanos tinha pelo menos três raça deferente no Egito a serpente a águia e os cães estes conhecerá o sol e adoraram e sol se misturou com Egito e o espírito de Deus estava no Egito ,o espírito de Deus é gente filhos de Adão filha de Deus

  RESPONDER

(Comentários no vídeo: Mistérios do Egito| Alienígenas do Passado| History)

Se tratando de Atlântida, a maior parte dos comentários é de pessoas que acreditam haver algum grau de veracidade na história, embora existam aqueles que preferem a teoria de que a cidade não passa de uma alegoria criada por Platão.

Sempre achei a história sobre a Atlântida fascinante! E acredito que tenha existido sim. Se encontraram vestígios da existência de Troia, é bem capaz de encontrarem tb sobre a Atlântida um dia

 31  RESPONDER

[Ver 3 respostas](#)

Parabéns mundo desconhecido, a cada vídeo, excelentes conteúdos... Muito enriquecedor aprimorando cada vez mais os meus conhecimentos!!! Valeu. Um grande abraço a equipe desse canal. 😊 😄 🙌 🙌 🙌

 20  RESPONDER

Maravilhosa história. Acredito que Atlântida de fato existiu. Parabéns Mundo Desconhecido pelo excepcional conteúdo dos seus vídeos!! Sou fã desse canal!!

 3  RESPONDER

TALVEZ, Atlântida seja ,na verdade, uma "pálida" lembrança dos povos antigos do mundo pré diluviano.

 5  RESPONDER

Eu acredito sim pois tem tantas cidades a vários metros de profundidade e uma delas com certeza é Atlântida!

 3  RESPONDER

A Atlantida existiu na Amazonia. É por isso que existem tantas lendas na Amazonia sobre civilizações antigas que desapareceram encobertas pela floresta. Vejam a lenda de Akakor e a lenda da cidade do ano 3000. Isso é a minha opinião.

  RESPONDER

Acredito que existiu si.Acredito que tenha existido. Com certeza foi destruída pelas águas do mar.

 12  RESPONDER

(Comentários no vídeo: Atlântida realmente existiu? Conheça a real história por trás dessa misteriosa cidade)

Sou apaixonada desde criança por arqueologia e história de civilizações antigas. Tenho estudado e feito pesquisas a respeito. E posso dizer que Atlanta existiu sim. O Egito e a Grécia antiga, foram fundadas por alguns poucos sobreviventes de Atlanta.

(Comentário do vídeo: Finalmente descoberta a localização da Cidade Atlântida - documentário 1ª parte)

Podemos crer que Atlântida é mais uma forma de contar do Dilúvio - esta história é contada por vários povos como assírios(Gilgamesh) e até ente os tupis. Um detalhe interessante é que a história de Atlântida fala numa DECADÊNCIA dos homens antes dessa cidade ter sido afundada nas águas(o que lembra muito o relato da Bíblia).

👍 24 🗨️ RESPONDER

(Comentário no vídeo: DOC: Atlântida - O Mistério dos Minóicos [Falado PT])

Ao que tudo indica, Atlântida parece ser mesmo uma alegoria. Platão; a única fonte sobre este lugar, pode ter romantizado e se inspirado em navegantes e navegações. Como que uma cidade desse porte e portuária, os portos fazem a economia de uma região girar, é totalmente ignorada por outros escritores contemporâneos a ele? Existem antigos relatos de habitantes da Itália, da Turquia, do Egito, Israel, Mesopotâmia da Líbia, Marrocos, Portugal, Espanha de buscarem algum tipo de mercadoria ou especiaria neste porto de Atlantida? O que esses países citados acima tem a ver? É que todos eles, estão um de cara pro outro ali dentro da bacia do Mediterrâneo onde o Porto de Atlantida se encontrava, são muito próximos pra alguma civilização da região ignorar e só um único filósofo grego citar e "decantar em prosa e versos". (É óbvio que esses países ou a maioria deles existiam com outros nomes). A onda de choque causada pela erupção vulcânica que foi sentida no Egito, não era pra no mínimo ter varrido a Grécia, Turquia, e outras localidades do mapa, já que estas estariam mais próximas de Atlantida do que o próprio Egito? Sem contar com a sociedade "aberta e igualitária" para aqueles tempos. Qual batalha sob o comando de qual rei Atlantida venceu e qual povo subjugou, já que eram guerreiros? Quais as consequências do imperialismo Atlante, foram deixados no mundo contemporâneo a ela, como cultura, escrita, gastronômica e etc? Alianças políticas e militares com alguém do mediterrâneo?

Mostrar menos

👍 5 🗨️ RESPONDER

(Comentário no vídeo: Atlântida - A Cidade Perdida)

Esse tema também foi o segundo mais popular dentre as hipóteses da conspiração. Apesar de existirem especulações mais mirabolantes sobre a civilização perdida, as teorias de que o mito de Atlântida foi baseado em uma sociedade anterior a Platão (como os minóicos) e seus vestígios se encontram submersos em algum lugar do oceano tem uma base sólida de crenças.

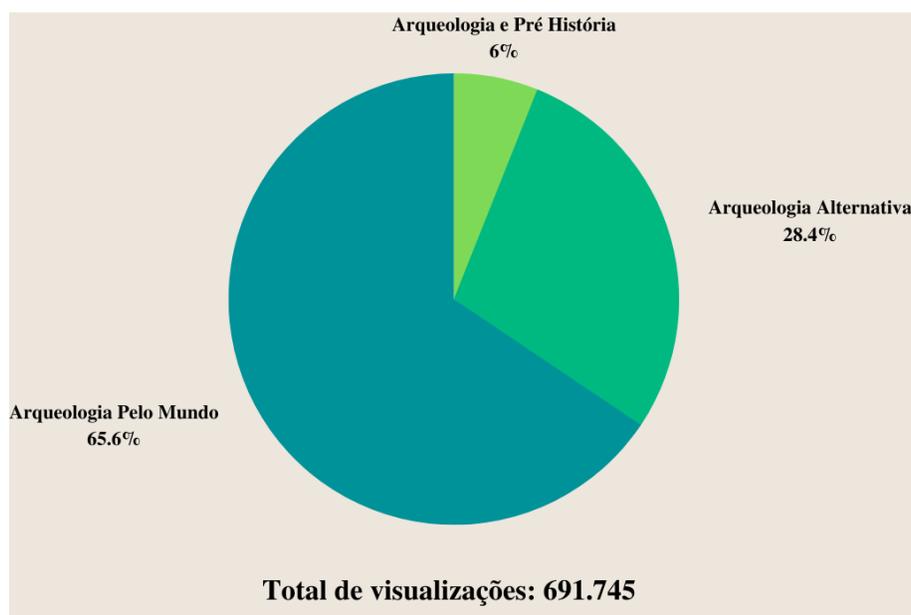
Já a divulgação científica foi a categoria menos popular dentre as estudadas, somando apenas 2,5% das visualizações totais. Há de se considerar que, ao contrário dos outros tópicos, a análise aqui foi feita selecionando os vídeos mais populares dos três canais arqueológicos, em vez de toda a plataforma. Mas como esses canais são os mais populares sobre arqueologia científica, a comparação ainda é válida.

Um dos motivos pelos quais o número de visualizações nesta categoria é menor do que os outros pode ser a situação oposta daquela observada nas hipóteses da

conspiração: a especialização do conteúdo. Embora nos três canais exista uma variação de temas arqueológicos, o fato dos apresentadores se colocarem enquanto divulgadores científicos faz com que eles foquem em sua área profissional, atraindo apenas o público que tem interesse na arqueologia.

Além disso, como observado por Santos (2021) em sua dissertação, demora até que esses divulgadores consigam se sustentar apenas com essa atividade. Frequentemente, além do trabalho no *Youtube*, esses profissionais ainda atuam como pesquisadores, professores e trabalhadores de suas respectivas áreas. Fazer a pesquisa, roteiro, gravação e edição dos vídeos leva tempo e requer posse e habilidade de usar equipamentos de imagem e som. Existem maiores chances de um canal crescer se o conteúdo for de qualidade (em termos técnicos), mas para que esse padrão seja alcançado, é necessário tempo e recurso, e nem sempre os divulgadores conseguem passar desse estágio inicial.

Apesar disso, é possível observar um gradual crescimento nos três canais científicos se comparados ao início dessa pesquisa, com destaque especial para o Arqueologia Pelo Mundo. Esse canal sozinho, além de ter o maior número de inscritos por uma margem enorme (cerca de 74 mil inscritos de diferença em relação aos outros), é responsável por mais de 65% das visualizações totais.



(Gráfico de visualizações da divulgação científica. Elaboração própria)

Provavelmente um dos motivos pelo qual o canal de Márcia Jamille possui maior sucesso do que os demais em atingir um público mais amplo é o foco na egiptologia. Com inúmeros filmes, jogos e geral fascínio popular pelo Egito antigo, não é surpreendente que as pessoas procurem mais informações sobre essa civilização. Márcia inclusive fala sobre isso em um dos vídeos, um fenômeno chamado egiptomania.

O Egito com suas tumbas, templos e múmias já tinha chamado a atenção de viajantes gregos e romanos na antiguidade, que fascinados, viam a terra dos faraós como um lugar com uma aura de mistério e magia, mas não se preocupando em conhecer suas características culturais mais básicas. Isso se seguiu mesmo séculos depois com a invasão francesa ao Egito através da incursão militar de Napoleão Bonaparte, [...] desencadeando um fenômeno forte ainda hoje: a chamada egiptomania. Enquanto a egiptologia é o estudo científico do passado egípcio, que requer reflexões e debates teóricos, além da tradução e discussão acerca dos hieróglifos egípcios, **a egiptomania é a reinterpretação do passado egípcio para fins de entretenimento, comercial ou social**. O grande problema dela é que por vezes a civilização egípcia é apresentada de forma equivocada. Ela tem relação com a imaginação, as interpretações pessoais ou senso comum, ignorando por vezes as pesquisas da egiptologia (MÁRCIA JAMILLE Amuletos Egípcios | Ankh, Wedjat, deuses, Livros dos Mortos e etc, 2017).

Mas além do tema popular, a apresentadora redirecionou seu foco para o trabalho com divulgação científica uma vez que questões médicas a impediram de ir à campo<sup>7</sup>. O resultado disso chegou quando foi convidada a fazer parte do *ScienceVlogsBrasil* e, em 2018, foi uma das ganhadoras do *Youtube Next Up*<sup>8</sup>, o que atraiu atenção para o canal e permitiu que ele crescesse mais rapidamente. Ademais, os vídeos do Arqueologia Pelo Mundo são mais bem produzidos em um nível técnico do que os outros canais analisados, com o uso de materiais que tornam o conteúdo mais dinâmico e podem agradar o público.

Muito legal você ter colocado as referências de cada imagem, primeira vez que vejo isso no youtube, muito útil e profissional!  
Adorei o vídeo!

 4  RESPONDER

Que vídeo sensacional! Amei! Adoro todos os vídeos do "Arqueologia Egípcia" mas, na minha opinião, esse é o melhor. 😊❤️💕  
Agora tenho uma melhor noção do quanto os antigos egípcios eram religiosos e supersticiosos. Márcia, como você confeccionou as réplicas dos amuletos? Ficaram incríveis! 😊

 12   RESPONDER

[Ver resposta de Arqueologia pelo Mundo](#)

Comentários no vídeo: Amuletos Egípcios | Ankh, Wedjat, deuses, Livros dos Mortos e etc

<sup>7</sup>Depoimento de Márcia Jamille em: <https://www.youtube.com/watch?v=laHLaz0IZ3M>

<sup>8</sup>Concurso desenvolvido pelo Youtube a fim de premiar criadores que trazem conteúdo inovador. O prêmio não é em dinheiro, mas sim oficinas, aulas e equipamentos para que os *youtubers* possam aplicar seus conhecimentos em vídeos futuros e fazer o canal crescer.

E ainda que egiptologia seja o tema que aparece com maior frequência no canal, não é raro que vídeos de outras áreas sejam postados. Márcia Jamille alcançou *status* de referência sobre arqueologia na plataforma, trazendo notícias sobre descobertas, resenhando séries, livros e filmes, tirando dúvidas de seus inscritos e desmentindo mitos sobre a profissão, mesmo quando não se trata do Egito (o caso mais recente foi seu comentário sobre as “pirâmides” encontradas na Amazônia).

Desde já, peço que perdoe minha ignorância masssss...  
Tenho a impressão de que muitos "mistérios" sejam mantidos justamente para assegurar o interesse pelo assunto...o "mistério" pelo "mistério"!  
Creio que os recursos tecnológicos atuais são capazes de desvendar, se não todos, a maioria desses "mistérios"...  
Porém...tudo nos é revelado em gotas...

Mostrar menos

👍 24 🗨️ RESPONDER

▲ Ocultar resposta

 **Arqueologia pelo Mundo** há 2 anos

Antes fosse isso, mas vai por mim: ou é falta de verba para a pesquisa mesmo ou falta de ferramentas para análises. Pesquisas arqueológicas infelizmente não são este glamour, aventura e "mistério" todo que aparece na TV.

👍 17 🗨️ RESPONDER

(Comentários no vídeo: A Múmia de Akhenaton Foi Encontrada?)

E ainda que o Arqueologia Alternativa e Arqueologia e Pré-História não tenham o mesmo alcance, o conteúdo postado pelos canais também impactaram sua audiência, atingindo o objetivo de levar a arqueologia para um público mais amplo, sendo até mesmo transmitido em salas de aula:

Nossa! Você me ajudou muito.

Sou professor de história (e pré história é muito ruim de ensinar pq não somos treinados em arqueologia).

No livro didático diz que os povos sambaquis são primitivos. Mas o que você disse é que eles eram até avançados! 😊 buguei

Mostrar menos

👍 1 🗨️ 🍀 RESPONDER

(Comentário no vídeo: O que são sambaquis?)

Oi, Cris. Amei o seu trabalho, muito detalhado. Uma rica fonte de estudo para entender a história da arte rupestre brasileira. Sou professora e gostaria de divulgar esse link em uma de minhas propostas pedagógicas para que meus alunos tenham acesso a esse conhecimento. Você permite que eu compartilhe o link de acesso ao vídeo com a turma? aguardo pela sua resposta.

👍 5 🗨️ 🍀 RESPONDER

▼ Ver resposta de Cris Amarante - Arqueologia Alternativa

(Comentário no vídeo: O que é arte rupestre brasileira?)

Minha professora de artes recomendou 3 vídeos seu para fazer um trabalho (estamos estudando arte rupestre). Eu sinceramente não gostava muito de artes mais agora passei a amar! Você explica muito bem, parabéns!!

 1   RESPONDER

[Ver resposta de Cris Amarante - Arqueologia Alternativa](#)

Comentário no vídeo: 5 Sítios Arqueológicos Brasileiros que você deveria conhecer

E também contribuem para tirar dúvidas sobre como fazer arqueologia no Brasil:

Sou formada em arquitetura e tenho muita vontade de fazer um mestrado na área de arqueologia! Obrigada pelas dicas, adorei o vídeo!! Beijos

 3   RESPONDER

(Comentário no vídeo: 10 dicas para se tornar um arqueólogo (a))

Muito Bom! Pretendo me tornar arqueólogo e esse canal está me motivando bastante. Obrigado.

 11   RESPONDER

(Comentário no vídeo: Especial André Prous)

Gostei muito , vocês são grandes comunicadores ! Fui lá no site e tirei todas as dúvidas que eu tinha sobre o tema , tudo muito bem organizado. obrigado a toda a equipe .

 2   RESPONDER

Estou cursando o segundo ano do ensino médio. Tive interesse em arqueologia pela primeira vez no nono ano. Mas fiquei confusa em qual faculdade escolher. Agora já me decidi que será arqueologia. Estou interessada na FURG, do Rio Grande. O canal de vocês tem me ajudado muito, obrigada ❤️

 20  RESPONDER

(Comentários no vídeo: Dicas para se tornar arqueólogo(a) no Brasil)

Embora ocupem o último lugar, a popularidade dos vídeos de divulgação científica arqueológica vem crescendo, mesmo que lentamente. Além dos três canais selecionados para análise neste trabalho, novos profissionais, empresas, universidades e institutos de pesquisa arqueológica estão passando a ocupar o espaço do *Youtube* e a tendência é que esse número aumente.

## 9. Conclusão

Ao final dessa pesquisa, é possível concluir que a arqueologia tem muito a se beneficiar da apropriação dos espaços nas redes sociais, especificamente o *Youtube*. É uma plataforma com muitos usuários e, de acordo com os dados coletados, parte desse público tem interesse na disciplina e nos conhecimentos

associados à ela. Seu potencial como divulgação científica, porém, ainda é subutilizado.

Na amostra selecionada para análise, a arqueologia é representada como algo fascinante, uma maneira de desenterrar o passado e descobrir mais sobre nós mesmos e o mundo em que vivemos. A forma como essa representação acontece, no entanto, varia de acordo com o interesse dos criadores de conteúdo. A maior parte dos vídeos mais recentes presentes na plataforma, não se encaixam totalmente nas categorias aqui apresentadas. Eles estão em formato de lista, uma espécie de notícia informal, apresentando à audiência uma série de achados de artefatos e monumentos antigos e exóticos, geralmente estrangeiros e com um “quê” de mistério que lembra muito a arqueologia representada no cinema.

Na arqueologia bíblica, é uma ferramenta que pode comprovar o que é dito no texto sagrado e reafirmar a fé daqueles que o seguem. Nas demais hipóteses da conspiração, é um instrumento com potencial desperdiçado, uma vez que poderia estar trabalhando para descobrir vestígios da existência de visitantes de outro planeta ou grandes civilizações perdidas no passado se estivesse livre das amarras das convenções acadêmicas. Em ambos os casos, as buscas arqueológicas são voltadas para um passado distante em tempo e espaço, igualmente focado em artefatos exóticos e grandes construções. Considerando que esses conteúdos contam com a esmagadora maioria das visualizações, é possível dizer que essa visão da arqueologia é mais amplamente propagada no *Youtube*.

Já na divulgação científica, os profissionais apresentam a arqueologia como uma área multidisciplinar, com potencial para descobrir sobre nosso passado e, embora longe do glamour e aventura que estamos acostumados a ver nas grandes mídias, pode ser empolgante. A maioria também admite que, uma vez que o trabalho arqueológico se sustenta em vestígios, nem sempre é possível ter certeza de tudo, além de admitirem existir opiniões controversas na academia apesar das convenções aceitas pela maioria. Mesmo com essas ressalvas, os apresentadores focam em repassar os resultados da pesquisa, pulando as várias etapas do processo de produção do conhecimento arqueológico. Portanto, a forma de divulgação ainda é muito parecida com a do modelo contextual, na qual os profissionais transmitem o conhecimento para sua audiência ainda que haja o potencial para discussões nos comentários.

De qualquer forma, o objetivo de alcançar diferentes públicos, atrair novas pessoas para a arqueologia e elucidar dúvidas e equívocos comuns a respeito da disciplina está sendo cumprido em um grau cada vez maior de sucesso, a julgar pelo crescimento dos canais e da divulgação científica arqueológica no *Youtube*. As pessoas procuram saber como entrar em contato com esses profissionais para transmitir esse conhecimento na sala de aula, contar sobre uma pesquisa arqueológica perto de onde moram ou para saber o que fazer caso encontrem algum artefato ou sítio.

O que se percebe com essa pesquisa é que a audiência está disposta a assistir vídeos mais longos se a forma de passar o conteúdo for cativante o suficiente, além dos detalhes técnicos de som e imagem que afetam sua qualidade. A forma de narrar, o cuidado na edição, uso de imagens, objetos e outros elementos dinâmicos estão presentes na maioria dos vídeos mais populares de cada categoria, mesmo aqueles com duração maior. E com isso, retomamos um dos problemas com a divulgação científica que é a falta de recursos fornecidos aos profissionais que se especializam na interação com o público. Produzir conteúdo de qualidade e com frequência requer tempo e financiamento, e nem sempre é possível conciliar essa atividade com todas as outras responsabilidades da profissão.

A demanda para arqueologia científica existe, o que falta na maioria dos casos é entender a linguagem do *Youtube*. Simplesmente postar na plataforma sem que haja adaptação ao formato da rede social e ao público que a utiliza não contribui muito no sentido de fazer com que esse conteúdo alcance uma audiência mais ampla. Essa pesquisa toca apenas na ponta do *iceberg*, existe uma infinidade de outros vídeos e temas que não puderam ser abordados aqui e merecem um olhar mais aprofundado. Apesar disso, espero que tenha contribuído para compreender, pelo menos em parte, de que forma o *Youtube* tem sido e ainda pode ser usado por profissionais da arqueologia como uma forma de se comunicar com o público.

## 10. Referências bibliográficas

- ABU-FADIL, Magda. **Combate à desinformação e à informação incorreta por meio da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI)**. in: *Jornalismo, Fake News & Desinformação: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo*. Paris. UNESCO, 2019.
- ALBUQUERQUE, Afonso de; QUINAN, Rodrigo. **Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal “professor terra plana”**. *Revista Mídia e Cotidiano*. Vol.13, N.3, dezembro de 2019
- BARRETO, Cristiana. **A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da Arqueologia no Brasil**. *Revista Usp. Dossiê antes de Cabral Arqueologia Brasileira I*. São Paulo, n. 1, (dez,jan, fev), 1999-2000. p. 23-51,
- BROSSARD, Dominique.; LEWENSTEIN, Bruce. V. **A Critical Appraisal of Models of Public Understanding of Science: Using Practice to Inform Theory**. *Communicating Science: New Agendas in Communication*. Routledge, 2010. p. 11–39.
- CARVALHO, Aline Vieira de.; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia e Patrimônio no Século XXI: As perspectivas abertas pela arqueologia pública**. III Encontro de História da Arte-IFCH/UNICAMP, 2007, p.133-140.
- CLINE, Eric H. **Biblical Archaeology: A Very Short Introduction**. Oxford University Press, 2009.
- DERRICOURT, Robin. **Pseudoarchaeology: the concept and its limitations**. *Antiquity*, Vol 86, no. 332, 2012, p. 524 - 531
- DINIZ, Mariana. **A arqueologia pós-processual ou o passado pós-moderno**. Ophiussa. *Revista do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa*, 0. Lisboa, 1996, p.9-19.
- DUARTE, Jacqueline Boechat. **Um megazord contra a anticiência: a ciência e a divulgação científica no Science Vlogs Brasil**. Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde da Casa de Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.
- FEDER, Kenneth L. **Answering Pseudoarchaeology**. in: *Lost city, found pyramid: understanding alternative archaeologies and pseudoscientific practices*. University of Alabama Press, 2016.
- FEDER, Kenneth L. **Encyclopedia of dubious archaeology: From Atlantis to the Walam Olum**, Greenwood, 2010.
- FEDER, Kenneth L. **Frauds, Myths, and Mysteries: Science and Pseudoscience in Archaeology**. 8ª edição. McGraw-Hill Education, 2013.
- FERNANDES, Tatiana Costa. **Vamos criar um sentimento? Um olhar sobre a arqueologia pública no Brasil**. Dissertação (mestrado) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007
- FONTES, Daniel. T. M. **Uma comparação das visualizações e inscrições em canais brasileiros de divulgação científica e de pseudociência no YouTube**. *JCOM – América Latina* 04 (01), 2021. <https://doi.org/10.22323/3.04010201>.

- GONZÁLEZ, Pablo Alonso. **Between Certainty and Trust: Boundary-Work and the Construction of Archaeological Epistemic Authority.** *Cultural Sociology*, vol. 10, no. 4, 2016, p. 483–501.
- HEINRICH, Paul. **The Mysterious “Spheres” of Ottosdal, South Africa.** *Reports of the National Center for Science Education*, Vol, 28, 1, pp. 28-33, 2008
- HOLTORF, Cornelius. **Archaeology is a Brand!** Oxford: Archeopress, 2007.
- HOLTORF, Cornelius. **From Stonehenge to Las Vegas: Archaeology as popular culture.** Oxford: Altamira, 2005.
- IRETON, Cheryl; POSETTI, Julie. **Jornalismo, Fake News & Desinformação: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo.** Paris. UNESCO, 2019.
- MERRIMAN, Nick. **Introduction: diversity and dissonance in public archaeology** *in*: MERRIMAN, Nick. *Public Archaeology*. London: Routledge, 2004. p. 01 – 17.
- MORENO DE SOUSA, João Carlos. **Internet Use for Archaeological Education.** *In*: Smith C. (eds) *Encyclopedia of Global Archaeology*. Springer, Cham. 2018. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-51726-1\\_2533-1](https://doi.org/10.1007/978-3-319-51726-1_2533-1).
- NOVAES, Allan Macedo de. **A ciência na pós modernidade: a falência das metanarrativas e suas implicações na construção do paradigma científico contemporâneo.** *Acta Científica. Ciências Humanas*, v. 1, n. 12, p. 9–21, 2007.
- OLIVEIRA, Thaiane. **Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais.** *Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos*. Vol. 22, no. 1 2020, p. 21-35
- REALE, Manuella Vieira. **O sabor do saber: Divulgação científica em interação no YouTube.** Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2018.
- RIBEIRO, Loredana Marise Ricardo. **Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: sobre resistir na ciência.** *Revista de Arqueologia*, [S. l.], vol. 30, n. 1, 2017, p. 210–234.
- SANTOS, David Ayrolla dos. **“Fala, galera”: quem são e o que pensam divulgadores científicos brasileiros no YouTube.** Dissertação de mestrado, Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021.
- SILVA, Bruno Sanches Ranzani da. **Das ostras, só as pérolas: arqueologia pública e arqueologia subaquática no Brasil.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.
- SILVA, Rui Sampaio da. **Pseudociência.** *in*: *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2019.
- SILVA, Sandra. **Teorias da Conspiração: Sedução e Resistência a partir da Literacia Mediática.** Mestrado em Ciências da Comunicação. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.
- SUNSTEIN, Cass R; VERMEULE, Adrian. **Conspiracy Theories: Causes and Cures.** *The Journal of Political Philosophy*: Vol. 17, N.2, p. 202–227. 2009.
- TÉGA-CALIPPO, Glória M.V. **Arqueologia em notícia: pesquisas impressas, sentidos circulantes e memórias descobertas.** Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.

TÉGA-CALIPPO, Glória M.V. **Arqueologia nas redes sociais: o passado representado em tempos de pandemia.** Revista de Arqueologia. vol 35. no 1. 2022, p. 205–222.

TRIGGER, Bruce G. **História do Pensamento Arqueológico.** 2ª edição. São Paulo: Odysseus, 2011.

ZANETTINI, Paulo. **Indiana Jones deve morrer.** Jornal da Tarde, São Paulo, Maio de 1991.

**Cresce o uso de Internet durante a pandemia e número de usuários no Brasil chega a 152 milhões, é o que aponta pesquisa do Cetic.br** Disponível em: ><https://cetic.br/pt/noticia/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/>< Acesso em 4 de março de 2022.

**Digital 2022: Another year of bumper growth.** Disponível em: ><https://wearesocial.com/uk/blog/2022/01/digital-2022-another-year-of-bumper-growth-2/>< Acesso em 10 de março de 2022.

**O YouTube como plataforma de conexão em tempos de isolamento.** Disponível em: ><https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/o-youtube-como-plataforma-de-conexao-em-tempos-de-isolamento/>< Acesso em 10 de março de 2022.

#### **Lista de vídeos:**

ARQUEOLOGIA E PRÉ HISTÓRIA. **Arqueologia em escavação #1 - Arqueologia histórica em jacarépaguá RJ com Silvia Peixoto.** Youtube, 15/12/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UCAsjUyX4vY>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA E PRÉ HISTÓRIA. **Arqueologia histórica com Dr Luis Cláudio Symanski.** Youtube, 11/11/2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nKdE3Bq3lyM>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA E PRÉ HISTÓRIA. **Dicas para se tornar arqueólogo(a) no Brasil** Youtube, 25/08/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q1yaOnLyx84>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA E PRÉ HISTÓRIA. **Povoamento das Américas, com Dr. Bruce Bradley.** Youtube, 13/10/2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PAEjoVTulgg>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA E PRÉ HISTÓRIA. **Especial André Prous.** Youtube, 08/11/2016 Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=FPOlu6J\\_LzU](https://www.youtube.com/watch?v=FPOlu6J_LzU)> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA E PRÉ HISTÓRIA. **Especial Tânia Andrade Lima.** Youtube, 01/05/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=efDTdHs6JY8>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA E PRÉ HISTÓRIA. **Bioantropologia, com Dr. Pedro da Gloria.** Youtube, 04/11/2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1teXDaPhraM>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA E PRÉ HISTÓRIA. **Paleontologia, com Dra. Aline Ghilardi & Tito Aureliano (Colecionadores de Ossos).** Youtube, 12/11/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6lIRu90THfQ>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA E PRÉ HISTÓRIA. **Arqueologia em Experimentação #3 - Como fazer uma adaga de obsidiana?** Youtube, 17/06/2019. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=SwJp-xQ2\\_xk](https://www.youtube.com/watch?v=SwJp-xQ2_xk)> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA E PRÉ HISTÓRIA. **Geoglifos e SIG na Amazônia, com Thiago Trindade.** Youtube, 23/11/2013. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=pti\\_4Asy1Rk](https://www.youtube.com/watch?v=pti_4Asy1Rk)> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA ALTERNATIVA. **O que são sambaquis?** Youtube, 26/05/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r2KdHyxXI7c>> Acesso em abril de 2022

ARQUEOLOGIA ALTERNATIVA. **O que é pedra de raio?** Youtube, 20/01/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=97Eg5iGFsqs>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA ALTERNATIVA. **O que é arqueologia?** Youtube, 22/07/2017. Disponível em ><https://www.youtube.com/watch?v=iplG8sBhHs4>< Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA ALTERNATIVA. **O que é sítio arqueológico?** Youtube, 30/06/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fvrhdsLD9as>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA ALTERNATIVA. **10 dicas para se tornar um arqueólogo.** Youtube, 8/11/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xft8Lc5iaB8>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA ALTERNATIVA. **O que é arte rupestre?** Youtube, 24/10/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hZXrFNyTSaQ>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA ALTERNATIVA. **Sítio arqueológico: qual o nome do sítio?** Youtube, 16/09/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=piBHJMawPi0>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA ALTERNATIVA. **Cachoeira e São Félix – BA: como é a arqueologia em cidades históricas?** Youtube, 18/01/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tCz1NNISepc>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA ALTERNATIVA. **5 sítios arqueológicos brasileiros que você deveria conhecer.** Youtube, 14/07/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mewh07O-83Y>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA ALTERNATIVA. **O que é arte rupestre brasileira?** Youtube, 10/10/2018. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_iCmkjL0qdQ](https://www.youtube.com/watch?v=_iCmkjL0qdQ)> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA PELO MUNDO. **A Múmia de Akhenaton Foi Encontrada?** Youtube, 22/11/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u6A7ee9nRqA>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA PELO MUNDO. **Dezenas de SARCÓFAGOS Encontrados!** Youtube, 14/11/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=74LKVRRq5Lw>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA PELO MUNDO. **Mumificação no Egito Antigo.** Youtube, 29/03/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7yimyPICsN0>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA PELO MUNDO. **Nefertiti e Akhenaton | Rainha e Faraó | #EgitoAntigo** Youtube, 23/01/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1Q2nRNeJV6Y>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA PELO MUNDO. **Deuses do Egito Antigo: O que você precisa saber! #0** Youtube, 30/12/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7IZn8s3GzIE>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA PELO MUNDO. **Amuletos Egípcios | Ankh, Wedjat, deuses, Livros dos Mortos e etc.** Youtube, 05/06/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9cUdVkd3GAk>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA PELO MUNDO. **Cine Arqueológico #3: "TUT", uma série inspirada no faraó Tutankhamon (2015) | Rei Tut.** Youtube, 30/10/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jV2933ChgH4>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA PELO MUNDO. **7 curiosidades sobre o faraó Tutankhamon.** Youtube, 04/11/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A7Y-T5jB5yw>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA PELO MUNDO. **Arquitetura egípcia | Pirâmides, moradias e o Vale dos Reis.** Youtube, 29/10/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B2764kpl7RM>> Acesso em abril de 2022.

ARQUEOLOGIA PELO MUNDO. **Perguntas #2 Quanto ganha um arqueólogo e vendas de artefatos.** Youtube, 09/09/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RrzaQsj5AuM>> Acesso em abril de 2022.

NERDOLOGIA. **Alienígenas no passado? | Nerdologia.** Youtube, 06/02/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6euGmce4exY>> Acesso em maio de 2022

CANAL HISTORY BRASIL. Youtube, **MISTÉRIOS DO EGITO | ALIENÍGENAS DO PASSADO | HISTORY.** 06/03/2017. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=l\\_gNy7CK2y4](https://www.youtube.com/watch?v=l_gNy7CK2y4)> Acesso em maio de 2022

FATOS DESCONHECIDOS. **Os deuses do passado eram ALIENÍGENAS - E SE FOR VERDADE.** Youtube, 01/05/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P4CFtTXwb1M>> Acesso em maio de 2022

ALIENS DO PASSADO. **Alienigenas do passado T9 EP11 Dublado.** Youtube, 15/11/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZoOTOaVRuZM>> Acesso em maio de 2022

CANAL HISTORY BRASIL. **TUMBA SECRETA EM MACHU PICHU | ALIENÍGENAS DO PASSADO | HISTORY.** Youtube, 05/03/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JUCV6V47wMw>> Acesso em maio de 2022

B.M.P. **Alienigenas do Passado - T03E16 Dublado.** Youtube, 22/11/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ON6Wc-BH9tl>> Acesso em maio de 2022

QUER QUE DESENHE. **Quer que desenhe? Alienigenas do passado.** Youtube, 20/08/2013. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=G\\_6vzOBlmoY](https://www.youtube.com/watch?v=G_6vzOBlmoY)> Acesso em maio de 2022

DOC MUNDI. **Alienígenas do Passado | Ep.00** Youtube, 05/11/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5QwBFmoaCGk>> Acesso em maio de 2022

CANAL HISTORY BRASIL. **Como eles conheciam Sirius? | ALIENÍGENAS DO PASSADO | HISTORY.** Youtube, 22/10/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FA4NX4Y-jZY>> Acesso em maio de 2022

CANAL HISTORY BRASIL. **ALIENÍGENAS DO PASSADO - A Grande Pirâmide.** Youtube, 24/09/2013 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HT8k5QDy3m0>> Acesso em maio de 2022

AREA 51 CANAL. **Arqueologia Proibida.** Youtube, 04/08/2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2I2BlkvNem4>> Acesso em maio de 2022

PAULO. **Arqueologia Proibida - Segredos Arqueológicos incômodos para a Ciência.** Youtube, 08/11/2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8659qT4KT8c>> Acesso em maio de 2022

MUNDO PROIBIDO. **ARQUEOLOGIA PROIBIDA #1 A HISTÓRIA QUE NÃO TE CONTAM.** Youtube, 24/11/2017 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d0smz-sKNjo>> Acesso em maio de 2022

MEDOS E SEGREDOS. **Misterios inexplicaveis- Arqueologia proibida.** Youtube, 30/12/2013. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=00\\_F8MEgMhc](https://www.youtube.com/watch?v=00_F8MEgMhc)> Acesso em maio de 2022

MEDOS E SEGREDOS. **Misterios inexplicaveis- Arqueologia proibida parte 2.** Youtube, 17/12/2014 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zM8GjYJWDxg>> Acesso em maio de 2022

DR. MISTÉRIO. **A cabeça de pedra gigante da Guatemala - Arqueologia Proibida.** Youtube, 28/03/2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EbUITizLayl>> Acesso em maio de 2022

ESOTERICA LUX AETHERNA. **A História Secreta da Raça Humana - Michael Cremo.** Youtube, 25/02/2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WbMEc2ozs90>> Acesso em maio de 2022

MUNDO PROIBIDO. **OPINIÃO PROIBIDA: Existiram civilizações antigas com tecnologia avançada (PARTE 2).** Youtube, 22/08/2019. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Y4KR\\_DFJiKw](https://www.youtube.com/watch?v=Y4KR_DFJiKw)> Acesso em maio de 2022

MUNDO PROIBIDO. **Existiram civilizações antigas com tecnologia avançada? (OPINIÃO PROIBIDA).** Youtube, 20/08/2019 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KeUaA3hXk1Y>> Acesso em maio de 2022

OPERADOR UFOS. **Arqueologia Proibida - Objetos fora do seu tempo - Ooparts.** Youtube, 27/03/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=csxC-g-EWLU>> Acesso em maio de 2022

VOCÊ SABIA? **ATLÂNTIDA - Você Sabia?** Youtube, 08/05/2014 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=47C-A8MtJZ0>> Acesso em abril de 2022

MUNDO PROIBIDO. **FINALMENTE Descoberta Localização da Cidade Atlântida - DOCUMENTÁRIO 1ª PARTE.** Youtube, 25/11/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2p01C1yabbY>> Acesso em abril de 2022

FATOS DESCONHECIDOS. **A CIVILIZAÇÃO PERDIDA EMBAIXO DA ANTÁRTIDA - E SE FOR VERDADE.** Youtube, 30/09/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PhNQQbuCkC4>> Acesso em abril de 2022

FATOS DESCONHECIDOS. **Atlântida, o Reino Perdido!** Youtube, 22/04/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q8YnPBDQTRo>> Acesso em abril de 2022

DOCUMENTÁRIOS PTFELICITAS. **DOC: A Atlântida - O Mistério dos Minóicos [Falado PT].** Youtube, 07/11/2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pqSIS64rHDE>> Acesso em abril de 2022

INCRÍVEL. **Finalmente encontraram a cidade perdida de Atlântida?** Youtube, 11/10/2018. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=5v6\\_02fszCQ](https://www.youtube.com/watch?v=5v6_02fszCQ)> Acesso em abril de 2022

MUNDO PROIBIDO. **Atlântida REVELADA Antigo MAPA prova que Cidade Perdida estava debaixo de nosso nariz 2ª PARTE.** Youtube, 11/05/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aW1JgJiOXyQ>> Acesso em abril de 2022

BRAIN TIME. **O QUÊ ACONTECEU COM ATLÂNTIDA?** Youtube, 06/09/2019. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=3uMa4QaZ\\_XQ](https://www.youtube.com/watch?v=3uMa4QaZ_XQ)> Acesso em abril de 2022

FULL HD DOCUMENTÁRIOS. **Atlântida - A Cidade Perdida (FULL HD) (DOCUMENTÁRIO COMPLETO).** Youtube, 08/08/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D4yqcgghPwHo>> Acesso em abril de 2022

MUNDO DESCONHECIDO. **Atlântida realmente existiu? Conheça a real história por trás dessa misteriosa cidade!** Youtube, 19/10/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=87yurOynhVU>> Acesso em abril de 2022

RODRIGO SILVA ARQUEOLOGIA. **O Túmulo de Davi.** Youtube, 19/06/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IADktKaFDMk>> Acesso em maio de 2022

TUDO SEU. **Existência de Jesus Cristo - Todo Seu (16/06/17).** Youtube, 19/06/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ld4wRWEpV5Y>> Acesso em maio de 2022

MUNDO DESCONHECIDO. **Esta descoberta arqueológica pode provar a veracidade da bíblia.** Youtube, 30/11/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1p7576Omdvo>> Acesso em maio de 2022

EVIDÊNCIAS NT. **AS MURALHAS DE JERICÓ - Rodrigo Silva | Evidências NT mil.** Youtube, 01/06/2017. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=E4WXFsyZ\\_H1U](https://www.youtube.com/watch?v=E4WXFsyZ_H1U)> Acesso em maio de 2022

EVIDÊNCIAS NT. **O TANQUE DE BETHESDA - Rodrigo Silva | Evidências NT** Youtube, 06/07/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ee0952atEQw>> Acesso em maio de 2022

FÉ & EVIDÊNCIAS. **Série EVIDÊNCIAS - Dr. Rodrigo Silva. Temporada 3 | Ep. 10: Nos dias de Jesus (parte 1)** Youtube, 29/05/2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MB8kemd2TKE>> Acesso em maio de 2022

DOMINGO ESPETACULAR. **Arqueólogos encontram selo que comprova veracidade de histórias da Bíblia.** Youtube, 27/11/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KfWb3AWiYx0>> Acesso em maio de 2022

RODRIGO SILVA ARQUEOLOGIA. **Conheça a cidade de éfeso.** Youtube, 18/11/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JivSJ5wwZ-Y>> Acesso em maio de 2022

EVIDÊNCIAS NT. **Recentes achados da arqueologia.** Youtube, 27/12/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ddSuxszELN0>> Acesso em maio de 2022

STRAHDCRWNN. **A Travessia do mar vermelho.** Youtube, 07/07/2013. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=x\\_cq8fStRfM](https://www.youtube.com/watch?v=x_cq8fStRfM)> Acesso em maio de 2022